



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**TRANSGERACIONALIDADE E OS MODOS FAMILIARES DE TRANSMITIR
SIGNIFICADOS DO CASAMENTO ENTRE AS GERAÇÕES**

Júnia Denise Alves Silva

UBERABA-MG
2018

Júnia Denise Alves Silva

Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Família

Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin

UBERABA-MG
2018

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

A482t Alves-Silva, Júnia Denise
 Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do
casamento entre as gerações / Júnia Denise Alves-Silva. -- 2018.
 153 f. : il., fig., tab.

 Dissertação (Mestrado em Psicologia) -- Universidade Federal do Triângulo
Mineiro, Uberaba, MG, 2018
 Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin

 1. Família - Aspectos psicológicos. 2. Casamento. 3. Relações familiares.
4. Gerações. I. Scorsolini-Comin, Fabio. II. Universidade Federal do Triângulo
Mineiro. III. Título.

CDU 159.9-055.5/.7

[FOLHA DE APROVAÇÃO]

JÚNIA DENISE ALVES SILVA

**TRANSGERACIONALIDADE E OS MODOS FAMILIARES DE TRANSMITIR
SIGNIFICADOS DO CASAMENTO ENTRE AS GERAÇÕES**

Data da aprovação: ___/___/___

Membros Componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin
Universidade de São Paulo

Membro Titular: Prof. Dra. Cibele Alves Chapadeiro
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Prof. Dra. Denise Falcke
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

*Ao meu pai, Júnior Guerreiro,
que sonhou este momento e o
transmitiu a mim como legado.*

AGRADECIMENTOS

Os dois anos do Mestrado exigiram dedicação e persistência para que eu pudesse concluir essa etapa que era uma meta pessoal e familiar, construída com sonhos de pessoas importantes para mim. Como já é um padrão meu, costumo deixar a melhor parte para o final, bem com aquela ideia de que o gosto bom permaneça por mais tempo. Não foi diferente no processo de escrita dessa Dissertação – deixei os agradecimentos para o final.

Desde que me entendo por gente, a presença de Deus é constante e segura em minha vida. Nossas conversas são frequentes. Estou sempre em busca de me transformar para melhor moralmente e nas relações, atenta para reconhecer os momentos em que há necessidade de reforma pessoal e para quando sinto um reforço de que estou no caminho certo – e não estou só. A esse Deus amoroso e de misericórdia que eu conheço quero agradecer imensamente tantas oportunidades que eu recebi nesta vida para evoluir, viver com dignidade e qualidade. Agradeço a Ele pela minha família maravilhosa e pelas condições que tive de estudar e transformar meu mundo e das pessoas que estão ao meu redor. Deus sabe sobre minhas lutas diárias e a vontade que eu tenho de vencer, por isso agradeço a Ele pelos mínimos detalhes de bênçãos que têm se multiplicado em minha vida, entre elas a conclusão do Mestrado.

Meu agradecimento especial vai para os meus pais, Júnior Guerreiro e Denise Alves, que antes mesmo do meu nascimento já construíam estradas seguras por onde eu poderia passar tranquila, pois eles estariam comigo. E estiveram. E estão. Como bons transmissores de expectativas, meus pais me deram seus nomes próprios e eu não consegui me distanciar dessas heranças. A cada dia que passa me percebo mais e mais parecida com os dois, em suas qualidades e dificuldades, mas especialmente parecida com aquela crença compartilhada do papai e da

mamãe de acreditar que um amanhã melhor se faz com um hoje bem construído - cada um com seu jeitinho particular de fazê-lo.

Meu pai hoje não está presente fisicamente, mas suas falas, risada, jeito alegre e barulhento, sua força e determinação foram eternizados em tantas vivências compartilhadas, em todos os momentos em que ele deixou de fazer para si mesmo para me oferecer uma chance a mais. Valeu a pena todo sacrifício, pai! Nós conseguimos. Para minha mãe não há palavras no mundo que possam traduzir o valor e a solidez da nossa relação. Somos mãe e filha, amigas, irmãs, equilíbrio e sustentação, parceiras em todas as situações, para rir ou chorar, para dar bronca ou conselho. Você é meu equilíbrio, Bonita! Gratidão a Deus por nos permitir um encontro como esse nessa vida de tantas provas. Agradeço também ao meu irmão Juliano por tantos momentos e histórias só nossas, tantas melodias da infância, daquelas que um começa a música e o outro acompanha. “Então vamos juntos” – uma fala que surgiu em um momento de brincadeira, mas que acabou se tornando um fato para nós dois. Quero sua parceria para a vida. Obrigada por acreditar nela.

Ao Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin, meu orientador e amigo que me acompanha desde o início da graduação e que transformou minha vida para melhor em muitos momentos ao longo desses anos. Fabio, você é sensacional. Obrigada pela disponibilidade, pelo interesse real em me ajudar a crescer e a me encontrar enquanto psicóloga e pesquisadora. Sou muito grata por todo o conhecimento compartilhado e pela segurança que sempre transmitiu a mim.

À Família Alves, esse grupo numeroso com quem tenho a honra de conviver, agradeço pelos incontáveis momentos de alegria, afeto positivo e cuidado, além da certeza de que nunca estarei só. Primos-irmãos, tios, avós, não tem lugar melhor no mundo do que estar na companhia de vocês. Agradeço também ao meu padrinho Euclides que sempre se faz presente, sorridente e prestativo, e que traz consigo um pedacinho do meu pai, de quem nós dois temos muita saudade.

Agradeço a todos os meus amigos que alegram meu dia a dia com suas companhias, risadas e parceria. Agradeço a todos os meus pacientes da clínica que me confiam suas histórias e que pacientemente entenderam esse processo do Mestrado. Agradeço à minha psicóloga Karla pelo tempo precioso de psicoterapia que é como um bálsamo em minha vida. Agradeço também às mulheres que participaram deste estudo com boa vontade e que se dispuseram a dividir suas memórias e afetos comigo e com quem mais tiver a oportunidade de ler essa Dissertação.

Meus agradecimentos sinceros à Profa. Dra. Cibele Alves Chapadeiro e à Profa. Dra. Denise Falcke, pelas contribuições enriquecedoras ao longo do Mestrado e pela disponibilidade em sugerir com carinho e atenção. Ambas são pesquisadoras e psicólogas exemplares nas quais me espelho para me construir profissionalmente. Fico honrada em tê-las como banca.

Vamos em frente!

SUMÁRIO

Resumo.....	10
Abstract.....	11
Apresentação da Dissertação.....	12
Estudo 1	
Resumo.....	15
Introdução.....	18
Método.....	20
Resultados.....	23
Discussão.....	26
Considerações Finais.....	48
Referências.....	50
Estudo 2	
Resumo.....	63
Introdução.....	66
Método.....	69
Resultados e Discussão.....	76
Considerações Finais.....	110
Referências.....	112
Considerações Finais da Dissertação.....	121
Referências da Dissertação.....	124
Apêndices	
Apêndice A - Estratégia de busca dos artigos nas bases de dados.....	142
Apêndice B - Roteiro de entrevista semiestruturada.....	146
Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação em projetos de pesquisa.....	150
Apêndice D - Genogramas das famílias entrevistadas.....	152
Anexos	
Anexo A – Parecer de aprovação do projeto de pesquisa.....	154

RESUMO

Considerando-se a influência da família na significação de práticas conjugais e familiares e sua transmissão entre as gerações, o objetivo da presente Dissertação foi investigar o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares. Esta Dissertação foi dividida em dois estudos, um de caráter documental e outro de caráter empírico. O Estudo 1 trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica nacional e internacional, cujo objetivo foi compreender a transmissão transgeracional de elementos entre as gerações das famílias, com foco nas práticas conjugais e familiares. A busca de evidências foi norteada pela pergunta “De que modo são transmitidos os padrões conjugais e familiares entre as gerações?” e realizada nas bases/bibliotecas MEDLINE, LILACS, SciELO, PsycINFO e PePSIC. Foram incluídos artigos publicados em periódicos indexados, em português, inglês e espanhol, publicados entre janeiro/2007 e outubro/2017. Compuseram o *corpus* final 102 estudos, com predomínio do método quantitativo, redigidos em inglês e realizados no Brasil. As produções exploraram aspectos como a família como meio privilegiado de transmissão; aprendizagem de práticas educativas em família; influência familiar na construção dos vínculos afetivos; papel do casamento e processos de adoecimento. As famílias apresentam modos variados de transmitir conteúdos entre as gerações, reforçando a ideia da preexistência de uma história transmitida como um legado familiar e que entrelaça o desenvolvimento individual ao desenvolvimento da família. O Estudo 2 é um estudo de casos múltiplos, de abordagem qualitativa, que investigou o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares. Utilizando-se da entrevista semiestruturada individual e da construção conjunta do genograma familiar, duas famílias foram investigadas. As seis participantes são mulheres, pertencentes a três gerações diferentes e com idades entre 28 e 90 anos. Os dados coletados foram audiogravados e transcritos integralmente para posterior análise de conteúdo temática. As categorias construídas foram: (a) Influência familiar na construção do vínculo conjugal; (b) A construção do feminino e dos papéis sociais – mãe, filha, esposa e profissional; (c) O casamento como um atualizador de heranças familiares. A perspectiva sistêmica foi o referencial teórico utilizado para interpretar os dados. O casamento apareceu como um importante evento na história de vida de todas as entrevistadas, porém com enfoques diferenciados para cada geração, considerando-se as influências socioculturais da época de seus casamentos. A 1ª geração se casou nas décadas de 1950 e 1960, a 2ª geração se casou na década de 1980, enquanto a 3ª geração se casou após os anos 2000. Os resultados destacaram a influência familiar no vínculo conjugal, a construção dos papéis femininos e a transmissão das heranças familiares através das gerações. Os mecanismos encontrados para a transmissão dos significados do casamento foram: aprendizagem de comportamentos ligados ao feminino; compartilhamento de experiências cotidianas; tradições familiares; padrões relacionais reforçados na família e socialmente. O poder facilitador ou limitante dos padrões transgeracionais destacou a importância das questões transgeracionais e de gênero para entender a transmissão de conteúdos como uma maneira de manter o legado familiar. Considera-se que ambos os estudos fornecem contribuições para a prática clínica em níveis individuais, conjugais, familiares e sociais.

Palavras-chave: Família. Casamento. Relações familiares. Relações entre gerações. Padrões de casamento.

ABSTRACT

Considering the family's influence on the meaning of conjugal and family practices and their transmission between the generations, the objective of the present dissertation was to investigate the way the meanings attributed to marriage are transmitted between three family generations. This dissertation was composed by two studies, one documentary and the other one empirical. Study 1 is an integrative review of the national and international scientific literature, whose objective was to understand the transgenerational transmission of elements among the generations of families, focusing on conjugal and family practices. The search for the data was guided by the question "In which way are the conjugal and family patterns transmitted between generations?" and made in the databases MEDLINE, LILACS, SciELO, PsycINFO and PePSIC. Articles published in indexed journals, in Portuguese, English or Spanish, between January/2007 and October/2017 were included. 102 studies composed the *corpus*, predominating the quantitative method, written in English and made in Brazil. The productions explored aspects such as the family as a privileged means of transmission; learning of family educational practices; family influence in the construction of affective bonds; role of marriage and illness processes. Families have varied ways of transmitting content between generations, reinforcing the idea of the preexistence of a story transmitted as a family legacy and that interweaves individual development and family development. Study 2 is a multiple case study, with a qualitative approach, that investigated the way the meanings assigned to marriage are transmitted between three family generations. Individual interviews and genograms were used to investigate two families. The six participants are women, belonging to three different generations, and they are aged between 28 and 90 years. The collected data were audiographed and transcribed integrally for a subsequent submission to the thematic content analysis and a posteriori elaboration of the following categories: (a) Family influence in the construction of the conjugal bond; (b) The construction of the feminine and the social roles - mother, daughter, wife and professional; (c) Marriage as an updater of family heritages. The systemic perspective was the theoretical reference used to interpret the data found. Marriage appeared as an important event in the life history of all the interviewees, but with different approaches for each generation, considering the sociocultural influences of the time of their marriages. The 1st generation was married in the 1950s and 1960s, the 2nd generation was married in the 1980s, while the 3rd generation was married after the 2000s. The results highlighted the family influence on the conjugal bond, the construction of the feminine roles and the transmission of family heritages through the generations. The mechanisms found for the transmission of the meanings of marriage were: learning of behaviors linked to feminine; sharing daily life experiences; family traditions; relational patterns reinforced in the family and socially. The facilitating or limiting power of transgenerational patterns has highlighted the importance of transgenerational and gender issues to understand the transmission of content as a way to maintain the family legacy. Both studies tried to provide contents that can enrich the literature of the study theme and contribute to clinical practice in individual, marital, family and social levels.

Keywords: Family. Marriage. Family Relations. Intergenerational Relations. Marriage Patterns.

APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Gostar de ler e escrever é um hábito que me acompanha há tanto tempo que creio que ele faz parte da construção da minha identidade. Cresci cercada de pessoas que reforçaram em mim esse afeto tão positivo pelos livros e pela imensidão que havia neles. Tão logo fui incentivada a registrar aquelas tantas perguntas que se passavam em minha mente infantil e curiosa que, mesmo sem conhecer tantas palavras, enchia os pais com a temida pergunta “por quê?” que eu insistia em repetir dentro da minha casa. Foi aí que eu ganhei um dos presentes mais curiosos que uma criança de sete anos pode ganhar - um dicionário. Ainda carrego comigo a sensação emocionada de ver o embrulho em papel pardo, de ver o olhar de expectativa do meu pai pensando se havia acertado no presente. Ele só não pensou que estava abrindo as portas do mundo pra mim. De fato, abriu.

O tempo foi passando e cada vez mais os livros iam preenchendo espaços em meu quarto e em meu coração. Antes mesmo de saber sobre Psicologia, eu já sabia que gostava de ler e ouvir histórias, e também já sabia que a profissão certa para mim teria que contar com essas atividades. Como em um movimento desprezioso, comecei a cursar a graduação e, para minha sorte, deparei-me com a possibilidade de articular meus gostos a uma profissão que representa para mim o potencial transformador de mundos (internos ou não) que eu sempre busquei ver. Em pouco tempo de curso, a oportunidade da pesquisa surgiu e se encaixou de tal maneira que vivo uma “orientação de longa duração” com o Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin da qual não pretendo me distanciar. Compartilho com meu orientador a curiosidade pelos processos familiares e foi aí que começamos a construir investigações que se direcionavam a entender o modo, o porquê e o pra quê das famílias em sua diversidade de configurações, papéis, gerações e padrões relacionais.

As pesquisas durante a iniciação científica foram voltadas para compreender a experiência dos casamentos de longa duração, vivência até então muito comum em meu ciclo familiar e social. Essa realidade despertou perguntas e pesquisas¹ que foram dando forma ao que hoje constitui a temática do meu Mestrado, que articula a família e os relacionamentos interpessoais em seu eterno exercício de equilibrar pertencimento e diferenciação. A afinidade pela perspectiva sistêmica (Bowen, 1989; Carter & McGoldrick, 2011; Falcke & Wagner, 2014) surgiu durante a graduação e me acompanha desde então na vivência acadêmica e na prática clínica, além de fazer parte de intensas reflexões pessoais que me alcançam frequentemente. Essa descoberta do pensamento sistêmico devo à Profa. Dra. Cibele Alves Chapadeiro, a quem agradeço muito.

Desenvolver este estudo no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro concretiza reflexões em busca de contribuir com a Psicologia da Família, campo em constantes transformações decorrentes das ressignificações pelas quais as famílias passam e com o qual tenho grande identificação. O desenvolvimento de dois estudos, sendo um teórico e outro empírico, fez sentido neste processo, tendo em vista que as experiências em família repercutem consideravelmente na constituição psíquica e relacional das pessoas (Almeida, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014; Colossi, Marasca, & Falcke, 2015; Quissini & Coelho, 2014).

O Estudo 1 foi intitulado “Transmissão de Padrões Conjugais e Familiares entre as Gerações: Revisão Integrativa da Literatura Científica” e contou com um *corpus* de 102 artigos

¹ Algumas publicações derivadas da iniciação científica:

Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32-50.

Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. *Temas em Psicologia*, 25(2), 487-501.

Scorsolini-Comin, F. & Alves-Silva, J. D. (2016). Casamentos de longa duração: apontamentos a partir da Psicologia Positiva. In B. L. Seibel, M. Poletto, & S. H. Koller (Orgs.), *Psicologia Positiva: Teoria, Pesquisa e Intervenção* (pp. 267-288). Curitiba: Juruá.

nacionais e internacionais que discutiram a transmissão transgeracional de padrões conjugais e familiares entre as gerações. Como poderá ser lido no decorrer do estudo, a família destaca-se como um meio privilegiado de transmissão de conteúdos (Almeida et al., 2014) que podem ser mantidos, transformados ou evitados por seus membros. O Estudo 2 buscou investigar o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre as gerações familiares e, para tanto, recebeu o título “Casamento: uma experiência transmitida entre as gerações da família?”. De certo modo, essa pergunta apresenta uma expectativa de resposta mais tendenciosa ao sim do que ao não, mas que restrita a um monossílabo não traz a compreensão dos mecanismos envolvidos nesse processo. O interesse em desenvolvê-lo no formato de um estudo de caso justificou-se a partir dessas considerações, pois, sendo o casamento um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, a aproximação das perspectivas e significados construídos pelas pessoas e compartilhados formal ou informalmente pelos grupos pode ser alcançada e discutida a partir do método escolhido (Yin, 2015).

Considerando-se a mútua influência entre os padrões emocionais familiares e sociais (Bowen, 1989) e o reflexo direto que as famílias exercem na organização social, entender os mecanismos que participam do funcionamento e da transmissão de conteúdos na família pode dar suporte para a compreensão desses movimentos nas relações sociais, o que fortalece e justifica trabalhos que tenham como objetivo privilegiar a visão das famílias, assim como é o caso da presente Dissertação de Mestrado. A seguir, ambos os estudos serão apresentados.

ESTUDO 1

Transmissão de Padrões Conjugais e Familiares entre as Gerações:

Revisão Integrativa da Literatura Científica

Resumo

O objetivo desta revisão integrativa foi compreender a transmissão transgeracional de elementos entre as gerações das famílias, com foco nas práticas conjugais e familiares. Pergunta norteadora: De que modo são transmitidos os padrões conjugais e familiares entre as gerações? Bases/bibliotecas: MEDLINE, LILACS, SciELO, PsycINFO e PePSIC. Foram incluídos artigos publicados em periódicos indexados, em português, inglês ou espanhol, publicados entre janeiro/2007 e outubro/2017. Compuseram o *corpus* 102 estudos, com predomínio do método quantitativo (49,01%), redigidos em inglês (54,9%) e realizados no Brasil (45,09%). As produções exploraram os seguintes aspectos: a família como meio privilegiado de transmissão; aprendizagem de práticas educativas em família; influência familiar na construção dos vínculos afetivos; papel do casamento e processos de adoecimento. As famílias apresentam modos variados de transmitir conteúdos entre as gerações, reforçando a ideia da preexistência de uma história transmitida como um legado familiar e que entrelaça o desenvolvimento individual ao desenvolvimento da família.

Palavras-chave: Transmissão psíquica entre gerações. Família. Padrões.

**Transmission of Conjugal and Family Patterns Between Generations:
Integrative Review of Scientific Literature**

Abstract

The objective of this integrative review was to understand the transgenerational transmission of elements among the generations of families, focusing on conjugal and family practices. Guiding question: In which way are the conjugal and family patterns transmitted between generations? Bases/libraries: MEDLINE, LILACS, SciELO, PsycINFO and PePSIC. Articles published in indexed journals, in Portuguese, English or Spanish, between January/2007 and October/2017 were included. 102 studies composed the *corpus*, predominating the quantitative method (49,01%), written in English (54,9%) and made in Brazil (45,09%). The following aspects were explored in the productions: the family as a privileged means of transmission; learning of family educational practices; family influence in the construction of affective bonds; role of marriage and illness processes. Families have varied ways of transmitting content between generations, reinforcing the idea of the preexistence of a story transmitted as a family legacy and that interweaves individual development and family development.

Keywords: Psychic transmission between generations. Family. Patterns.

Transmisión de Patrones Conyugales y Familiares entre las Generaciones:

Revisión Integrativa de la Literatura Científica

Resumen

El objetivo de esta revisión integrativa fue comprender la transmisión transgeneracional de elementos entre las generaciones de las familias, con foco en las prácticas conyugales y familiares. Pregunta norteadora: ¿De qué modo son transmitidos los patrones conyugales y familiares entre las generaciones? Bases/bibliotecas: MEDLINE, LILACS, SciELO, PsycINFO y PePSIC. Fueron incluidos artículos publicados en periódicos indexados, en portugués, inglés o español, publicados entre enero/2007 y octubre/2017. El *corpus* fue compuesto de 102 estudios, con predominio del método cuantitativo (49,01%), redactados en inglés (54,9%) y realizados en Brasil (45,09%). Las producciones exploraron los siguientes aspectos: la familia como medio privilegiado de transmisión; aprendizaje de prácticas educativas en familia; influencia familiar en la construcción de los vínculos afectivos; papel del matrimonio y procesos de enfermedad. Las familias presentan modos variados de transmitir contenidos entre las generaciones, reforzando la idea de la preexistencia de una historia transmitida como un legado familiar y que entrelaza el desenvolvimiento individual al desenvolvimiento de la familia.

Palabras clave: Transmisión psíquica entre generaciones. Familia. Patrones.

Pensar sobre a transmissão de conteúdos entre as gerações da família abre caminhos para considerações sobre o processo de constituição psíquica das pessoas e suas consequências, partindo da consideração que esse processo já foi iniciado antes mesmo do nascimento da criança. Cada pessoa dá continuidade a uma história familiar que perpassa gerações e a partir da qual herda carga genética e acontecimentos significativos vivenciados por seus familiares, sejam eles simbolizados ou não (Santos & Ghazzi, 2012). Sendo assim, desde a concepção, a pessoa é marcada pelos ideais e expectativas da família de origem, o que pode influenciar o seu desenvolvimento, e que ressalta o papel da família como transmissora de valores, significados e percepções que permitem a construção da subjetividade (Almeida, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014; Scorsolini-Comin & Santos, 2016). Para entender um pouco mais sobre esse fenômeno, é possível partir de duas perspectivas - a psicanálise e a sistêmica. Apesar de ambas terem ideias próximas sobre a transmissão, suas interpretações são diferentes, o que leva a repercussões distintas na clínica psicanalítica e na clínica sistêmica (Bertin & Passos, 2013).

Partindo-se de uma perspectiva psicanalítica, a família pode ser entendida como um lugar de representações que permitem a continuidade da cultura e que constitui a subjetividade de seus membros, de modo que os conteúdos psíquicos circulam e perpassam gerações, sendo transformados ou não ao longo das novas configurações familiares (Féres-Carneiro, Lisboa, & Magalhães, 2011). A ideia da transmissão pelo viés da negatividade é amplamente discutida na literatura psicanalítica. Scorsolini-Comin e Santos (2016) citam Kaës (1998) e Benghozi (2010) para destacar que a transmissão de conteúdos entre as gerações familiares acontece especialmente sobre aquilo que não é simbolizado psiquicamente e que pode se expressar por meio de sintomas.

A teoria psicanalítica propõe ainda a diferenciação entre as modalidades de transmissão psíquica intergeracional e transgeracional. A transmissão intergeracional é compreendida como uma passagem de conteúdos que podem ser modificados entre as gerações, de modo que essa

modificação acontece com base no tempo e na capacidade de cada geração em simbolizar as histórias dos familiares antecessores. Já a transmissão transgeracional está ligada a uma transmissão sem modificações, de modo que o conteúdo negativo a ser transmitido atravessa as gerações e dificulta a transformação dos traumas que a pessoa herdou simbolicamente (Santos & Ghazzi, 2012).

O processo transgeracional a partir da perspectiva sistêmica é representado pela ideia da bagagem que é trazida dos modelos familiares e sociais. Mesmo que esses modelos sejam repetidos, contrariados ou transformados, todas essas possibilidades partem dos padrões de relacionamento já conhecidos (Zordan, Falcke, & Wagner, 2014). Padrões familiares são os modos de funcionamento das famílias, exibidos em informações estruturais, relacionais e funcionais sobre o grupo, sendo que estes padrões costumam se repetir entre seus membros por diversas gerações. Modos de funcionamento adaptativos ou mal adaptativos ou mesmo formas de lidar com os problemas podem ser transmitidos de uma geração a outra, sem a necessidade de ocorrer de forma linear, ou seja, o problema pode acontecer na geração de um pai e se repetir somente com seus netos (McGoldrick, Gerson, & Petry, 2012).

A teoria de Bowen ressalta que as pessoas carregam consigo sua família de origem e indica que os conflitos não resolvidos no contexto original tendem a se repetir nas demais relações interpessoais. Sendo assim, para compreender a família é necessário entender o que acontece nas gerações anteriores (Martins, 2005). A capacidade dos indivíduos de se diferenciarem é influenciada pelo passado multigeracional e pelas experiências vividas nas famílias de origem, o que significa que os níveis de diferenciação de self vão sendo transmitidos de geração a geração e influenciam a facilidade ou dificuldade das pessoas de se diferenciarem de seus pais para viver a própria vida (Bowen, 1989). Bowen entende que a criança já está afetada

pelo processo de transmissão antes mesmo de nascer, sendo ao mesmo tempo herdeiro e prisioneiro de uma história familiar preexistente (Bowen, 1989; Falcke & Wagner, 2014).

A partir dessas considerações, entende-se que as transmissões do legado familiar fazem parte da estrutura do núcleo desse grupo, o que leva à reflexão de que a transgeracionalidade na família se mostra inevitável (Botton, Cúnico, Barcinski, & Strey, 2015), reforçando a importância de estudos que se dediquem a aprofundar os conhecimentos sobre essa temática. Apesar desse destaque da transmissão tanto nos modelos psicodinâmicos quanto sistêmicos, a produção de evidências para a prática clínica e de pesquisa ainda pode ser considerada incipiente, destacando a necessidade de uma maior sistematização do conhecimento veiculado nesse campo, além de uma perspectiva que integre ambos os posicionamentos, em busca de uma leitura que, de fato, contribua empiricamente. A partir do exposto, o objetivo dessa revisão integrativa da literatura científica foi compreender a transmissão transgeracional de elementos entre as gerações das famílias, com foco nas práticas conjugais e familiares, além de identificar as principais tendências de publicação neste contexto, bem como as possíveis lacunas e contribuições aos estudos vindouros.

Método

Tipo de Estudo

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica nacional e internacional. Esse tipo de estudo adota um método sistemático de busca de trabalhos e contribui para aprofundar os conhecimentos em determinada área de estudo (Scorsolini-Comin, 2014). O propósito da revisão integrativa da literatura é obter um entendimento aprofundado de uma temática, tendo como base estudos realizados anteriormente. Ela analisa pesquisas relevantes e sintetiza o conhecimento de determinado tema de modo condensado e ordenado, sendo uma das ferramentas mais empregadas

no contexto da prática baseada em evidências (PBE). Além disso, apresenta condições de apontar lacunas que podem ser preenchidas com a realização de futuros estudos. Sendo assim, a revisão integrativa se mostra como uma ferramenta importante para comunicar os resultados das pesquisas e, assim, facilitar a utilização desses conhecimentos na prática (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008).

Pergunta norteadora

De acordo com as recomendações para a realização da revisão integrativa e partindo da busca pelas melhores evidências, a pergunta norteadora do estudo foi definida a partir do método PICO (P=participantes; I=intervenção; C=comparação; O=resultado) (Santos, Pimenta, & Nobre, 2007). A pergunta formulada recebeu a seguinte redação: De que modo são transmitidos (O) os padrões conjugais e familiares (I) entre as gerações (P)? Como a pergunta não envolveu comparação entre cenários ou intervenções, foi excluído o critério C, algo que já é previsto pela própria metodologia da revisão.

Bases indexadoras, unitermos e critérios de inclusão/exclusão

A busca foi realizada nas bases MEDLINE, LILACS, SciELO, PsycINFO e PePSIC. Foram incluídos estudos que atenderam aos seguintes critérios: (a) artigos publicados em periódicos indexados; (b) redigidos nos idiomas português, inglês ou espanhol; (c) publicados no período de janeiro de 2007 a outubro de 2017; (d) artigos com temática pertinente ao objetivo da revisão e que respondessem à pergunta norteadora. Em termos das justificativas para tais critérios, selecionar apenas artigos publicados em periódicos indexados visou valorizar os trabalhos que passaram por um processo rigoroso de avaliação por pares e de controle de qualidade. Restringir a seleção de artigos para aqueles publicados entre 2007 e 2017 visou selecionar as publicações mais recentes com o intuito de retratar com mais fidelidade a produção contemporânea sobre a temática, assim como apontar possíveis lacunas e aberturas para novos

estudos. Foram excluídos os seguintes registros: (a) livros, capítulos de livro, resenhas, resumos, anais de congressos, editoriais, cartas, notícias, dissertações e teses; (b) estudos que contemplavam parcial ou tangencialmente a temática do estudo e que não respondessem à pergunta norteadora; (c) artigos publicados no período anterior a 2007 e após outubro de 2017; (d) artigos indisponíveis na íntegra e gratuitamente; (e) estudos de revisão (narrativa, sistemática ou integrativa). Apesar de os estudos sobre transmissão psíquica serem desenvolvidos sobretudo nas abordagens psicodinâmicas e sistêmicas, não foram excluídos estudos em função de suas abordagens teóricas.

As palavras-chave/unitermos foram selecionadas de acordo com a temática do estudo, a fim de encontrar trabalhos que respondessem à questão norteadora, bem como ao objetivo do mesmo. Foram incluídos unitermos presentes na terminologia da BVS-Psi e descritores presentes em artigos que tratam da mesma temática. Os descritores escolhidos foram: família, casamento, relações entre gerações, relações familiares, relações conjugais, família de origem, transmissão familiar, transgeracionalidade, transmissão psíquica entre gerações, genograma, padrões transgeracionais, herança transgeracional e repetição intergeracional. As combinações realizadas podem ser encontradas no apêndice A. Vale ressaltar que os descritores família, casamento, relações conjugais, relações familiares, família de origem, genograma, relações entre gerações e transmissão psíquica entre gerações foram encontrados nos descritores da BVS, de modo que os descritores transmissão familiar, transgeracionalidade, padrões transgeracionais, herança transgeracional e repetição intergeracional foram selecionados por meio de estudos que os utilizaram em suas palavras-chaves. Optou-se por trabalhar com essa quantidade de descritores e as determinadas combinações a fim de abranger as possibilidades de achados na literatura científica, considerando a relevância da temática.

Procedimentos de coleta e análise de dados

A busca inicial dos artigos foi realizada com os unitermos e suas combinações, aplicando os filtros dos critérios de inclusão e de exclusão. Os estudos encontrados foram analisados novamente em termos de títulos e posteriormente pela leitura dos resumos, em novos procedimentos de filtragem de evidências. Os trabalhos recuperados a partir desse crivo foram lidos na íntegra, a fim de proceder a uma nova seleção, agora mais pormenorizada e a partir do texto completo. Estes procedimentos foram realizados por dois juízes independentes, ambos psicólogos e que trabalham com a temática. Caso houvesse discordância, um terceiro juiz poderia ser acionado. Após esse processo, os artigos que compuseram o *corpus* foram reunidos, organizados em uma planilha em termos de delineamento metodológico, ano de publicação, idioma de publicação e local de realização da pesquisa. A apresentação da revisão/síntese do conhecimento foi pautada nas recomendações do sistema PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis) a partir dos critérios preconizados em sua lista de verificação (Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman, & PRISMA Group, 2009), a fim de responder à pergunta norteadora. Mediante os resultados das pesquisas nas bases de dados e a questão norteadora, foram elaboradas categorias temáticas que permitiram discutir mais detalhadamente a produção veiculada, suas características e apontamentos.

Resultados

Considerando os critérios de inclusão e exclusão, além dos descritores pré-determinados para esta revisão, foram encontrados 356094 registros de artigos. Após as etapas de busca, seleção e recuperação dos dados encontrados, 102 estudos foram selecionados para compor esta revisão integrativa. O fluxograma (Figura 1) representa esse processo. Em seguida, apresenta-se um quadro (Figura 2) com a caracterização dos artigos selecionados, considerando informações

como delineamento metodológico, ano de publicação, idioma em que os artigos foram publicados e locais em que as coletas foram realizadas.

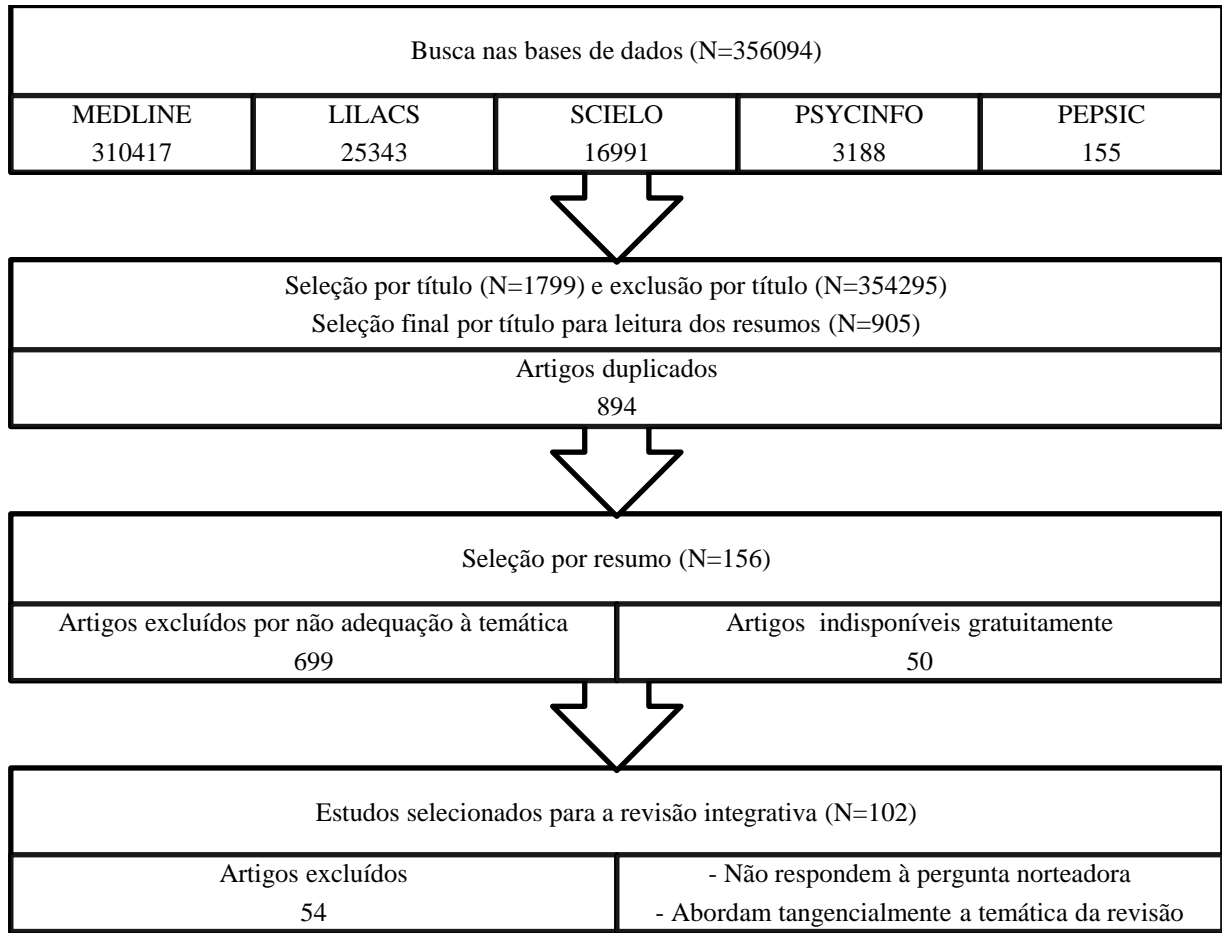


Figura 1. Fluxograma de busca, seleção e elegibilidade dos estudos.

Caracterização dos artigos selecionados para a revisão				
Delineamento	Quantitativos = 50		Qualitativos = 35	
metodológico	Multi-método = 03		Teóricos = 14	
Ano de publicação	2007 = 04	2008 = 11	2009 = 08	2010 = 13
	2011 = 09	2012 = 08	2013 = 13	2014 = 13
	2015 = 10	2016 = 06	2017 = 07	Total = 102
Idioma publicado	Inglês = 56	Português = 46		Espanhol = 0
Local de realização	Brasil = 46	EUA = 34	Holanda = 04	Canadá = 03
	França = 02	Vietnã = 01	China = 01	Filipinas = 01
	Bangladesh = 01	Paquistão = 01	Multi países = 01	Israel = 01
	Suécia = 01	Nova Zelândia = 01	Alemanha = 01	Finlândia = 01

Figura 2. *Caracterização dos artigos selecionados para a revisão.*

As figuras apresentadas condensam as informações referentes aos 102 artigos selecionados para esta revisão integrativa da literatura científica que respondem à pergunta norteadora “De que modo são transmitidos os padrões conjugais e familiares entre as gerações?”. Observa-se um predomínio de artigos cujo método foi quantitativo (49,01%), redigidos em inglês (54,9%) e realizados no Brasil (45,09%). As principais temáticas levantadas nessas produções científicas foram organizadas em categorias, com base em seus conteúdos, a fim de facilitar a discussão desses conteúdos, a saber: (a) Família – meio privilegiado de transmissão; (b) Aprendizagem de práticas educativas em família; (c) Influência familiar na construção dos

vínculos afetivos; (d) O casamento como um atualizador de heranças familiares; (e) As famílias podem (se) adoecer.

Discussão

As experiências vivenciadas em família são inevitavelmente repetidas entre as gerações? Como acontece a transmissão dessas experiências entre as gerações da família? Essas perguntas dão início à discussão desta revisão, partindo-se do ponto que, sendo a família o primeiro ambiente de socialização, a partir do qual se experimenta e dá significados às relações perpassadas pela transmissão de conhecimentos e modelos afetivos (Coelho, 2012), reconhece-se que a família influencia de maneira importante a forma como cada membro vai organizar seus valores, normas e costumes, daí ser tão necessário compreender a temática da transgeracionalidade. A história das pessoas se relaciona à estrutura de sua família, afinal o desenvolvimento individual acontece circunscrito ao desenvolvimento da família, o que destaca a preexistência de uma história transmitida como um legado familiar, de modo que as histórias individuais acabam sendo moldadas pelas histórias familiares precedentes (Bowen, 1989; Carter & McGoldrick, 2011; Fivush, Bohanek, & Zaman, 2010).

Família: meio privilegiado de transmissão

A família é um meio privilegiado de transmissão de nomes, sobrenomes, patrimônio, cultura, padrões, costumes e conflitos. Esse processo de transmissão de conteúdos entre as gerações familiares é fundamental para a construção da identidade das pessoas, além de assegurar a sobrevivência da família através do tempo (Almeida et al., 2014). Esse espaço psíquico comum – a família - é de grande importância para o processo de transmissão psíquica por possibilitar a passagem de conteúdos psíquicos de uma geração para a outra, além da possibilidade de que

essas heranças familiares sejam elaboradas e transformadas (Scorsolini-Comin & Santos, 2016). As vivências cotidianas em família propiciam a construção de um modo particular de interpretar experiências e de uma identidade familiar. Entretanto, isso não impede que as pessoas vivenciem sua história particular associada à etapa do ciclo de vida, considerando a influência dessas vivências no modo como as ideias são organizadas (Barbosa, Neme, & Melchiori, 2011).

As famílias tendem a repetir a si mesmas e, com isso, constroem padrões, de forma que as questões que acontecem em uma geração frequentemente se repetem em outra (McGoldrick et al., 2012). Esse processo de transmissão de conteúdos familiares começa antes de a criança ser concebida, com as expectativas e fantasias do lugar que a família prepara para ela (Falcke & Wagner, 2014), como, por exemplo, na escolha do nome próprio. Essa escolha é perpassada por expectativas, mitos e crenças do grupo familiar do qual a criança fará parte. Santos e Cervený (2013) discutiram em seu estudo esse processo de escolha do nome articulado aos conceitos de lealdade, pertencimento e diferenciação. As autoras concluíram que, por mais que os membros da família se diferenciem do grupo em alguns aspectos, não é possível fazer escolhas desconsiderando totalmente a bagagem herdada da família de origem, daí ser comum que nomes próprios sejam repetidos entre as gerações, como se fosse uma homenagem. Essa ideia ressalta a tarefa de equilíbrio entre pertencimento às características culturais da família e diferenciação a partir do questionamento das heranças familiares (Santos & Cervený, 2013).

Exemplos de como a influência da família é forte podem ser vistos no modelo de comportamento que os pais são para os filhos. Articula-se que os pais moldam as atitudes dos filhos a partir da comunicação de seus valores e expectativas por meio de comportamentos em diversas temáticas (Sipsma, Biello, Cole-Lewis, & Kershaw, 2010). Entre eles é possível indicar os comportamentos relativos ao enfrentamento positivo das dificuldades econômicas e continuidades do status socioeconômico (Jeon & Neppl, 2016; Senia, Neppl, Gudmunson,

Donnellan, & Lorenz, 2016), a participação dos pais nas atividades políticas (Fuks, 2011), a sexualidade e a gravidez na adolescência (Cunha & Wendling, 2011), os problemas de conduta (Raudino, Fergusson, Woodward, & Horwood, 2013), a construção do papel de pai (Gabriel & Dias, 2011), a transmissão de saberes sobre um papel profissional (Garcia, Yunes, Chaves, & Santos, 2007), o ensino sobre comportamentos de segurança (Morrongiello, Corbett, & Bellissimo, 2008), entre tantos outros. Até mesmo a literatura e o cinema apresentam a temática da transmissão transgeracional, como pode ser visto nos estudos desenvolvidos por Bernd e Soares (2016), Franco e Sei (2016), Scorsolini-Comin e Santos (2012; 2013; 2014). Esses estudos ressaltam as relações das personagens com seus familiares e as funções que a herança e a transmissão exercem no grupo. Em muitas das histórias apresentadas, observam-se continuidades e rupturas, no sentido de corte ou transformação da herança familiar. Inclusive entre as personagens das histórias literárias foi possível observar a apresentação da memória e das relações familiares como um princípio que organiza o psiquismo dos indivíduos, de modo que as lembranças do passado constituem ao mesmo tempo a história individual e familiar, o que participa da construção da identidade e destaca a transmissão transgeracional de elementos psíquicos na família.

Os estudos selecionados para esta revisão também discutiram possíveis modos pelos quais os padrões familiares e conjugais podem ser transmitidos entre as gerações, como os segredos, os rituais familiares e até mesmo a linguagem oral. Os segredos (silenciamento, não ditos) apresentam-se como uma forma possível de transmissão ao se considerar que não revelar um conteúdo também é uma maneira de destacar o que ainda não foi elaborado psiquicamente. Esse processo pode disparar repetições inconscientes das histórias entre as gerações e criar vínculos familiares patológicos que dificultem o desenvolvimento (Scorsolini-Comin & Santos, 2012). Os rituais familiares se destacam na temática da transgeracionalidade por reforçarem os padrões de

comportamento e as normas sociais moralmente significativos por meio da vinculação emocional entre esses comportamentos ritualizados na família e os valores compartilhados pelo grupo (Rossano, 2012).

Já a linguagem oral aparece como um dos mecanismos utilizados para transmitir histórias familiares. Esse processo reforça sentimentos de pertencimento à cultura e participa da construção das identidades das pessoas sem esquecer as raízes familiares. A força que envolve o cuidado e a orientação das futuras gerações, como a transmissão de um legado e o ensino de valores, pode ser entendida como generatividade. Pratt, Norris, Hebblethwaite, & Arnold (2008) encontraram em histórias familiares de 32 adolescentes canadenses que, quanto mais generativos eram os pais, mais aceitas e interativas eram as histórias de ensino de valores que seus filhos conseguiam se lembrar. Em consequência, quando os pais eram mais generativos, as histórias sobre o ensino de valores dos avós também eram mais propensas a envolver episódios específicos e interativos, o que indica que esse fator generativo contribui para a continuidade da transmissão de valores entre as gerações (Pratt et al., 2008). Ou seja, laços afetivos próximos entre pais e filhos podem promover uma transmissão intergeracional mais forte (Fasang & Raab, 2014).

A transmissão cultural aparece como um modo de permanência dos valores familiares, seja entre famílias da mesma nacionalidade (Gutierrez, Goodwin, Kirkinis, & Mattis, 2014; Lisboa, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2007), seja em famílias com imigrantes (Daure & Reveyrand-Coulon, 2009; Marcon, Navarro, Hayakawa, Scardoelli, & Waidman, 2008), de maneira que os valores e costumes das culturas de origem (como tradições alimentares e comemorações de datas importantes) sejam mantidos entre as gerações seguintes. No estudo desenvolvido por Marcon et al. (2008), as autoras ressaltaram que esses ensinamentos de padrões e costumes acontecem quase sempre de maneira informal a partir da relação interfamiliar, o que influencia para que a transmissão desses padrões não seja completa e que a incorporação de

valores nas gerações seguintes seja também influenciada pela cultura local (Marcon et al., 2008). Os recortes dos estudos apresentados nessa categoria temática ilustram e reforçam a família como um meio privilegiado de transmissão de conteúdos entre as gerações, como valores, significados e percepções, além de seu papel fundamental na construção da subjetividade dos membros do grupo.

Aprendizagem de práticas educativas em família

As práticas educativas parentais apresentam-se como importantes influências no desenvolvimento socioemocional dos filhos, ressaltando a relevância da transmissão transgeracional dessas práticas (Marin et al., 2013). Elas podem ser consideradas como um conjunto de estratégias utilizadas pelos pais para educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos (Terres-Trindade, Souza, & Predebon, 2012). As vivências na família de origem exercem muita influência no modo como pais e mães realizam a educação intrafamiliar, seja para repetir o que aprenderam ou para se distanciarem dos modelos parentais. Isso reforça que a transmissão de valores na família não é um processo de causa e efeito, mas sim um fenômeno inserido em um contexto amplo no qual as variáveis se complementam (Wagner, Predebon, & Falcke, 2014).

Compreende-se que a aprendizagem no contexto familiar pode fazer referência aos processos cotidianos que acontecem por meio de observações dos comportamentos, pela realização de atividades rotineiras em conjunto e também pelos padrões de interação do grupo familiar (Garcia et al., 2007). A aprendizagem nas famílias de origem influencia inclusive a execução de determinados papéis. Segundo Gabriel e Dias (2011), a construção do papel de pai pode se basear no modelo de paternidade aprendido com o próprio pai associado às representações que o homem tem sobre ser pai, indicando como a paternidade pode ser um

fenômeno complexo. Os participantes deste estudo indicaram que, apesar de seus próprios pais terem apresentado falhas na educação que passaram, isso não torna seus modelos como desclassificáveis, sendo possível indicar uma transmissão intergeracional do modelo de paternidade (especialmente sobre educação e fornecimento de afeto), apesar das modificações que puderam ser apreendidas na passagem de uma geração para a outra. A construção do papel de mãe também foi ilustrado (Cabral & Levandowski, 2012). A partir de uma perspectiva psicanalítica, as autoras ressaltaram entre as falas das participantes a repercussão que as vivências da mulher com a própria mãe e as representações sobre ela podem exercer na construção da maternidade, considerando ainda a influência que o modelo materno exerce na relação entre as adolescentes e seus bebês, seja como identificações construtivas ou patológicas. Entre os casos estudados, as identificações patológicas predominaram, mesmo que inconscientemente entre as mães entrevistadas, à medida que os aspectos difíceis da maternidade vivenciada com suas mães iam sendo revividos com seus bebês. As identificações construtivas também apareceram nos relatos, porém de modo mais consciente.

A tentativa de transformação ou evitação de atitudes dos pais consideradas negativas durante a sua educação também foi encontrada no estudo de Beltrame e Bottoli (2010). As autoras identificaram que os pais deste estudo buscaram construir relações mais afetivas com seus filhos e, para tanto, utilizaram a combinação de suas próprias concepções do que é ser pai, os aspectos transgeracionais trazidos da geração anterior e as exigências sociais de seu tempo. Especialmente as referências às questões afetivas foram ressaltadas como aspectos recebidos transgeracionalmente e que precisavam de uma transformação. O que foi considerado positivo na educação recebida foi indicado pelos participantes como sendo um aspecto que gostariam de transmitir para seus próprios filhos, como as questões ligadas à educação e à formação de caráter, no caso do estudo (Beltrame & Bottoli, 2010). É importante ressaltar que é possível que a

influência do comportamento dos pais esteja mais relacionada ao modo como essa experiência foi elaborada pelos filhos do que à experiência real em si (Marin et al., 2013).

O estudo de Neppl et al. (2009) também traz considerações importantes sobre os mecanismos envolvidos nas continuidades do comportamento parental ao longo das gerações. Uma hipótese considerada pelos autores para explicar a transmissão intergeracional da parentalidade propôs que as crianças desenvolvem características na infância que estimulam a continuidade intergeracional das duras práticas educativas parentais. Por exemplo, a paternidade hostil da primeira geração investigada previu o comportamento agressivo da segunda geração durante a infância que, por sua vez, estavam ligados a níveis mais elevados de parentalidade hostil dessa geração 30 anos depois, durante as interações com seus próprios filhos. Ou seja, as evidências desse estudo sugeriram que a parentalidade severa ao longo de duas gerações envolveu um aumento do risco de problemas emocionais e comportamentais por parte de crianças educadas em um ambiente familiar hostil. Já a vivência de um relacionamento positivo e de apoio com os próprios pais tornou os participantes mais propensos a serem construtivos e apoiadores na criação de seus próprios filhos, o que reforça a ideia de que a continuidade da parentalidade positiva é fomentada pelas competências que ela promove no desenvolvimento socioemocional das crianças (Neppl et al., 2009).

Para favorecer esse desenvolvimento de competências socioemocionais positivas, os pais precisam se atentar ao exercício de metas de socialização de qualidade, ou seja, em ter valores e estratégias eficientes para melhorar suas práticas de cuidado. Diniz e Salomão (2010) encontraram em seu estudo que os pais se preocupam em utilizar estratégias como dar amor, carinho, compreensão e apoio à criança, corrigir e impor limites, passar seus valores por meio de conversas, conselhos e ensinamentos por demonstração na criação de seus filhos. Para que os filhos possam desenvolver as qualidades esperadas, os pais entendem que precisam oferecer

modelos para a criança, o que inclui um ambiente familiar saudável e o cumprimento de responsabilidades a fim de facilitar a transmissão desses valores (Diniz & Salomão, 2010). Um exemplo de como os pais de fato são modelos para seus filhos pode ser ilustrado pelo estudo de Morrongiello et al., (2008) sobre o ensinamento parental sobre segurança para crianças entre sete e 12 anos. Os dados indicaram que o comportamento atual das crianças foi mais bem previsto pelo ensino dos pais, enquanto que o modo como elas planejavam se comportar quando eram adultas foi mais bem previsto pelas práticas dos pais. As descobertas deste estudo apoiaram a noção de transmissão intergeracional de comportamentos de risco e sugeriram que os pais precisam ter cuidado não apenas com o que ensinam a seus filhos, mas também sobre como eles se comportam, pois ambos são importantes fontes de influência sobre a segurança dos filhos e os comportamentos de risco. Ou seja, a maneira como os pais ensinam seus filhos influencia a maneira como a criança se comporta atualmente, mas como a criança vê o comportamento dos pais afeta a forma como ela pretende se comportar na fase adulta (Morrongiello et al., 2008).

Ainda sobre a temática da segurança versus comportamentos de risco, o estudo de Raudino et al. (2013) vem ilustrar a temática da transmissão intergeracional de problemas de conduta na infância. Os autores observaram que a superreatividade dos pais, que é o engajamento dos pais em estratégias parentais negativas e reativas (ex. responder com raiva, irritação e uso de linguagem ruim) seria uma possível explicação para a continuidade dos problemas de conduta entre pais e filhos. A partir de um processo de aprendizagem social, os pais podem agir de maneira a encorajar e reforçar o comportamento dos filhos, como no caso dos problemas de conduta avaliados pelo estudo (Raudino et al., 2013). É importante considerar também que a forma como a pessoa elabora, internaliza e avalia a sua criação influencia consideravelmente a continuidade ou não das práticas educativas, de forma que as experiências vivenciadas em família não são inevitavelmente repetidas com as gerações seguintes (Marin et al., 2013). Sejam essas

práticas consideradas positivas ou negativas, a transmissão entre as gerações pode acontecer, considerando também a influência social na modificação de algumas práticas, o que explicaria o porquê de umas serem transmitidas e outras transformadas ou não seguidas (Terres-Trindade et al., 2012).

Outro fator de influência na transmissão transgeracional de práticas educativas encontrado nos estudos desta revisão foi o funcionamento executivo, que envolve as habilidades cognitivas necessárias para a organização de pensamentos, emoções e ações, como o raciocínio lógico e a tomada de decisões. Bridgett, Kanya, Rutherford, & Mayes, (2017) analisaram se o funcionamento executivo pode ser um mecanismo pelo qual o comportamento dos pais é transmitido para as gerações seguintes. Os achados deste estudo indicaram que as práticas parentais negativas recebidas de seus próprios pais estavam significativamente relacionadas a um funcionamento executivo materno pior, enquanto um funcionamento executivo materno pior estava significativamente relacionado ao envolvimento subsequente em práticas parentais mais negativas (como intromissão e exibições de negatividade) com seus próprios filhos. Essas descobertas fornecem evidências preliminares de que o funcionamento executivo materno pode ser um mecanismo pelo qual os comportamentos parentais negativos são transmitidos através das gerações devido a sua forte influência (Bridgett et al., 2017).

Os estudos discutidos nessa categoria temática propõem a influência que os pais exercem na vida dos filhos, colocando-se como modelos para o desenvolvimento socioemocional, cognitivo e para os comportamentos positivos ou negativos. Considera-se ainda que, mesmo que os modelos dos pais sejam transformados ou evitados, os filhos partem desse padrão para se organizarem, ressaltando a transmissão transgeracional da temática.

Influência familiar na construção dos vínculos afetivos

A transmissão de conteúdos familiares começa antes de a criança ser concebida, com as expectativas e fantasias do lugar que a família prepara para ela (Falcke & Wagner, 2014), o que destaca o papel formador das figuras parentais quanto às normas de convívio social e responsabilidades para então uma pessoa se estabelecer como parte de uma família e de uma sociedade (Gorin, Mello, Machado, & Féres-Carneiro, 2015). Os padrões de comunicação familiar podem exercer influência duradoura sobre o funcionamento relacional de seus filhos, o que pode ser visto sobre a constituição de vínculos afetivos (Bortolini & Piccinini, 2015; Dinero, Conger, Shaver, Widaman, & Larsen-Rife, 2008; Merz & Jak, 2013; Raby et al., 2015; Surjadi, Lorenz, Conger, & Wickrama, 2013), sobre a resolução de conflitos parento-filiais (Van Doorn, Branje & Meeus, 2007) e também sobre a resolução de conflitos conjugais (Cui, Fincham, & Pasley, 2008; Hare, Miga, & Allen, 2009; Kim, Pears, Capaldi, & Owen, 2009; Whitton et al., 2008).

As relações de apego durante a infância são compreendidas, em muitos estudos, como cruciais para o desenvolvimento individual e podem ter influências ao longo de todas as fases da vida (Bortolini & Piccinini, 2015; Jarnecke & South, 2013; Merz & Jak, 2013), de modo que essas vivências consideradas sensíveis e calorosas de apego e segurança nas interações familiares sejam relacionadas positivamente a comportamentos semelhantes com parceiros românticos no futuro (Dinero et al., 2008). O estudo de Raby et al. (2015) observou que as pessoas que tiveram cuidados maternos mais sensíveis durante a infância foram mais propensas a prestar cuidados de apoio aos seus próprios filhos. Esses achados reforçam a ideia de que as relações entre pais e filhos nas idades mais precoces organizam o posterior funcionamento do relacionamento romântico da prole durante a vida adulta, bem como evidenciam que os relacionamentos românticos dos adultos estão enraizados em experiências interpessoais anteriores.

As experiências da infância também foram estudadas por Merz e Jak (2013), porém o enfoque foi dado à influência do apego aos pais e às experiências estressantes na infância em relação à solidão na vida adulta. Os achados deste estudo reforçaram que experiências positivas de vinculação com os pais durante a infância (como confiabilidade, proximidade e apego) foram associadas a maior satisfação no relacionamento amoroso, maior vínculo familiar e menor solidão, enquanto experiências estressantes na infância (como conflitos e violência) previram negativamente a qualidade das relações adultas. Os dados de ambos os estudos (Merz & Jak, 2013; Raby et al., 2015) ressaltam a importância das relações parento-filiais na infância, sendo este o primeiro e mais importante relacionamento por ser a partir daí que as crianças aprendem e organizam os significados e as representações sobre a disponibilidade de figuras confiáveis, o que vai refletir nas demais relações próximas ao longo da vida.

O desenvolvimento de um apego seguro pode inclusive moderar a transmissão de estratégias destrutivas de conflito entre gerações (Hare et al., 2009). Kim et al. (2009) discutiram sobre o papel da desregulação emocional na transmissão intergeracional do conflito de relacionamentos amorosos. Eles observaram que a desregulação emocional dos pais estava diretamente relacionada às suas habilidades disciplinares deficientes e à desregulação emocional do filho, que por sua vez estava associada ao conflito de relacionamento posterior desse filho. A capacidade do indivíduo de regular os comportamentos relacionados à emoção (como raiva ou hostilidade) desempenha um papel significativo nas associações e na continuidade entre as gerações dos conflitos relacionais, o que é consistente com a ideia de que habilidades de regulação de emoções ruins podem estar por trás de uma série de comportamentos problemáticos, como a delinquência, o abuso de substâncias e o desajuste nas relações sociais. Sendo assim, uma disciplina parental empobrecida e a desregulação da emoção podem ser importantes mecanismos influentes na construção de vínculos afetivos ao longo das gerações da família (Kim et al., 2009).

Van Doorn et al., (2007) também encontraram em seu estudo que o modo como os adolescentes resolvem conflitos com seus pais pode ser explicado transgeracionalmente pela forma como os pais resolvem seus conflitos conjugais, considerando para isso tanto a resolução positiva quanto a negativa. Os autores consideram que a teoria dos sistemas familiares pode explicar esses achados a partir da ideia que os subsistemas dentro da família são hierarquicamente organizados, de modo a justificar que os estilos de resolução de conflitos conjugais influenciem mais fortemente os estilos de resolução de conflitos entre pais e filhos do que o inverso (Van Doorn et al., 2007).

A influência dos conflitos conjugais dos pais na construção dos vínculos afetivos dos filhos foi ilustrada no estudo de Cui et al., (2008). Os autores deste estudo examinaram o papel do divórcio dos pais e do conflito interparental nos relacionamentos amorosos de 358 jovens adultos. Os resultados evidenciaram que o efeito dos conflitos conjugais dos pais estava mais associado à baixa eficácia e ao comportamento de conflito relacional dos filhos do que o evento do divórcio em si. Esses dados evidenciam que a transmissão de comportamentos de conflito em relacionamentos românticos entre pais e filhos afeta consideravelmente a qualidade dos relacionamentos desses jovens. Essa associação pode ser explicada pela aquisição de competências sociais (como emoções, esquemas e traços) que são adquiridas durante a infância na família de origem que, por sua vez, influenciam a interação com parceiros românticos na fase adulta (Simons, Simons, Landor, Bryant, & Beach, 2014).

Ainda sobre a temática do divórcio, Whitton et al. (2008) encontraram em seu estudo que o divórcio dos pais associou-se a um menor comprometimento do relacionamento e a uma menor confiança no relacionamento entre as mulheres pesquisadas, mas não entre os homens, o que aumenta potencialmente o risco de divórcio. A transmissão intergeracional do divórcio demonstra que, em comparação aos filhos de pais não divorciados, os pais divorciados geralmente têm atitudes mais negativas em relação ao casamento como instituição e são menos otimistas quanto à

viabilidade de um casamento saudável e duradouro, o que influencia no modo como os adultos cujos pais se divorciaram, ao entrarem em um casamento, tenham menos compromisso de relacionamento pessoal e menos confiança em sua própria capacidade de manter um casamento feliz com seu cônjuge (Whitton et al., 2008). Os estudos de Ehrensaft, Knous-Westfall e Cohen (2011) e Mustonen, Huurre, Kiviruusu, Haukkala, & Aro, (2011) também evidenciaram a ligação do envolvimento romântico dos pais com a queda da qualidade do relacionamento amoroso dos filhos adultos apenas entre as mulheres pesquisadas. Os resultados dos três estudos (Ehrensaft et al., (2011); Mustonen et al., 2011; Whitton et al., 2008) evidenciam que as mulheres sofrem mais após a exposição ao estresse conjugal dos pais, mas também podem ser mais positivamente influenciadas do que os homens quando expostas a um forte envolvimento afetivo parental. Entretanto, os resultados do estudo de Ehrensaft et al. (2011) não podem ser generalizados, pois a primeira geração pesquisada era constituída apenas por mães, a partir do que é possível considerar uma influência do gênero. Uma possível explicação para a divergência de gênero encontrada nos três estudos citados pode se relacionar ao fato de que os cuidadores primários para as crianças (os pais que moram na residência) após o divórcio são, na maioria dos casos, as mães. Logo, ao se identificarem com as mães, as filhas podem adotar suas atitudes negativas em relação ao casamento (Mustonen et al., 2011).

O importante a ressaltar sobre a temática da influência familiar na construção dos vínculos afetivos é que as crianças expostas a conflitos conjugais correm o risco de apresentar desregulação emocional, levando a dificuldades nas relações entre pares e interações sociais. Desse modo, reforça-se a ideia de que a parentalidade inconsistente e severa seja um mecanismo significativo para transmitir um envolvimento emocional deficiente em relacionamentos próximos, de modo que as crianças com regulação emocional e desenvolvimento psicossocial prejudicados tendam a estender essas dificuldades a outras relações (Ehrensaft et al., 2011). Essas

trajetórias afetivas são repetidas inconscientemente como forma de sobrevivência e de preservação dos elementos psíquicos compartilhados pelo grupo familiar, de modo que, ao longo da vida, as pessoas acabam repetindo os padrões de relacionamento vivenciados na relação parento-filial e do que observaram da relação conjugal dos próprios pais (Scorsolini-Comin & Santos, 2013). Pode-se concluir, a partir dessa categoria, que os pais são importantes referências para a construção dos vínculos afetivos dos filhos ao longo da vida, sendo que essa influência pode repercutir na construção ou dissolução de relacionamentos amorosos e nas relações parento-filiais atuais e futuras, reforçando o papel formador das figuras parentais.

O casamento como um atualizador de heranças familiares

Entre os eventos significativos do ciclo de vida das famílias encontra-se o casamento, instituição que assinala o início da construção de uma nova família. O processo de construção da conjugalidade é contínuo e acontece com a criação de um território comum (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010) em busca do equilíbrio entre as duas individualidades e a conjugalidade. O casamento assinala a transformação de papéis dos membros em suas famílias de origem, ao mesmo tempo em que inicia um novo casal. Esse ritual possibilita mudanças individuais e no sistema familiar, exigindo que o casal negocie sua relação com os demais subsistemas, como pais, irmãos, avós e amigos (McGoldrick, 2011). O casamento traz desafios implícitos, como as expectativas anteriores ao matrimônio, a bagagem trazida das experiências nas famílias de origem, os conflitos mal resolvidos, entre outros (Quissini & Coelho, 2014). Sendo um evento de transformação no ciclo vital, o casamento pode ser considerado uma “crise” por ocasionar certa instabilidade e necessidade de reorganização das relações e das regras de funcionamento da família. Nesses momentos, o poder dos padrões familiares transgeracionais pode se tornar mais evidente ao favorecer ou dificultar determinados comportamentos no meio familiar (Falcke &

Wagner, 2014), já que a experiência na família de origem é um fator importante para entender inclusive os esforços que os casais se dispõem a fazer por seus relacionamentos (Hardy, Soloski, Ratcliffe, Anderson, & Willoughby, 2015).

Considerando-se que os padrões de vinculação nas gerações precedentes funcionam como modelos implícitos de funcionamento familiar para as gerações seguintes (Coelho, 2007), a repetição desses padrões evidencia a transgeracionalidade e garante a sobrevivência e perpetuação da família (Almeida et al., 2014), apesar de também poder dificultar ou impedir o crescimento do sistema familiar (Cervený, 1994; Coelho & Morais, 2014). O modo de significar e vivenciar a conjugalidade também sofre influência de padrões familiares e pode ser transmitido de geração a geração, evidenciando que a transmissão transgeracional ocorre em vários níveis interligados de aprendizagem de informações, reações emocionais e comportamentos que interagem para participar da constituição do eu, o que pode afetar a escolha de um parceiro conjugal (McGoldrick, 2011).

A construção do casal é uma das tarefas mais complexas do ciclo de vida da família por exigir reorganizações individuais para que a identidade conjugal seja desenvolvida, o que envolve também o contexto familiar de ambos os cônjuges (Schmidt, Bolze, Vieira, & Crepaldi, 2015). A conjugalidade dos pais é uma importante referência para os filhos para ser seguida ou evitada. A escolha do cônjuge é permeada por mensagens que são transmitidas transgeracionalmente pelas gerações anteriores, seja de maneira explícita ou implícita (Scorsolini-Comin, Fontaine, Barroso, & Santos, 2015; Zordan et al., 2014), caracterizando esse processo de escolha conjugal como dinâmico, amplo e influenciado por aspectos históricos e sociais (Pereira & Silva, 2013). Mesmo que a geração seguinte não tenha seguido os modelos oferecidos pelos pais, eles ainda são considerados referências importantes a serem repetidas, evitadas ou adaptadas. A influência da herança familiar pode influenciar inclusive a opção por não construir um vínculo amoroso,

considerando-se que os conflitos familiares herdados e que não são elaborados podem provocar dificuldades que não estimulam a pessoa a se comprometer com projetos de compartilhamento (Zanetti & Gomes, 2012).

Outra possível influência da herança familiar ao vínculo conjugal pode ser vista na idade dos cônjuges ao se casarem. Os resultados do estudo de Poppel, Monden e Mandemakers (2008) indicaram que os filhos cujos pais se casaram com mais idade eram mais propensos a se casar com uma idade mais avançada do que os filhos cujos pais se casaram mais cedo. Esses dados sugeriram a socialização como o principal mecanismo associado à transmissão intergeracional das idades do casamento ao longo das gerações. A satisfação conjugal também sofre influência da dinâmica da transgeracionalidade. Os resultados do estudo de Dennison, Koerner e Segrin (2014) com casais recém-casados indicaram que as características da família de origem (como o divórcio dos pais e o conflito interparental) estavam associadas à menor satisfação conjugal, especialmente para as esposas.

A junção de legados familiares em cada indivíduo potencializa certas representações que acabam ligando a pessoa ao seu par conjugal (Almeida, 2010), seja por similaridades ou complementaridades (Silva, Menezes, & Lopes, 2010). O transcorrer da vida dos membros da família é influenciado pelos valores culturais das gerações antecessoras. Quando essas influências são negativas, elas podem aprisionar o avanço da conjugalidade ao manifestar obstáculos e levar a sentimentos desiludidos e a comportamentos que originem dificuldades ou fracassos na escolha conjugal e na evolução do relacionamento romântico, o que pode levar a uma separação. Os padrões geracionais antecedem e constituem os membros da família, tornando-os herdeiros das histórias e das bagagens das gerações passadas, de modo que os comportamentos dos familiares influenciam e são influenciados circularmente (Quissini & Coelho, 2014). As vivências conjugais e parentais podem funcionar como releituras de resignificação de experiências que foram

traumáticas ou disfuncionais, de modo a ressaltar que a transmissão psíquica ultrapassa a vinculação apenas aos aspectos de negatividade, ou seja, da transmissão de tradições consideradas ruins. Sendo assim, ressalta-se que as heranças não seriam transmitidas automaticamente em uma simples repetição de padrões. Elas podem ser elaboradas, mantidas ou transformadas inconscientemente, facilitando ou dificultando os relacionamentos amorosos (Scorsolini-Comin & Santos, 2014; 2016).

Pode-se concluir que os artigos recuperados nesta categoria temática ressaltam o papel do casamento como um evento que atualiza heranças familiares, pois exige que as individualidades se reorganizem, de modo a potencializar o desenvolvimento da identidade conjugal, sendo que esse processo envolve as bagagens que os cônjuges carregam de seu contexto familiar.

As famílias podem (se) adoecer

A transmissão psíquica pode ser um caminho que predispõe as pessoas do grupo familiar para o desenvolvimento de doenças. Aponta-se a família como um lugar que torna o adoecimento possível quando a dinâmica familiar apresenta vulnerabilidade para absorver elementos da história geracional que expõem a saúde do grupo a desinvestimentos libidinais contínuos dos vínculos e ao não reconhecimento da alteridade dos membros da família, caracterizando então a doença como a ligação entre a família e essa história herdada, transmitida ao longo das gerações. Assim, certas particularidades do funcionamento psíquico da família podem predispor a circulação de uma herança psíquica comprometida por conteúdos não elaborados que se apresentam em dissociações e somatizações. A partir dessas considerações, seria possível entender o adoecimento na família a partir de dois pontos. O primeiro seria por uma repetição de acontecimentos que retornam os membros às fantasias sobre adoecimentos anteriores na história

do grupo. O segundo seria pela reatualização de sofrimentos não simbolizados e perdidos na história familiar, que podem encontrar seu destino na doença (Féres-Carneiro et al., 2011).

Os elementos da transmissão psíquica podem impedir que a pessoa tome conta de sua própria história, como se devesse prestar contas às gerações antecessoras. Os conteúdos que não podem ser elaborados podem ter consequências negativas, seja pelo retorno daquele conteúdo ou por não haver como significar o que foi recebido das gerações anteriores (Santos & Ghazzi, 2012). A interligação entre adoecimentos psíquicos e a transgeracionalidade foi encontrada em artigos que discutiam temáticas diversas, como violência conjugal, interparental e parento-filial (Black, Sussman, & Unger, 2010; Colossi, Marasca, & Falcke, 2015; Gover, Kaukinen, & Fox, 2008; Islam, Tareque, Tiedt, & Hoque, 2014; Mandal & Hindin, 2015; Marasca, Razera, Pereira, & Falcke, 2017; McCloskey, 2013; Neppl, Lohman, Senia, Kavanaugh, & Cui, 2017; Vézina et al., 2015; Vung e Krantz, 2009), incesto na dinâmica familiar (Abdala, Neves, & Paravidini, 2013; Abdala, Próchno, & Silva, 2017), tabagismo (Brook, Rubenstone, Zhang, Finch, & Brook, 2013; Melchior, Chastang, Mackinnon, Galéra, & Fombonne, 2010; Weden & Miles, 2012), dependência química (Botti, Machado, Tameirão, Costa, & Benjamin, 2014), transtornos alimentares (Adami-Lauand & Ribeiro, 2011; Annus, Smith, Fischer, Hendricks, & Williams, 2007; Arroyo, Segrin, & Andersen, 2017; Valdanha, Scorsolini-Comin, & Santos, 2013; Valdanha-Ornelas & Santos, 2016; 2017), obesidade (Almeida & Netto Júnior, 2015; Tassara, Norton, & Marques, 2010), ansiedade (Eley et al., 2015) e transtorno de estresse pós-traumático (Zerach et al., 2017).

Considerando a temática da violência psicológica, física ou sexual em relacionamentos afetivos, o estudo de Colossi et al. (2015) sobre violência conjugal reforça a ideia da família como o primeiro ambiente de socialização das pessoas e, como tal, oferece ferramentas e experiências que vão participar do estabelecimento dos vínculos relacionais das pessoas na vida

adulta. Sendo assim, as autoras destacam que vivenciar a violência como vítima ou testemunha pode oferecer um modelo relacional que pode ser mantido, mesmo gerando dor e sofrimento, o que destaca a característica transgeracional do fenômeno da violência (Colossi et al., 2015). Dessa forma, ressalta-se a exposição infantil à violência como um preditor consistente de envolvimento em relacionamentos caracterizados pela violência entre parceiros na fase adulta, destacando a transmissão intergeracional da violência (Black et al., 2010; Gover et al., 2008; Mandal & Hindin, 2015; Neppl et al., 2017). A transmissão dos maus-tratos estaria baseada na internalização de um modelo parental não responsivo e pouco sensível aos sinais e necessidades da criança. A partir de uma perspectiva desenvolvimental, crescer em um ambiente hostil pode afetar o progresso do desenvolvimento e das habilidades pessoais dos membros da família de tal maneira que o efeito negativo acumulado pode ser levado à idade adulta e contribuir para a perpetuação do ciclo de violência (Bérgamo & Bazon, 2010).

A experiência de violência familiar exerce uma influência significativa também na transmissão de comportamentos antissociais entre gerações. O estudo de Ehrensaft e Cohen (2012) investigou os mecanismos pelos quais a violência por parceiro íntimo pode contribuir para a transmissão intergeracional do comportamento antissocial, considerando que a exposição precoce das crianças a essa vivência é um risco para sua continuidade. Os resultados sugeriram que a violência por parceiro íntimo aumentou o risco de problemas de externalização entre os filhos, de transtorno de estresse pós-traumático parental, transtorno de uso de álcool dois anos depois, além de níveis mais altos de expressividade emocional, agressividade, reatividade hostil e humor depressivo entre os descendentes (Ehrensaft & Cohen, 2012). É possível dizer que as sequelas associadas a uma história de violência familiar provavelmente estarão associadas a uma maior exposição a situações de risco no futuro. O estudo de Vézina et al. (2015) também encontrou que as consequências da violência familiar podem aparecer como dificuldades de

regulação emocional, sintomas de estresse pós-traumático e enfrentamento evitativo, o que, por sua vez, pode aumentar a vulnerabilidade dos jovens à violência nos relacionamentos afetivos. O enfrentamento evitativo pode envolver dependência de álcool e drogas ou mesmo o aumento do número de parceiros sexuais, na tentativa de lidar ou superar o trauma sofrido, mas também como uma estratégia para evitar desencadeadores de experiências traumáticas passadas. O estilo ansioso e ambivalente de apego frequentemente caracteriza as relações íntimas de jovens maltratados, além de uma sensação de desamparo que pode tornar mais difícil para esses sobreviventes de abuso identificar comportamentos violentos e quebrar os padrões de relacionamentos abusivos (Vézina et al., 2015).

A transmissão transgeracional da dependência química pode acontecer por meio de rituais, crenças e regras que regulam as interações familiares, constituindo-se como uma conduta apreendida e que influencia os familiares envolvidos. Os sistemas familiares direcionam formas determinadas de pensar e interagir em sociedade entre seus membros por meio de sua estrutura, dos padrões de comportamento, dos laços emocionais e das histórias compartilhadas. Considerando os fatores biológico, psicológico e social, as influências originadas no ambiente familiar, principalmente as parentais, podem se configurar em padrões disfuncionais que se mostram relevantes para o desenvolvimento do abuso e dependência de álcool e drogas em seus descendentes (Botti et al., 2014). As associações entre o tabagismo parental e o uso regular por seus filhos também foram comprovadas em estudos que sugeriram que os padrões de tabagismo dos pais têm influência duradoura sobre seus filhos (Brook et al., 2013.; Melchior et al., 2010). O estudo desenvolvido por Melchior et al. (2010) indicou duas possibilidades para a transmissão transgeracional do tabagismo. A primeira ressalta a influência de mecanismos ambientais, entre eles a influência psicológica do tabagismo dos pais no comportamento dos jovens, a transmissão parental de normas positivas sobre o tabagismo e a tolerância dos pais ao tabagismo dos jovens.

Já a segunda possibilidade destaca os mecanismos biológicos, como a influência da carga genética dos pais no desenvolvimento cerebral e predisposição ao tabaco (Melchior et al., 2010).

O estudo de Brook et al. (2013) propõe possibilidades semelhantes que propiciariam o tabagismo entre os filhos respaldadas em uma perspectiva do desenvolvimento. A primeira via encontrada diz sobre um possível efeito de continuação do relacionamento entre pais e filhos, no qual esses atributos que marcam a relação causariam repercussões ao longo da vida desses filhos, mesmo quando já adultos. No caso, um apego materno precário e os atributos mal adaptativos poderiam dificultar a capacidade desses adultos de constituir relações íntimas de apoio durante a fase adulta, o que os tornaria mais propensos a sentir mal-estar e a fumar. A segunda via foi a modelagem de papéis, a partir do qual os comportamentos parentais seriam transmitidos aos filhos. A exposição precoce ao tabaco causaria efeitos neurobiológicos aos filhos, além da predisposição genética compartilhada entre essas gerações. A terceira hipótese discutida pelos pesquisadores foi sobre a transmissão intergeracional de atributos de má adaptação em nível educacional e no tabagismo a partir da associação encontrada entre baixa escolaridade e tabagismo na idade adulta (Brook et al., 2013). O estudo de Weden e Miles (2012) também encontrou evidências que reforçam a transmissão intergeracional do tabagismo tanto pelas vias fisiológica e genética (tabagismo durante a gravidez) quanto pela modelagem do papel social. A partir desses achados, é possível observar que o foco dos esforços para diminuir as taxas de tabagismo precisa ser direcionado às famílias, e não somente aos indivíduos isoladamente, considerando a influência comprovada do tabagismo entre pais e filhos (Melchior et al., 2010).

Na temática dos transtornos alimentares, ressalta-se que as relações familiares podem atuar como agentes mediadores no desencadeamento e manutenção dos sintomas de anorexia nervosa a partir da transmissão transgeracional de elementos psíquicos inconscientes que não puderam ser elaborados. A constituição subjetiva das pessoas apresenta-se envolvida com os

objetos e com os modelos identificatórios, antagonistas ou auxiliares (Valdanha-Ornelas & Santos, 2016; 2017). Quanto à obesidade, partindo-se de uma perspectiva sistêmica, é possível considerar o fenômeno transgeracional das relações afetivas organizadas em torno da alimentação como os valores e crenças familiares que são compartilhados entre as gerações – como os gostos alimentares, as formas de se alimentar, como comemorar eventos, entre outros -, o que reporta aos mitos familiares, ou seja, à memória familiar. Sendo assim, os aspectos transgeracionais sobre a obesidade participam da constituição da identidade familiar dos membros, sendo sustentados por esses mitos e também pelas lealdades entre os membros, ou seja, pelas expectativas que as pessoas têm em relação à família e que é transmitida às gerações seguintes. No caso deste estudo desenvolvido por Tassara et al. (2010), a obesidade acaba sendo assumida como um modelo de lealdade e pertencimento ao grupo familiar, dificultando o processo de diferenciação entre os membros. Para ambas as temáticas, ressalta-se a ideia de que as experiências vivenciadas na família de origem podem influenciar o comportamento alimentar desordenado dos filhos adultos (para a falta ou para o excesso) a partir da aprendizagem de padrões distorcidos sobre imagem corporal e da construção de expectativas que desorganizam a alimentação (Annus et al., 2007). O alimento muitas vezes pode assumir uma função afetiva que contribui para a construção dos vínculos das pessoas com seus familiares, com destaque às relações mãe-filha (Adami-Lauand & Ribeiro, 2011).

Para Braga, Mello e Fiks (2012), apesar da possibilidade de que as experiências traumáticas sejam transmitidas entre as gerações da família, é o modo como os pais vão simbolizar e comunicar essas experiências que indicará as repercussões desse trauma para o funcionamento psíquico da geração seguinte, de modo que a história familiar não seja uma prisão para seus membros ao fechar suas possibilidades em um destino traçado, mas sim uma referência, um lugar em que a pessoa se situa, sem determiná-la (Paes & Rudge, 2011). Wang, Xing e Zhao

(2014) trazem também a possibilidade de que experiências emocionais corretivas na idade adulta (como um relacionamento conjugal seguro) possam aumentar as capacidades de autorregulação emocional das pessoas. Os dados de seu estudo indicaram que a satisfação conjugal moderou a transmissão do castigo corporal dos pais, de modo que a continuidade da parentalidade negativa entre gerações (no caso, das punições corporais) pode ser interrompida se as gerações seguintes vivenciarem relacionamentos afetivos próximos e de qualidade (Wang et al., 2014). O espaço psicoterapêutico também pode favorecer a transformação dos vínculos desadaptativos (Gomes & Zanetti, 2009). A terapia familiar transgeracional poderia ser uma alternativa interessante porque examina as interações das pessoas ao longo das gerações, a fim de entender como elas responderam às crises e para prever possíveis dificuldades. As pessoas são desafiadas a examinar padrões e comportamentos geracionais para solucionarem conflitos e promoverem a diferenciação do self (Ballard, Fazio-Griffith, & Marino, 2016).

Considerando-se a circulação de uma herança psíquica comprometida entre os membros da família, essa categoria temática ilustra a repetição de acontecimentos adoecidos e a reatualização de sofrimentos não elaborados na história familiar a partir de estudos que discutem temáticas transmitidas transgeracionalmente, como a violência, o incesto, o tabagismo, a dependência química, os transtornos alimentares, a obesidade, a ansiedade e o transtorno de estresse pós-traumático. Reforça-se, assim, a importância de intervenções que considerem o grupo familiar, e não somente estimule cuidados a partir de um viés individual.

Considerações Finais

Esta revisão integrativa da literatura científica se propôs a investigar a temática da transmissão transgeracional de conteúdos entre as gerações da família a partir da pergunta norteadora “De que modo são transmitidos os padrões conjugais e familiares entre as gerações?”.

A partir da seleção de 102 artigos disponíveis na literatura científica nacional e internacional sobre a temática, ressalta-se que o objetivo de responder à questão foi alcançado. Os artigos ressaltaram a família como um meio privilegiado de transmissão de conteúdos que são passados às gerações seguintes de diversas maneiras, entre elas pela aprendizagem de comportamentos por observação, pelo compartilhamento de experiências cotidianas, pela comunicação verbal ou informal dos valores e expectativas familiares, pelo silenciamento de conteúdos psíquicos, pelas tradições familiares, pelos padrões de interação e comunicação entre os membros da família, entre outros.

A identificação com a história familiar foi ressaltada entre os estudos desta revisão e pode ser encontrada tanto relacionada ao pertencimento e à diferenciação ao grupo quanto em condições patológicas, a partir das quais o adoecimento não elaborado pode ser compartilhado entre os membros da família. Foi possível observar a existência de continuidades e rupturas na transmissão transgeracional, seja no sentido de repetição, transformação ou evitação da herança familiar. Reforça-se, portanto, a ideia da preexistência de uma história transmitida como um legado familiar, de modo a entrelaçar o desenvolvimento individual ao desenvolvimento da família.

Os padrões emocionais da família refletem os padrões emocionais da sociedade, sendo ambos mutuamente influenciados (Bowen, 1989). Entender o modo como as famílias organizam seu sistema emocional pode dar condições para compreender o funcionamento, a reorganização e a ressignificação das relações sociais, o que fortalece o valor social de se estudar a transmissão de padrões familiares. A partir dessas considerações, é importante que as produções científicas voltadas à transgeracionalidade considerem a relevância de desenvolver estudos que possam oferecer contribuições não somente ao que é individual, mas também para os aspectos familiares, geracionais e sociais, entendendo a interligação dessas áreas.

Referências²

- *Abdala, A. T. C. P., Neves, A. S., & Paravidini, J. L. L. (2013). O fenômeno da transmissão psíquica e o incesto: possíveis articulações. *Psicologia em Revista, 19*(1), 43-58.
- *Abdala, A. T. C. P., Próchno, C. C. S. C., & Silva, L. C. A. (2017). A transmissão psíquica do fantasma patológico enquanto objeto transgeracional: uma análise do filme “Volver”. *Ágora, 20*(1), 207-222.
- *Adami-Lauand, C. B., & Ribeiro, R. P. P. (2011). A herança transgeracional nos transtornos alimentares: algumas reflexões. *Psicologia USP, 22*(4), 927-942.
- *Almeida, M. E. S. (2010). Uma proposta sobre a transgeracionalidade: o absoluto. *Ágora, 13*(1), 93-108.
- *Almeida, A. T. C., & Netto Júnior, J. L. S. (2015). Medidas de transmissão intergeracional da obesidade no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva, 20*(5), 1401-1414.
- Almeida, M. E., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Transmissão geracional da profissão na família: repetição e diferenciação. *Psico, 45*(4), 454-462.
- *Annus, A. M., Smith, G. T., Fischer, S., Hendricks, M., & Williams, S. F. (2007). Associations among family-of-origin food-related experiences, expectancies, and disordered eating. *International Journal of Eating Disorders, 40*, 179-186.
- *Arroyo, A., Segrin, C., & Andersen, K. K. (2017). Intergenerational transmission of disordered eating: Direct and indirect maternal communication among grandmothers, mothers, and daughters. *Body Image, 20*, 107-115.
- Ballard, M. B., Fazio-Griffith, L., & Marino, R. (2016). Transgenerational family therapy: a case study of a couple in crisis. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, 24*(2), 109-113.

² Os artigos assinalados com asterisco* foram incluídos na revisão e compõem o *corpus*.

- *Barbosa, C. G., Neme, C. M. B., & Melchiori, L. E. (2011). A família e o indivíduo no curso vital: compreensão trigeracional sobre a morte e o morrer. *Revista Mal-Estar e Subjetividade, XI*(3), 967-1011.
- *Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói, (32)*, 205-226.
- *Bérgamo, L. P. D., & Bazon, M. R. (2010). Experiências infantis e risco de abuso físico: mecanismos envolvidos na repetição da violência. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(4), 710-719.
- *Bernd, Z., & Soares, T. R. (2016). Modos de transmissão intergeracional em romances da literatura brasileira atual. *Alea, 18*(3), 405-421.
- Bertin, I. P., & Passos, M. C. (2013). A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. *Interações, 8*(15), 65-79.
- *Black, D. S., Sussman, S., & Unger, J. B. (2010). A further look at the intergenerational transmission of violence: witnessing interparental violence in emerging adulthood. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(6), 1022-1042.
- *Bortolini, M., & Piccinini, C. A. (2015). Transmissão intergeracional do apego seguro: evidências a partir de dois casos. *Psicologia em Estudo, 20*(2), 247-259.
- *Botti, N. C. L., Machado, J. S. A., Tameirão, F. V., Costa, B. T., & Benjamin, M. L. N. (2014). Funcionamento transgeracional de famílias de usuários de crack. *Psicologia Argumento, 32*(76), 45-55.
- Botton, A., Cúnico, S. D., Barcinski, M., & Strey, M. N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando Famílias, 19*(2), 43-56.
- Bowen, M. (1989). *La terapia familiar en la practica clinica. Vol. I – Fundamentos teóricos*. Bilbao: Editorial Desclee de Brouwer.

- *Braga, L. L., Mello, M. F., & Fiks, J. P. (2012). Transgenerational transmission of trauma and resilience: a qualitative study with Brazilian offspring of Holocaust survivors. *BMC Psychiatry*, *12*(134), 1-11.
- *Bridgett, D. J., Kanya, M. J., Rutherford, H. J. V., & Mayes, L. C. (2017). Maternal executive functioning as a mechanism in the intergenerational transmission of parenting: preliminary evidence. *Journal of Family Psychology*, *31*(1), 19–29.
- *Brook, J. S., Rubenstone, E., Zhang, C., Finch, S. J., & Brook, D. W. (2013). The intergenerational transmission of smoking in adulthood: a 25-year study of maternal and offspring maladaptive attributes. *Addictive Behaviors*, *38*(7), 2361-2366.
- *Cabral, S., & Levandowski, D. (2012). Representações de mães adolescentes: aspectos intergeracionais na relação mãe-criança. *Fractal*, *24*(3), 543-562.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). *A mudança do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Cervený, C. M. O. (1994). *A família como modelo desconstruindo a patologia*. Campinas: Editorial Psy II.
- Coelho, S. V. (2007). A transmissão de padrões familiares: o ciclo de vida e recursos instrumentais. In J. G. Aun, M. J. E. Vasconcellos, S. V. Coelho (Orgs.), *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais: volume II – O processo de atendimento sistêmico, tomo II* (pp. 294-367). Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa.
- Coelho, S. V. (2012). Parte III – Abordagens psicossociais da família. In J. G. Aun, M. J. E. Vasconcellos, S. V. Coelho (Orgs.), *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais: volume I – Fundamentos teóricos e epistemológicos* (3a ed.) (pp. 175-263). Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa.

- Coelho, M. I. S. M., & Morais, N. A. (2014). Contribuições da Teoria Sistêmica acerca da Alienação Parental. *Contextos Clínicos*, 7(2), 168-181.
- *Colossi, P. M., Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico*, 46(4), 493-502.
- *Cui, M., Fincham, F. D., & Pasley, B. K. (2008). Young Adult Romantic Relationships: The Role of Parents' Marital Problems and Relationship Efficacy. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(9), 1226-1235.
- *Cunha, V. S., & Wendling, M. I. (2011). Aspectos transgeracionais da gravidez na adolescência na perspectiva de mães e filhas residentes em Parobé e Taquara (RS). *Contextos Clínicos*, 4(1), 28-41.
- *Daure, I., & Reveyrand-Coulon, O. (2009). Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. *Psicologia Clínica*, 21(2), 415-429.
- *Dennison, R. P., Koerner, S. S., & Segrin, C. (2014). A dyadic examination of family-of-origin influence on newlyweds' marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 28(3), 429-435.
- *Dinero, R. E., Conger, R. D., Shaver, P. R., Widaman, K. F., & Larsen-Rife, D. (2008). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Journal of Family Psychology*, 22(4), 622-632.
- *Diniz, P. K. C., & Salomão, N. M. R. (2010). Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paideia*, 20(46), 145-154.
- *Eley, T. C., McAdams, T. A., Rijdsdijk, F. V., Lichtenstein, P., Narusyte, J., Reiss, D., Spotts, E. L., Ganiban, J. M., & Neiderhiser, J. M. (2015). The intergenerational transmission of anxiety: a children-of-twins study. *American Journal of Psychiatry*, 172(7), 630-637.
- *Ehrensaft, M. K., & Cohen, P. (2012). Contribution of family violence to the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Prevention Science*, 13, 370-383.

- *Ehrensaft, M. K., Knous-Westfall, H. M., & Cohen, P. (2011). Direct and indirect transmission of relationship functioning across generations. *Journal of Family Psychology, 25*(6), 942–952.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- *Fasang, A. E., & Raab, M. (2014). Beyond transmission: intergenerational patterns of family formation among middle-class american families. *Demography, 51*, 1703-1728.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paideia, 20*(46), 269-278.
- Féres-Carneiro, T., Lisboa, A. V., & Magalhães, A. S. (2011). Transmissão psíquica geracional familiar no adoecimento somático. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 63*(2), 1-121.
- Fivush, R., Bohanek, J. G., & Zaman, W. (2010). Personal and intergenerational narratives in relation to adolescents' well-being. In T. Habermas (Ed.), *The development of autobiographical reasoning in adolescence and beyond*. New Directions for Child and Adolescent Development, 131, 45–57.
- *Franco, R. S., & Sei, M. B. (2016). Identidade e relações familiares: transmissão psíquica em “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum. *Pensando Famílias, 20*(2), 177-191.
- *Fuks, M. (2011). Efeitos diretos, indiretos e tardios: trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. *Lua Nova, 83*, 145-178.
- *Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia, 16*(3), 253-261.

- *Garcia, N. M., Yunes, M. A. M., Chaves, P. F., & Santos, L. O. (2007). Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar. *Psicologia da Educação, 25*, 93-112.
- *Gomes, I. C. & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP, 20*(1), 93-108.
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP, 16*(2), 3-15.
- *Gover, A. R., Kaukinen, C., & Fox, K. A. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence, 23*(12), 1667-1693.
- *Gutierrez, I. A., Goodwin, L. J., Kirkinis, K., & Mattis, J. S. (2014). Religious socialization in african american families: the relative influence of parents, grandparents, and siblings. *Journal of Family Psychology, 28*(6), 779-789.
- *Hardy, N. R., Soloski, K. L., Ratcliffe, G. C., Anderson, J. R., & Willoughby, B. J. (2015). Associations between family of origin climate, relationship self-regulation, and marital outcomes. *Journal of Marital and Family Therapy, 41*(4), 508-521.
- *Hare, A. L., Miga, E. M., & Allen, J. P. (2009). Intergenerational transmission of aggression in romantic relationships: the moderating role of attachment security. *Journal of Family Psychology, 23*(6), 808-818.
- *Islam, T. M., Tareque, M. I., Tiedt, A. D., & Hoque, N. (2014). The intergenerational transmission of intimate partner violence in Bangladesh. *Global Health Action, 7*, 1-11.

- *Jarnecke, A. M., & South, S. C. (2013). Attachment orientations as mediators in the intergenerational transmission of marital satisfaction. *Journal of Family Psychology, 27*(4), 550–559.
- *Jeon, S., & Neppl, T. K. (2016). Intergenerational continuity in economic hardship, parental positivity, and positive parenting: the association with child behavior. *Journal of Family Psychology, 30*(1), 22–32.
- *Kim, H. K., Pears, K. C., Capaldi, D. M., & Owen, L. D. (2009). Emotion dysregulation in the intergenerational transmission of romantic relationship conflict. *Journal of Family Psychology, 23*(4), 585–595.
- *Lisboa, A. V., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2007). Transmissão intergeracional da cultura: Um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo, 12*, 51-59.
- *Mandal, M., & Hindin, M. J. (2015). Keeping it in the family: intergenerational transmission of violence in Cebu, Philippines. *Maternal and Child Health Journal, 19*, 598-605.
- *Marasca, A. R., Razera, J. Pereira, H. J. R., & Falcke, D. (2017). Marital physical violence suffered and committed by men: repeating family patterns? *Psico-USF, 22*(1), 99-108.
- *Marcon, S. S., Navarro, F. M., Hayakawa, L. Y., Scardoelli, M. G. C., & Waidman, M. A. P. (2008). Relações familiares ante os valores e costumes em diferentes etnias. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, 9*(2), 9-19.
- *Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. O., Silva, I. M., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 29*(2), 123-132.
- Martins, E. M. A. (2005). *Família e o processo de individuação na perspectiva de Murray Bowen*. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador.

- *McCloskey, L. A. (2013). The intergenerational transfer of mother–daughter risk for gender-based abuse. *Psychodynamic Psychiatry*, 41(2), 303–328.
- McGoldrick, M. (2011). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.), *A mudança do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.), (pp. 184-205). Porto Alegre: Artmed.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2012). *Genogramas: avaliação e intervenção familiar* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- *Melchior, M., Chastang, J. F., Mackinnon, D., Galéra, C., & Fombonne, E. (2010). The intergenerational transmission of tobacco smoking - The role of parents' long-term smoking trajectories. *Drug and Alcohol Dependence*, 107, 257-260.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na Enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- *Merz, E. M., & Jak, S. (2013). The long reach of childhood. Childhood experiences influence close relationships and loneliness across life. *Advances in Life Course Research*, 18, 212-222.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & the PRISMA Group. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), 264-269.
- *Morrongiello, B. A., Corbett, M., & Bellissimo, A. (2008). “Do as I say, not as I do”: family influences on children’s safety and risk behaviors. *Health Psychology*, 27(4), 498-503.
- *Mustonen, U., Huurre, T., Kiviruusu, O., Haukkala, A., & Aro, H. (2011). Long-term impact of parental divorce on intimate relationship quality in adulthood and the mediating role of psychosocial resources. *Journal of Family Psychology*, 25(4), 615–619.

- *Neppel, T. K., Conger, R. D., Scaramella, L. V., & Ontai, L. L. (2009). Intergenerational continuity in parenting behavior: mediating pathways and child effects. *Developmental Psychology, 45*(5), 1241–1256.
- *Neppel, T. K., Lohman, B. J., Senia, J. M., Kavanaugh, S. A., & Cui, M. (2017). Intergenerational Continuity of Psychological Violence: Intimate Partner Relationships and Harsh Parenting. *Psychology of Violence*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000129>
- *Paes, F. F., & Rudge, A. M. (2011). "Está no sangue": transmissão e psicanálise. *Revista Eletrônica do Núcleo Sefhora, 6*(12).
- *Pereira, I. S. A., & Silva, J. C. (2013). Escolha conjugal feminina: uma análise intergeracional segundo uma perspectiva crítica em Psicologia. *Psicologia em Estudo, 18*(3), 407-417.
- *Poppel, F. V., Monden, C., Mandemakers, K. (2008). Marriage timing over the generations. *Human Nature, 19*, 7-22.
- *Pratt, M. W., Norris, J. E., Hebblethwaite, S., & Arnold, M. L. (2008). Intergenerational transmission of values: family generativity and adolescents' narratives of parent and grandparent value teaching. *Journal of Personality, 76*(2), 171-198.
- *Quissini, C. & Coelho, LR.M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando Famílias, 18*(2), 34-47.
- *Raby, K. L., Lawler, J. M., Shlafer, R. J., Hesemeyer, P. S., Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (2015). The interpersonal antecedents of supportive parenting: a prospective, longitudinal study from infancy to adulthood. *Developmental Psychology, 51*(1), 115-123.
- *Raudino, A., Fergusson, D. M., Woodward, L. J., & Horwood, L. J. (2013). The intergenerational transmission of conduct problems. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 48*, 465-476.

- *Rossano, M. J. (2012). The essential role of ritual in the transmission and reinforcement of social norms. *Psychological Bulletin*, 138(3), 529-549.
- *Santos, B. F. M. C., & Cervený, C. M. O. (2013). Repetição de nome próprio: vínculos familiares e culturais. *Vínculo – Revista do NESME*, 10(1), 1-37.
- Santos, V. O., & Ghazzi, M. S. (2012). A transmissão psíquica geracional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(3), 632-647.
- Santos, C. M. C., Pimenta, C. A. M., & Nobre, M. R. C. (2007). A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3), 508-511.
- Schmidt, B., Bolze, S. D. A., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2015). Relacionamento conjugal e características sociodemográficas de casais heteroafetivos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(3), 871-890.
- *Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Família interdita: Transgeracionalidade e subjetivação em três obras ficcionais. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 17(2), 255-266.
- *Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). A transmissão psíquica na poética familiar de Almodóvar – *Volver* (2006) e *Tudo sobre minha mãe* (1999). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(3), 287-295.
- *Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2014). De que substância é feito o amor? A construção da conjugalidade em Guimarães Rosa. *Revista Subjetividades*, 14(1), 17-28.
- *Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Construir, organizar, transformar: Considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, 28(1), 141-160.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. (2015). Relações entre conjugalidade dos pais, conjugalidade dos filhos e bem-estar subjetivo. *Psico-USF*, 20(3), 481-492.

- *Senia, J. M., Neppl, T. K., Gudmunson, C. G., Donnellan, M. B., & Lorenz, F. O. (2016). The intergenerational continuity of socioeconomic status: effects of parenting, personality, and age at first romantic partnership. *Journal of Family Psychology, 30*(6), 647–656.
- *Silva, I. M., Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia, 27*(3), 383-391.
- *Simons, L. G., Simons, R. L., Landor, A. M., Bryant, C. M., & Beach, S. R. H. (2014). Factors linking childhood experiences to adult romantic relationships among african americans. *Journal of Family Psychology, 28*(3), 368-379.
- *Sipsma, H., Biello, K. B., Cole-Lewis, H., & Kershaw, T. (2010). Like father, like son: the intergenerational cycle of adolescent fatherhood. *American Journal of Public Health, 100*, 517-524.
- *Surjadi, F. F., Lorenz, F. O. Conger, R. D., & Wickrama, K. A. S. (2013). Harsh, inconsistent parental discipline and romantic relationships: mediating processes of behavioral problems and ambivalence. *Journal of Family Psychology, 27*(5), 762-772.
- *Tassara, V., Norton, R. C., & Marques, W. E. U. (2010). Importância do contexto sociofamiliar na abordagem de crianças obesas. *Revista Paulista de Pediatria, 28*(3), 309-314.
- *Terres-Trindade, M., Souza, F. P., & Predebon, J. C. (2012). Intergeracionalidade e educação: a perpetuação de práticas educativas maternas. *Pensando Famílias, 16*(2), 29-45.
- *Valdanha, E. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 16*(1), 71-88.
- *Valdanha-Ornelas, E. D., & Santos, M. A. (2016). Family psychic transmission and anorexia nervosa. *Psico-USF, 21*(3), 635-649.

- *Valdanha-Ornelas, E. D., & Santos, M. A. (2017). Transtorno alimentar e transmissão psíquica transgeracional em um adolescente do sexo masculino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 176-191.
- *Van Doorn, M. D., Branje, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2007). Longitudinal transmission of conflict resolution styles from marital relationships to adolescent–parent relationships. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 426–434.
- *Vézina, J., Hébert, M., Poulin, F., Lavoie, F., Vitaro, F., & Tremblay, R. E. (2015). History of family violence, childhood behavior problems, and adolescent high-risk behaviors as predictors of girls' repeated patterns of dating victimization in two developmental periods. *Violence Against Women*, 21(4), 435-459.
- *Vung, N. D., & Krantz, G. (2009). Childhood experiences of interparental violence as a risk factor for intimate partner violence: a population based study from northern Vietnam. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 63, 708-714.
- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2014). Transgeracionalidade e educação: Como se perpetua a família? In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- *Wang, M., Xing, X., & Zhao, J. (2014). Intergenerational transmission of corporal punishment in china: the moderating role of marital satisfaction and gender. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42, 1263-1274.
- *Weden, M. M., & Miles, J. N. V. (2012). Intergenerational relationships between the smoking patterns of a population-representative sample of US mothers and the smoking trajectories of their children. *American Journal of Public Health*, 102(4), 723-731.

- *Whitton, S. W., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2008). Effects of parental divorce on marital commitment and confidence. *Journal of Family Psychology, 22*(5), 789-793.
- *Whitton, S. W., Waldinger, R. J., Schulz, M. S., Allen, J. P., Crowell, J. A., & Hauser, S. T. (2008). Prospective associations from family-of-origin interactions to adult marital interactions and relationship adjustment. *Journal of Family Psychology, 22*, 274-286.
- *Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2012). Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 3*(1), 57-74.
- *Zerach, G., Levin, Y., Aloni, R., & Solomon, Z. (2017). Intergenerational transmission of captivity trauma and posttraumatic stress symptoms: a twenty three-year longitudinal triadic study. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 9*(S1), 114–121.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2014). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-culturais do casamento. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.

ESTUDO 2

Casamento: uma experiência transmitida entre as gerações da família?

Resumo

A família é um meio privilegiado de transmissão de padrões. Este estudo de casos múltiplos investigou o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares. Entrevistas individuais e genogramas foram utilizados para investigar duas famílias, a partir da perspectiva sistêmica. Participaram seis mulheres de três gerações, com idades entre 28 e 90 anos. Os resultados destacaram a influência familiar no vínculo conjugal, a construção dos papéis femininos e a transmissão das heranças familiares. Os mecanismos para a transmissão dos significados do casamento foram a aprendizagem de comportamentos ligados ao feminino, compartilhamento de experiências cotidianas, tradições familiares e padrões relacionais reforçados na família e socialmente. Expectativas anteriores ao matrimônio e a bagagem trazida das famílias de origem foram evidenciadas nos papéis sociais e resolução de conflitos. Destacaram-se questões transgeracionais e de gênero para entender a transmissão de conteúdos como uma maneira de manter o legado familiar.

Palavras-chave: Família. Casamento. Padrões de casamento. Dinâmica familiar.

Marriage: an experience passed down between the generations of the family?**Abstract**

The family is a privileged means of transmitting patterns. This multiple case study investigated the way the meanings assigned to marriage are transmitted between three family generations. Individual interviews and genograms were used to investigate two families from the systemic perspective. Six women of three generations participated, aged between 28 and 90 years. The results highlighted the family influence on the conjugal bond, the construction of the feminine roles and the transmission of family heritages. The mechanisms for the transmission of the meanings of marriage were the learning of behaviors linked to feminine, sharing daily life experiences, family traditions and relational patterns reinforced in the family and socially. Expectations before the marriage and the baggage brought from the families of origin were evidenced in the social roles and conflict resolution. Transgenerational and gender issues were highlighted to understand the transmission of content as a way to maintain the family legacy.

Keywords: Family. Marriage. Marriage Patterns. Family dynamics.

Matrimonio: una experiencia transmitida entre las generaciones de la da familia?

Resumen

La familia es un medio privilegiado de transmisión de patrones. Este estudio de casos múltiples investigó el modo como los significados atribuidos al matrimonio son transmitidos entre tres generaciones familiares. Entrevistas individuales y genogramas fueron utilizados para investigar dos familias, a partir de la perspectiva sistémica. Participaron seis mujeres de tres generaciones, con edades entre 28 y 90 años. Los resultados destacaron la influencia familiar en el vínculo conyugal, la construcción de los papeles femeninos y la transmisión de las herencias familiares. Los mecanismos para la transmisión de los significados del matrimonio fueron el aprendizaje de comportamientos ligados al femenino, compartir experiencias cotidianas, tradiciones familiares y patrones relacionales reforzados en la familia y socialmente. Expectativas anteriores al matrimonio y el legado traído de las familias de origen fueron evidenciadas en los papeles sociales y resolución de conflictos. Se destacaron cuestiones transgeneracionales y de género para entender la transmisión de contenidos como una manera de mantener el legado familiar.

Palabras clave: Familia. Matrimonio. Patrones de Matrimonio. Dinámica Familiar.

Os relacionamentos amorosos, entre eles o casamento, têm sido cada vez mais investigados como forma de se apreender as transformações nos domínios da intimidade e também de apropriação da família acerca de aspectos sociais, culturais e históricos vislumbrados na contemporaneidade (Campos, 2012). Estudos contemporâneos no campo da família têm pontuado a importância das experiências vivenciadas no grupo familiar e seu papel na constituição e manutenção da conjugalidade (Bueno, Souza, Monteiro, & Teixeira, 2013; Coutinho & Menandro, 2010; Quissini & Coelho, 2014; Zordan, Falcke, & Wagner, 2009). A perspectiva sistêmica considera a família como um sistema aberto e dinâmico em constantes interações com o meio, transformando-se continuamente para garantir o crescimento psicossocial de seus membros e se adaptar às circunstâncias históricas e sociais e aos estágios de transição em seu desenvolvimento (Andolfi, 1989). Bowen (1989) considera a família como uma combinação de sistemas emocionais e relacionais, no qual o termo emocional se refere à energia que move o sistema, e relacional sobre as formas como este sistema se expressa (Bowen, 1989). A família engloba aqueles que se ligam por sua história legal, cultural e emocional, consideração ainda a tendência de que as interações familiares sejam padronizadas e repetitivas (McGoldrick, Gerson, & Petry, 2012).

O casamento é considerado uma instituição social, passando por transformações históricas, socioeconômicas e políticas, além de se instituir na interdependência das relações familiares e do contexto social mais amplo (Coelho, 2012). Dessa forma, entende-se que a relação conjugal une dois sistemas complexos que originam um novo sistema, que é constituído pela interação de duas individualidades e do que cada cônjuge traz da experiência que teve em sua família de origem (McGoldrick, 2011). Os processos transmitidos pela família de geração a geração e que se mantêm presentes ao longo da história familiar pode ser entendido como transgeracionalidade (Falcke & Wagner, 2014). Ainda de acordo com as autoras, fenômenos

transgeracionais como lealdades, valores, crenças, mitos, segredos, rituais e legados participam continuamente da dinâmica familiar. A transgeracionalidade é retratada em estudos recentes (Almeida, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014; Colossi, Marasca, & Falcke, 2015; Scorsolini-Comin & Santos, 2016; Tondowski et al., 2014), especialmente sobre as temáticas de violência, transtornos alimentares, dependência química, relações familiares e escolha profissional, além da influência das experiências familiares na escolha, constituição e manutenção da conjugalidade (Borges & Magalhães, 2013; Coutinho & Menandro, 2010; Pereira & Silva, 2013; Silva, Menezes, & Lopes, 2010).

Compreender a transmissão transgeracional de significados sobre a conjugalidade é entender que se trata de um fenômeno que acontece na família e na interação de seus subsistemas (casal, pais e filhos, irmãos, avós-pais-filhos, entre outros) (McGoldrick, 2011). Esses significados dão sentido às experiências de vida e podem ser compartilhados pelas gerações familiares. Ao falar em geração, é necessário entender que ela reúne pessoas nascidas na mesma época e que compartilham uma realidade que é socialmente construída (Mannheim, 1982), fato que mantém e justifica padrões de relacionamento entre os membros da família e que pode facilitar ou dificultar a transição para a conjugalidade. É necessário ter em vista que as famílias tendem a repetir a si mesmas, considerando o papel formador das figuras familiares sobre normas e papéis sociais (Gorin, Mello, Machado, & Féres-Carneiro, 2015), ou seja, os comportamentos esperados para cada gênero, e que os padrões se apresentam como modos de funcionamento compartilhados pelos membros do grupo familiar (McGoldrick et al., 2012). Sendo assim, a investigação desses significados e dos modos de transmissão se mostra importante tanto em nível individual – para entender as ideias e representações sobre a conjugalidade – quanto em nível familiar, considerando a transmissão transgeracional de significados sobre o que é ser família e ser casal.

Os pais são referências de como se relacionar no contexto conjugal, seja como uma relação para se repetir ou para fazer o contrário, e assumem um papel de importância na vida dos filhos, sendo os primeiros a estabelecer relações de afeto e por oferecerem modelos de como ser um casal (Menezes & Lopes, 2007), considerando que a vivência da etapa conjugal é uma possibilidade no ciclo de vida das pessoas. Para Carter e McGoldrick (2011), o ciclo vital da família é um processo no qual o grupo familiar passa por expansões, contrações e realinhamentos em seu sistema de relacionamentos para lidar com a entrada, saída e desenvolvimento de seus membros, a fim de compreender o relacionamento entre as gerações da família, sem a intenção de promover um estereótipo rígido de “normalidade”. As tradições familiares são reconhecidas de uma geração pra outra e estão quase sempre ancoradas em padrões rígidos de transmissão cultural, mas que garantem a sobrevivência da família em meio às transformações sociais (Lisboa, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2007). Os comportamentos ritualizados das famílias apresentam-se como mecanismos essenciais para a transmissão e o reforço das normas sociais (como padrões de comportamento moralmente significativos), pois vinculam emocionalmente os membros entre si e aos valores compartilhados pelo grupo (Rossano, 2012).

Muitos estudos na área da transgeracionalidade buscam compreender os aspectos que se repetem nas gerações e sua repercussão na construção da identidade do indivíduo (Adami-Lauand & Ribeiro, 2011; Ballard, Fazio-Griffith, & Marino, 2016; Marin et al., 2013) e na maneira como a família influencia as práticas conjugais (Borges & Magalhães, 2013; Colossi et al., 2015; Pereira & Silva, 2013; Quissini & Coelho, 2014; Scorsolini-Comin, Fontaine, Barroso, & Santos, 2015; Zanetti & Gomes, 2012). A maioria dos estudos citados anteriormente aborda a visão de uma ou duas gerações, de mesma família ou não, o que se difere da proposta deste estudo, que buscou tanto a visão pessoal de cada membro da família, em consonância com grande parte das investigações sobre transgeracionalidade, quanto privilegiou um momento de participação

conjunta das três gerações, dando espaço às histórias transgeracionais contadas a três vozes ao presentificá-las em um mesmo momento de coleta de dados, em um movimento menos frequente na literatura científica (Almeida et al., 2014; Barbosa et al., 2011; Barros, 2013; Carvalho & Paiva, 2010; Weber, Selig, Bernardi, & Salvador, 2006). A partir dessas considerações sobre família, transgeracionalidade e casamento, faz-se importante investigar o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre as gerações familiares, considerando-se a influência dos padrões familiares na escolha do parceiro, na constituição e na manutenção da conjugalidade, o que reflete diretamente na organização macrossocial.

Método

Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa organizada em um estudo de casos múltiplos com as duas famílias participantes. A pesquisa qualitativa busca entender uma situação social, fato, papel, grupo ou interação, sendo realizada em um cenário natural. O pesquisador é o instrumento na coleta de dados, cujo foco está nas perspectivas e experiências dos participantes e no modo como eles entendem suas vidas (Creswell, 2010). O estudo de caso busca investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, assumindo que esse entendimento pode englobar condições contextuais pertinentes ao caso e contando com múltiplas fontes de evidência. Sendo um estudo de casos múltiplos, utiliza-se da estratégia de síntese de casos cruzados (Yin, 2015).

Participantes

Foram convidadas a participar do estudo pessoas que corresponderam aos seguintes critérios de inclusão: (a) pessoas de mesmo sexo de três gerações de uma mesma família, correspondendo aos seguintes papéis: avô, pai e filho e/ou avó, mãe e filha; (b) os três membros da família deveriam manter um relacionamento conjugal (casamento civil ou união estável) pelo

tempo mínimo de dois anos. Não houve restrições quanto ao grau de escolaridade ou aspectos socioeconômicos.

Considerando os critérios de exclusão da pesquisa, não puderam participar pessoas: (a) de sexos diferentes de uma mesma família. Por exemplo: avô, mãe e filho; avó, pai e filha, entre outras configurações nas quais haja pessoas de sexos diferentes; (b) que mantivessem um relacionamento conjugal por tempo inferior a dois anos; (c) solteiras, que estivessem namorando, viúvas, divorciadas ou em processo de separação conjugal no momento da coleta dos dados. Não houve restrição quanto a recasamentos. O objetivo de selecionar pessoas casadas ou em união estável é destacar quem vivencia a experiência conjugal, considerando a influência da fase de seu ciclo de vida e a cotidiana reconstrução e adaptação que os relacionamentos exigem para o equilíbrio entre individualidades e conjugalidade.

As participantes foram recrutadas a partir de contatos realizados na cidade de Uberaba (MG) e região, por meio de indicações das redes sociais dos pesquisadores e do procedimento “bola de neve”. Quanto ao número de participantes, é importante ressaltar que as pesquisas de abordagem qualitativa discutem que nem sempre é possível defini-lo antecipadamente (Creswell, 2010). Em função das condições da coleta e da disponibilidade de participantes, após um ano e meio de buscas foram encontradas apenas três famílias aptas (nove mulheres), considerando a complexidade de recrutar participantes que correspondessem aos critérios de inclusão e exclusão e que aceitassem participar da pesquisa. Uma dessas famílias interrompeu sua participação sem que todos os procedimentos tivessem sido realizados. Dessa forma, o *corpus* deste estudo foi composto por duas famílias de mulheres, totalizando seis participantes, todas casadas e pertencentes a três gerações da mesma família.

A principal dificuldade da coleta de dados foi encontrar o cruzamento dos critérios (a) ter três gerações (b) casadas da mesma família com o fato de (c) serem do mesmo sexo. Foi possível

encontrar três gerações que já tivessem vivenciado a experiência do casamento em algum período da vida, porém a primeira e/ou a segunda geração era divorciada ou viúva no momento da coleta de dados. Outro critério que excluiu algumas famílias foi o fato de a terceira geração ainda não ter se casado. Algumas famílias apresentavam as três gerações casadas, porém os participantes não eram do mesmo sexo. Não foi delimitado que os participantes fossem do sexo feminino, ao passo que a amostra se constituir somente por mulheres acabou sendo uma característica relevante deste estudo e que será discutida posteriormente.

Instrumentos

Foram empregados os seguintes instrumentos:

(a) Genograma: registro gráfico que reúne informações sobre uma família e seus membros, mostrando sua estrutura, funcionamento e padrões de relações por pelo menos três gerações (McGoldrick et al., 2012). O uso clínico do genograma permite acessar o material familiar emocionalmente carregado. É uma forma prática de envolver as famílias ao tratamento, pensando-o sistemicamente, organizar suas experiências, reestruturar e esclarecer questões familiares, servindo como auxílio psicoeducacional para conhecimento desses padrões e libertando os membros do grupo para outras vivências no futuro. O uso do genograma como instrumento de pesquisa ressalta seu potencial de rastrear informações em um formato gráfico simples. Os genogramas são adequados para a pesquisa qualitativa, nas quais os dados são coletados de forma que privilegiam ouvir a opinião dos participantes da pesquisa e os incentiva a contar suas histórias de vida. Eles também se mostram adequados para a pesquisa quantitativa, pois os softwares de genogramas que incluem bases de dados aumentam a capacidade de armazenamento, gerenciamento e análise de informações complexas (McGoldrick et al., 2012). Para o presente estudo, o programa GenoPro foi utilizado para a construção digital dos genogramas após as coletas de dados.

(b) Entrevista semiestruturada com o participante: Trata-se de um roteiro de entrevista semiestruturada (Apêndice B), elaborado a partir dos objetivos deste estudo. Em linhas gerais, foram coletados dados referentes à idade dos cônjuges, escolaridade, emprego/ocupação, religião, etapa do ciclo vital, tempo e história do relacionamento conjugal, história da família de origem, influência familiar na constituição e manutenção do vínculo conjugal, além de suas dificuldades e possibilidades.

Procedimento

Coleta de dados. Após contato prévio com as participantes, a partir das indicações sociais, as entrevistas foram agendadas e realizadas somente após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), em atenção às disposições éticas em pesquisas com seres humanos. Os dados foram coletados nas residências das participantes, a partir de sua própria escolha, em virtude de suas casas serem ambientes de confiança para elas e que asseguraram sua privacidade, conforto material e psicológico. O roteiro de entrevista semiestruturada foi aplicado face a face e individualmente com cada uma das participantes, em um primeiro encontro, enquanto o genograma foi construído conjuntamente com os três membros da família em um segundo momento, por se tratar de uma representação gráfica do referido grupo. A construção conjunta do genograma favoreceu a recuperação de informações e disparou reflexões a partir da interação das três gerações. Os dois momentos (entrevistas individuais e construção do genograma) foram audiogravados, mediante o consentimento das participantes. As entrevistas foram transcritas na íntegra para posterior análise, constituindo o *corpus* do estudo, enquanto os genogramas foram digitalizados para o programa GenoPro, a fim de obter uma construção mais padronizada dos dados coletados.

Análise dos dados. Para a organização do *corpus* analítico foram utilizados os procedimentos de análise de conteúdo temática (Braun & Clarke, 2006). Para esses autores, a

análise temática é bastante útil e flexível para a pesquisa qualitativa em Psicologia. Ela é um método que identifica, analisa e relata padrões (temas) nos dados obtidos. É minimamente organizada e descreve o conjunto de dados em detalhes. O processo de análise temática é dividido nas seguintes etapas: (a) familiarizar-se com os dados em busca de significados e padrões a partir da transcrição, leitura e anotação de ideias iniciais; (b) gerar códigos iniciais das características relevantes dos dados coletados de forma sistemática e organizar os dados codificados em grupos significativos, sendo estes diferentes dos temas (mais amplos); (c) buscar temas: início da análise interpretativa dos códigos, que podem se combinar para formar um tema abrangente. Representações visuais são úteis nessa fase para classificar os diferentes códigos em temas; (d) rever os temas e refinar os códigos extraídos para cada um, ou seja, verificar se eles se referem a um padrão coerente e se apresentam validade dos temas individuais em relação a todo o conjunto de dados. Os dados que compõem os temas devem ser coerentes, e os temas diferentes devem apresentar distinções claras e identificáveis. No final desta fase, é necessário saber quais são os diferentes temas e como eles se articulam em relação a todo o conjunto de dados; (e) definir, nomear temas e aperfeiçoar os temas apresentados. Analisar os dados, identificar a essência e a especificidade de cada tema e gerar definições claras para cada um deles. Não obter temas muito amplos, diversos e complexos; (f) produzir o relatório: análise final dos temas levantados. Selecionar exemplos pertinentes para exemplificar cada tema. Relacionar a análise com a pergunta norteadora da pesquisa e com a literatura. A análise deve ser concisa, coerente, lógica e não repetitiva.

Para a análise do genograma foram empregados os procedimentos de Wendt e Crepaldi (2008) e McGoldrick et al. (2012). Como se tratam de casos múltiplos, houve uma análise pormenorizada de cada respondente e de cada família, em um primeiro momento, e posteriormente os dados das duas famílias foram analisados conjuntamente, estabelecendo

comparações entre os dados de cada sistema familiar e/ou de cada geração. Essas comparações foram estabelecidas com base na análise de conteúdo das entrevistas e da compreensão do genograma de cada família. A análise e a interpretação dos dados serão pautadas na perspectiva sistêmica, especificamente em termos do conceito de transgeracionalidade, tendo como base os estudos desenvolvidos por Bowen (1989), Carter e McGoldrick (2011) e McGoldrick et al. (2012), bem como na literatura recente sobre família e conjugalidade (Falcke & Wagner, 2014; Gorin et al., 2015; Scorsolini-Comin & Santos, 2016). A escolha da abordagem sistêmica deve-se ao fato de a mesma possibilitar a busca pela compreensão do modo como os elementos da conjugalidade são transmitidos transgeracionalmente e como eles são vivenciados em cada geração familiar.

Referencial teórico

A Teoria Sistêmica compreende o indivíduo como um ser inter-relacionado e parte de uma rede que se modifica continuamente. A família, sendo um sistema aberto e dinâmico em constantes interações com o meio, transforma-se para garantir o crescimento psicossocial de seus membros e para se adaptar às circunstâncias e aos estágios de transição presentes em seu desenvolvimento (Andolfi, 1989). O funcionamento dos membros de uma família é interdependente, de forma que a mudança em um subsistema afeta os demais (McGoldrick et al., 2012). Essas mudanças contínuas são operadas conjuntamente e exigem redimensionamento e adaptação de cada membro do sistema familiar, sendo que a mudança no funcionamento de um membro é acompanhada por uma mudança compensatória de outros membros da família (Bowen, 1989).

O conceito de diferenciação de self é importante e equivale ao grau de maturidade emocional do indivíduo. O nível de diferenciação de um sujeito é influenciado pelo nível de diferenciação de seus pais e pelo tipo de relacionamento que tem com eles. A maneira como a

vinculação emocional na vida adulta é tratada vai facilitar ou dificultar que a pessoa se solte de seus pais. As pessoas geralmente se casam com cônjuges cujos níveis de diferenciação de self são parecidos. Esses fatores podem favorecer a predição do grau de indiferenciação ou imaturidade que será absorvido pelo novo núcleo familiar formado (Bowen, 1989).

O processo de transmissão multigeracional desenvolvido por Bowen (1989) indica o modo como o nível de indiferenciação dos pais é passada às gerações seguintes, sendo que esse processo multigeracional pode fornecer uma base sobre a qual é possível entender a geração atual da família e oferecer uma perspectiva do que se esperar das gerações seguintes (Bowen, 1989). A transmissão transgeracional ocorre em vários níveis interligados de aprendizagem de informações, reações emocionais e comportamentos que interagem para participar da constituição do eu, o que afeta a escolha de um parceiro conjugal. A união conjugal assinala a mudança de status dos membros da família e modifica sua organização, transformando um namoro em uma união formal de duas famílias. É possível que as experiências com as próprias famílias de origem influenciem a escolha conjugal e interfiram no equilíbrio da conjugalidade (McGoldrick, 2011).

A transmissão transgeracional de lealdades, valores, crenças, mitos, segredos, ritos ou rituais e legados permite que a história familiar se mantenha ao longo do tempo, perpassando gerações e fornecendo padrões de comportamentos, sejam esses modelos para serem seguidos ou evitados pelas gerações seguintes. A perspectiva sistêmica consegue fundamentar essas discussões transgeracionais, considerando sua visão dinâmica e de circularidade sobre os processos de constantes interações entre as pessoas e o meio, o que favorece o entendimento das construções familiares e sociais, que também são dinâmicas.

Disposições éticas

Este estudo foi amparado na Resolução nº 466, de 12/12/2012, Conselho Nacional de Saúde. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade

Federal do Triângulo Mineiro (CEP-UFTM), sob o número CAAE 70796917.9.0000.5154 (Anexo A).

Resultados e Discussão

Em termos da caracterização das participantes e composição dos casos, duas famílias (A e B) participaram deste estudo, sendo que cada geração foi identificada com um número (1 para a geração das avós; 2 para a geração das mães; 3 para a geração das filhas). Observa-se que as idades das participantes variaram de 28 a 90 anos, sendo que a média de idade da 1ª geração foi 82 anos, da 2ª foi 57,5 anos, enquanto a 3ª geração foi 32 anos. Já o tempo de casamento variou de cinco a 64 anos de duração, sendo que a média de duração da 1ª geração foi 60,5 anos, da 2ª foi 33,5 anos, enquanto da 3ª geração foi 11,5 anos. Cinco das seis mulheres realizaram casamentos civis e religiosos, enquanto apenas uma delas vive em união estável. Apenas a participante A3 não tem filhos. O catolicismo foi afirmado como a crença da maioria das participantes. Quanto à escolaridade e profissão, observa-se que as respostas foram bastante variadas. Todas as participantes vivem em suas próprias casas, de modo que nenhuma geração deste estudo coabita com as demais. Quanto às etapas do ciclo vital familiar, ressalta-se que A1, B1 e B2 vivenciam o estágio tardio da vida, A2 vivencia o lançamento dos filhos e seguindo em frente, B3 vivencia a etapa com filhos pequenos e adolescentes, enquanto A3 vivencia a formação do novo casal a partir do casamento, conforme proposta de ciclo vital de Carter e McGoldrick (2011). A caracterização completa das participantes encontra-se na Figura 1, a seguir.

Caso	Nome	Idade	Casamento	Tempo de casamento	Filhos	Religião	Escolaridade	Profissão
Caso A	A1	74 anos	Civil e religioso	57 anos	5	Católica e Espírita	Fundamental incompleto	Do lar Costureira
	A2	52 anos	Civil e religioso	30 anos	3	Católica	Pós-Graduação	Pedagoga
	A3	28 anos	Civil e religioso	5 anos	0	Espírita	Superior completo	Policia Militar
Caso B	B1	90 anos	Civil e religioso	64 anos	8	Católica	Alfabetizada	Do lar Plantio de café
	B2	63 anos	Civil e religioso	37 anos	3	Católica	Médio completo	Servente escolar
	B3	36 anos	União estável	18 anos	2	Católica	Superior completo	Fisioterapeuta

Figura 1. *Identificação das participantes.*

Caso A

A família A deste estudo foi representada pelas participantes A1 (74 anos de idade, 57 anos de casamento, mãe de cinco filhos, avó de 12 netos e bisavó de oito bisnetos), A2 (filha de A1, 52 anos de idade, 30 anos de casamento, mãe de três filhos) e A3 (filha de A2 e neta de A1, 28 anos de idade, cinco anos de casamento). As participantes apresentaram ideias bastante próximas sobre o que entendem por família ao indicarem o respeito, a união e a construção conjunta como valores compartilhados pelo grupo. Além disso, as três ressaltaram a necessidade de esforço para preservar essa instituição, tendo em vista que no cotidiano familiar pode ocorrer eventos estressantes.

“Ah, eu acho que família é tudo, né? É importante. (...) Família tem que manter unida! Você não tem que viver aglomerado, junto, mas tem que ter união. Acho que isso é importante, (...) essa coisa de preservação de família, de respeito, né? Que eu acho que tem que ter...” A1, 74 anos.

“Tudo de bom (choro). (...) honestidade ele sempre teve, sempre passou pra gente. Respeito, sabe? Humildade. Então eu acho que isso eu consegui passar pros meus filhos. Isso aí eu sou grata, mesmo, porque (risos) não é fácil”. A2, 52 anos.

“Família é tá junto, é construir junto, né? Eu acho que é isso. Querer as mesmas coisas ou então se esforçar pra atender os dois lados, né, é dividir, é compartilhar”. A3, 28 anos.

Percebe-se que as opiniões sobre ser família e os valores compartilhados pelo grupo convergiram entre A1, A2 e A3. Conforme pode ser observado no genograma da família A, houve um predomínio de relações heterossexuais e de famílias consideradas tradicionais, além de uma tendência na realização de casamentos civis e religiosos, principalmente professados no catolicismo. O genograma ilustrou poucas separações e divórcios (quando observado o número total de casamentos deste grupo) e nenhuma indicação de união estável. Considerando que as participantes A1 e A2 indicaram seguir o catolicismo, é possível indicar a influência da crença religiosa de indissolubilidade do casamento na constituição e manutenção dos vínculos conjugais nesta família. Apesar dessa padronização de configurações conjugais, as entrevistas trouxeram certo distanciamento nas ideias mencionadas por elas sobre a vivência da conjugalidade. As participantes enfatizaram a importância dessa instituição em suas vidas e a forma como buscaram vivenciar essa experiência, porém a principal diferença entre os relatos das três se deve ao modo como essas mulheres construíram e vivenciam sua conjugalidade, além da transformação dessa experiência para cada geração ao longo do tempo.

“No começo tudo são flores, né? Depois os espinhos começam a aparecer. (...) Casamento não é fácil! Vida dura! Tem que ter tolerância, paciência dos dois lados. Não é só cobrar do outro, porque a gente tem defeitos também (...)”. A1, 74 anos.

“Eu sou muito tradicional também. Isso a gente vai, vai carregando, né? Mas não tanto quanto eles. (...) Sou bem mais flexível.” A2, 52 anos.

“Não tô com uma pessoa só pra ela me sustentar. Eu quero conviver, eu quero crescer junto. (...) você põe numa balança e (...) esse relacionamento tem que tá sempre positivo.” A3, 28 anos.

A construção da conjugalidade das participantes A1, A2 e A3 percorreu caminhos diferentes, considerando o atravessamento de aspectos como cultura vigente na época em que se casaram, expectativas para os papéis sociais e influência religiosa. A1 narrou a vivência de um casamento permeado por silenciamentos e renúncias, tendo em vista a necessidade de criar muitos filhos e a dependência financeira do marido. A cristalização dos papéis sociais ficou muito evidente na entrevista de A1, que trouxe diversas menções à tarefa masculina de sustento do lar e à tarefa feminina de cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos, tanto na sua própria vivência conjugal quanto nas experiências que teve com sua família de origem, especialmente o casamento dos pais. Além disso, também ficou evidente a construção familiar como a única alternativa possível na vida das mulheres da geração de A1 por não haver *“outras perspectivas que não fosse criar os filhos”* A1, 74 anos. Dessa forma, a manutenção do casamento para toda a vida, apesar dos conflitos que frustravam as expectativas individuais, foi uma temática que perpassou amplamente a entrevista desta participante e que possivelmente foi transmitido pelas gerações anteriores à participante.

“Meu pai achava que os filhos tinham que casar, né? É... Tem que casar! (...) Gente, 17 anos, era virgem, ia casar e morava com a sogra, mas usava muito isso, né? Morar com os pais. Isso era quase uma cultura na época.” A1, 74 anos.

De acordo com a fala de A1, há possíveis influências culturais no modo como os casamentos da sua época eram organizados, como o fato de ela ter morado com os sogros durante

os primeiros meses de casamento. A1 também mencionou ter passado por muitas dificuldades financeiras nos primeiros anos do casamento, o que, somado aos filhos que vinham um atrás do outro, trouxe desequilíbrios para a relação conjugal. O estágio de lançamento do adulto jovem solteiro para a fase de união das famílias com o casamento apareceu bastante marcada na fala de A1, que indicou essa fase como uma espécie de corte, um distanciamento da família de origem, a partir do qual o papel de filha ficava secundário frente às responsabilidades do novo papel de esposa e mãe, como uma ideia naturalizada na progressão da vida e na qual os pais procuravam não interferir.

“Era ‘Casou, vai ter que cuidar da sua vida!’, cê entendeu? Os problemas que a gente tinha, que a gente passava sozinha, eles não interferiam, nem pra ajudar e nem pra atrapalhar, não sei se é porque era mais cômodo ou se porque não tinha mesmo como ajudar. (...) Eles não davam essa abertura.” A1, 74 anos.

Segundo relatos de A1 e A2, “casa de vó” era um lugar em que os netos deveriam se comportar para não incomodar os mais velhos. A1 relatou que, muitas vezes, sentiu-se humilhada na casa dos pais quando fazia visita com seus filhos, pois todos passavam necessidade e tinham muitas crianças para cuidar. A2 também relatou sobre essas visitas, a partir das quais se sentia reprimida, pois esperavam que as crianças se comportassem como mini adultos. As duas relataram acreditar que esse distanciamento pode ter sido influenciado pelas sérias dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias, que precisavam sustentar um número muito grande de pessoas. De certo modo, pode-se supor que o casamento era uma maneira de responsabilizar o filho para que ele mesmo buscasse seu próprio sustento, o que amenizava a crise no núcleo familiar ao diminuir o número de pessoas no ambiente. A experiência de A1 a partir desse distanciamento da família de origem após o casamento parece tê-la marcado negativamente, já que ela citou esse convívio com a família extensa como um aspecto que buscou transformar.

“Aqui de domingo é festa! (...) então aqui ajunta as gerações todas!” A1, que, a partir de encontros semanais, buscou manter o vínculo com todas as gerações da família que construiu com o marido, sendo tal evento também valorizado e citado na entrevista de sua neta A3.

Compreender o contexto familiar exige um olhar estendido às gerações e à família extensa, considerando que, segundo a teoria de Bowen, as pessoas carregam as bagagens de suas famílias de origem, de modo que os conflitos não resolvidos podem se repetir em outras relações interpessoais (Martins, 2005). As expectativas dos cônjuges anteriores ao casamento e a bagagem que eles carregam das experiências nas famílias de origem (como conflitos mal resolvidos e padrões de comunicação) podem ser desafios para a constituição do vínculo conjugal (Quissini & Coelho, 2014). Essas heranças familiares positivas e negativas podem ser vistas nos casamentos das participantes a partir de seus relatos, como o exemplo citado no parágrafo anterior. Tendo sido criada em um ambiente cujos papéis eram mais rígidos, A2 buscou afastar-se dessa pressão e citou acreditar que o casamento poderia libertá-la. *“(...) eu tive um pouquinho de pressa de casar por conta de ter liberdade, né? Olha que ilusão (risos).”* A2, 52 anos. Percebe-se, pela fala, que não foi bem assim. A2 também trouxe relatos de um casamento marcado por expectativas quanto aos papéis de gênero e a visão do casamento como a alternativa de construção para a vida, em detrimento de planejamentos individuais. Como diferença, A2 indicou mais flexibilidade para pensar em investimentos pessoais, desde que as funções dentro de casa fossem priorizadas (como o cuidado dos filhos), o que acarretou uma dupla função e uma sobrecarga, conforme também pode ser visto em outros estudos que retrataram a temática (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2017; Jablonski, 2010; Perlin & Diniz, 2005). *“Mas alguém tinha que ficar sacrificado, né? No caso, fui eu (risos).”* A2, 52 anos. Essa naturalização da ideia de que a mulher era quem deveria se sacrificar em nome do grupo familiar apareceu também na história de A1, enquanto para A3 a desconstrução desse padrão se mostrou mais evidente.

A fala de A2 pode indicar o atravessamento do processo de transmissão multigeracional proposto por Bowen (1989), a partir do qual a ansiedade é transmitida entre as gerações da família, de modo que as pessoas escolhem cônjuges cujos níveis de diferenciação de self sejam próximos ao seu próprio. A2 relata durante a entrevista que sentia “ânsia de liberdade” e se sentiu reprimida durante boa parte da vida. Esse padrão emocional parece ter sido carregado para seu relacionamento conjugal, já que ela indicou o controle excessivo como uma característica negativa do marido. Essa busca pela liberdade aparece associada a uma possibilidade de investimento em sua individualidade, uma maneira de tomar as rédeas da própria vida, o que parece ter influenciado tanto A2 quanto sua filha, A3. As duas participantes utilizaram a mesma frase “*minha casa, minhas regras*” para descrever um dos aspectos que consideravam positivos de sua experiência conjugal, indicando que o casamento pode ser uma forma concreta de afirmar e vivenciar a criação de um espaço comum compartilhado pelo casal (no caso, a conjugalidade), mas que, ao mesmo tempo, permite o investimento na própria individualidade.

A necessidade de investimento na individualidade e o benefício que isso pode trazer para a conjugalidade apareceram na entrevista de A3. “*Relacionamento leve. Não tem cobrança (...) Eu sou eu com ele.*” A3, 28 anos. A participante utilizou diversas vezes a palavra “leve” para se referir ao seu relacionamento. Comparando com o relato de sua mãe A2 e considerando o contexto de criação de A3, é possível ressaltar a transformação da bagagem transgeracional sobre os padrões relacionais com o companheiro, considerando ter sido um aspecto citado como negativo pela A2 e que foi evitado e transformado pela A3 em seu próprio relacionamento conjugal. É provável que ela tenha incorporado algo do padrão de relacionamento mais rígido vivenciado pelos pais e avós e buscado evitar a vivência de um mesmo padrão de conjugalidade, o que foi ilustrado na fala de A3 “*(...) É manifestar suas vontades, né? Não é só ceder*” sobre os relacionamentos conjugais. O estudo desenvolvido por Wang, Xing e Zhao (2014) indicou que é

possível que um relacionamento conjugal seguro funcione como uma experiência emocional corretiva na idade adulta, de modo a aumentar as capacidades de autorregulação emocional das pessoas. Ou seja, por mais que a bagagem transgeracional comunique relações disfuncionais, uma experiência mais adaptativa ao longo da vida pode influenciar positivamente na desconstrução dessas heranças, o que parece ter acontecido entre A1-A2-A3.

“Se eu for a metade do que eles foram pra mim, eu vou ser uma excelente mãe. (...) Muito amável, muito carinhoso. Cuidadoso. Às vezes o excesso, por eu ser primeira filha, o excesso de zelo, né? (...) meu pai (...) foi muito rígido, né? Eu puxei muito ele, mas eu vou tentar não ser exatamente igual. Eu vou tentar conversar mais.” A3, 28 anos.

A transformação do que é entendido como negativo tanto do relacionamento conjugal dos pais quanto das relações parento-filiais foi marcante nos relatos das entrevistadas, de modo a sugerir que a transmissão entre gerações de aspectos considerados positivos é mais possível de ser mantida, enquanto o que foi considerado negativo foi indicado como algo que as participantes lutaram para transformar ou evitar, mesmo sem ter certeza de suas condições para tal.

“(...) eu ficava por entender, né? Por que minha mãe não reage, né? (...) eu sinto que ela não consegue, sabe? Expor o que ela gosta. Não, expor não, impor, né? Porque às vezes cê tem que impor, é assim que eu quero e pronto, né? Mas eu acho que é por conta de geração mesmo, de criação, já vai acostumando com aquilo.” [] “Às vezes eu cedo, né, pra não ter briga e tal. Tem coisa que às vezes eu vou ceder por conta disso, mas não é uma coisa que eu fico feliz, né?” A2, 52 anos.

As falas de A2 ressaltam que os padrões familiares transgeracionais e a forma como a família resolve seus conflitos podem favorecer ou dificultar determinados comportamentos na família (Falcke & Wagner, 2014). Bowen (1989) articula que o processo emocional e a reatividade dos membros da família são elementos que podem ser transmitidos

transgeracionalmente, além de participar da constituição de padrões de resolução de conflitos adotados pelo grupo. Apesar da possibilidade de transmissão de experiências ruins ou traumáticas entre as gerações da família, as repercussões desse trauma para o funcionamento psíquico das gerações subsequentes é indicado pela maneira como os pais simbolizam e comunicam suas experiências (Braga, Mello, & Fiks, 2012). Desse modo, ressalta-se que a história familiar não é uma prisão ou um destino determinado, mas sim uma referência a partir da qual a pessoa se situa (Paes & Rudge, 2011). No caso da família A, percebe-se como a experiência de um relacionamento conjugal submisso repercutiu nas gerações seguintes, especialmente as mulheres, de modo que a comunicação (verbal ou não) realizada por A1 reforçava um papel feminino que foi transmitido transgeracionalmente e que esteve ligado a silêncio, obediência e não contestação.

“A família influencia na criação da sua família, né? Eu acho que influencia bastante.”

Com essa fala de A3, ressalta-se como a família foi apresentada pelas participantes do caso A como um grupo de suma influência na construção do ser mulher e no exercício dos papéis sociais de mãe, filha, esposa e profissional, tarefas que envolveram *“Muita renúncia.”* A2, 52 anos.

“Era um (filho) atrás do outro e eu desesperada (risos). (...) hoje que eu sou mais velha, eu entendo o meu pai. Coitado, ele ficava desesperado com aquele monte de gente pra sustentar, de certo, né? E ele sozinho, eu não sei o que passava pela cabeça dele não.”

A1, 74 anos.

“De ficar presa em casa e ele soltinho. Até os filhos crescerem (...) Aí foi que eu fui viver um pouquinho! (...) Antigamente pai não ajudava nem a trocar fralda, levantar de noite, não!” A1, 74 anos.

Ser mãe exige que as pessoas assumam um novo papel até então não experienciado, além da readaptação das identidades individuais e conjugal (Brasileiro, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2002). As entrevistadas A1 e A2 ressaltaram o quanto a maternidade exigiu uma reorganização

dos papéis até então exercidos em família e se destacaram como quem, na maioria das vezes, abriu mão da vida pessoal em nome da família e esteve mais presente na vida dos filhos. Desse modo, evidencia-se uma transmissão de aspectos ligados ao feminino e que naturalizam pela via da responsabilização/culpabilização da mulher esse papel de devotamento e cuidado integral, desnaturalizado para os homens. Por ser a única participante que ainda não tem filhos, A3 falou sobre a experiência da maternidade prospectivamente e permeada pela bagagem transgeracional, de modo a querer repetir o que considerou positivo de sua educação e a evitar aquilo que foi negativo.

Caso B

A família B deste estudo é composta pelas participantes B1 (90 anos de idade, 64 anos de casamento, mãe de oito filhos, avó de 18 netos e bisavó de 21 bisnetos), B2 (filha de B1, 63 anos de idade, 37 anos de casamento, mãe de três filhas e avó de cinco netos) e B3 (filha de B2, neta de B1, 36 anos de idade, 18 anos de casamento, mãe de duas filhas). As três participantes trouxeram a ideia da família como base da vida e das relações, como espaço de união, de convívio necessário e valorizado. *“Companhia, ajuda a gente muito, entrete a gente muito.” B1, 90 anos. “Eu acho que a nossa vida, a base da nossa vida é a família. Primeiro a gente tem que amar os nossos pra depois a gente amar lá fora.” B2, 63 anos. “Família eu acho que é união. É o respeito, é o afeto, é a convivência de todo dia.” B3, 36 anos.*

Quando solicitadas a responder sobre o que é família, B1 e B2 responderam sobre o casamento e sobre os filhos que vieram a partir desse relacionamento. A construção interligada da experiência familiar e conjugal apareceu principalmente nas falas dessa família, de modo que ambas as vivências parecem estar fusionadas a ponto de não ser possível para as duas participantes descrevê-las separadamente. Dessa forma, a influência da família na construção da

conjugalidade ficou evidente nas entrevistas das três gerações da família B, que trouxe uma visão do casamento como a alternativa possível para a mulher como ancorada em aspectos históricos e sociais que definem a diferenciação de gênero por meio de processos que normatizam essas relações entre homens e mulheres. Essa normatização pode ser percebida quando as participantes afirmam que não pensavam muito sobre o casamento (como no caso de B1 e B2), porém a importância dessa instituição para construir a identidade feminina e a necessidade de que essa experiência fosse parte do ciclo de vida dessas mulheres ficou evidente (Coutinho e Menandro, 2010).

“Casamento nenhum é perfeito, não existe. Eu acho que todo casamento tem altos e baixos, (...) então você tem que segurar nas mãos de Deus e assim mesmo você manter a coisa. (...) Porque aí vem filho, aí você tem que dividir tempo com marido e filho. Já vêm outros problemas, né? E a gente vai ficando meio cansada de tudo.” B2, 63 anos.

“Casamento é (...) saber conviver duas pessoas, às vezes com pensamentos completamente diferentes (...). Cada um tem seus valores que traz das suas famílias e tem que juntar os dois, por na balança, equilibrar (...). Muito amor (risos), muita paciência, porque não é fácil.” B3, 36 anos.

Por ser um grupo muito numeroso, a família B não mencionou os relacionamentos conjugais dos sobrinhos de B1 durante a construção conjunta do genograma devido a tal tarefa exigir memórias já não facilmente acessadas por ela e de desconhecimento de B2 e B3. Conforme observado no genograma da família B, houve um predomínio de casamentos civis e religiosos, especialmente entre a primeira e a segunda geração. A indicação de divórcios e uniões estáveis apareceu somente entre os membros mais novos da segunda geração (irmãos de B2) e especialmente entre os membros da terceira geração (netos de B1). Entre os 16 relacionamentos

conjugais mencionados na terceira geração da família, foram indicados oito casamentos civis ou civis e religiosos, quatro separações e quatro uniões estáveis, incluindo o relacionamento de B3.

“Nós antigos casamos pra ficar casados a vida inteira. Não casamos pra separar amanhã (...) Às vezes acontece situação que não tem como, né? (...), mas nós casamos com esse intuito de ficar casado com uma pessoa só.” B2, 63 anos.

“No meu ponto de vista, o que eles acham é que (...) Você casou, você não separa. Independente do relacionamento, é pra vida inteira. (...) É o que a minha avó fala pra nós até hoje. Diferente do que eu penso. (...) a mulher submissa ao homem, tem que obedecer o homem. Foi o que elas passaram pra nós. Minha mãe e minha avó.” B3, 36 anos.

“Os valores religiosos eram compartilhados por toda a família. (...) Tinha que ser religioso. Não podia ser só no civil. (...) porque na realidade o civil é só a parte material, né? A parte religiosa só vem no casamento na Igreja.” B2, 52 anos.

Todas as participantes da família B indicaram seguir a religião católica. Sendo assim, é possível indicar a influência de crenças compartilhadas pelo catolicismo (especialmente na vivência de B1 e B2), como a indissolubilidade do casamento como um fator que apoia os casais a entenderem a relação conjugal como um dever assumido para toda a vida, o que pode ser observado nas entrevistas em aspectos como a vivência da sexualidade associada à procriação e ao casamento e o enrijecimento da submissão do papel feminino frente ao marido a fim de evitar conflitos. Ressalta-se que a desvalorização social, religiosa e cultural da separação dos casais influenciou especialmente os comportamentos de B1 e B2 no exercício da conjugalidade e da maternidade, o que parece ter enfraquecido com o passar das gerações. O casamento acaba sendo compreendido como uma instituição que possibilita uma vida sexual e afetiva, associada ao compromisso com a reprodução e o exercício da parentalidade. Mais do que isso, o matrimônio é visto como um evento que responde a expectativas sociais e que se constitui como um *locus* de

evitação de aspectos socialmente indesejados, sem consideração das vontades individuais, especialmente das mulheres.

A família se apresenta como o principal contexto para a socialização religiosa e espiritual das pessoas (Gutierrez, Goodwin, Kirkinis, & Mattis, 2014), de modo que a vivência da religiosidade pode ser entendida como um ritual familiar a partir da ideia de comportamentos moralmente significativos que são reforçados pela família, com a qual se mantém uma vinculação emocional (Rossano, 2012). Sendo assim, a identificação parental a partir do compartilhamento de crenças e a vinculação emocional (positiva ou não) também se apresentaram como mecanismos importantes que participaram da transmissão transgeracional de padrões conjugais e familiares neste grupo.

“Graças a Deus, nenhuma casou grávida.” B1, 90 anos.

“Então, a (neta) fala assim ‘A minha avó fica deixando os meninos namorarem, e quando eu falo de namorado ela diz pra eu ir estudar’ (...) A gente preocupa mais com menina. Eu acho o mundo hoje tão explorador, essa juventude, principalmente os homens... (...) É igual uma laranja, chupa e joga fora. Você vira um bagaço e eles jogam fora, então eu acho que eu preocupo mais com a (neta) por isso, por ser mulher.” B2, 63 anos.

“Eu acho que eu sou até um pouco chata com ela (filha), mais do que comigo, porque ela tem 19 anos e não tem nem namorado. (...) do jeito que tá o mundo hoje, eu acho que seguro mais ela. Eu ando com a rédea mais curta do que minha mãe.” B3, 36 anos.

A responsabilização da mulher sobre os filhos aparece sutilmente em diversos momentos das entrevistas, sendo possível perceber a transmissão transgeracional da maior preocupação com a vivência amorosa das mulheres do que dos homens, conforme ilustrado na fala das participantes das três gerações. As falas de B1 e B2 sobre a vivência relacional feminina apareceram atravessadas pela cristalização de papéis de gênero, nos quais a mulher está submetida ao desejo

dos homens, que “usam e jogam fora”. B2 relatou que suas três filhas engravidaram na adolescência e que apenas o marido de B3 “assumiu” a responsabilidade, pois foi o único que se casou com a sua filha, mesmo que em união estável, que, para ela, é uma configuração conjugal que não recebe a bênção de Deus. Esse fato deixa evidente que, para B2, a assunção da responsabilidade de pai estava associada à conjugalidade, já que B3 foi a única que se casou com o pai da filha. Quanto às outras duas filhas, B2 relatou ter se sentido decepcionada, pois planejou para elas uma vivência associada entre conjugalidade e parentalidade, o que não aconteceu. A própria experiência da gravidez antes do casamento parece ter afetado a maneira como B3 realiza a educação de suas filhas, já que ela mesma indicou rigidez e controle para com a filha, apesar de a menina não apresentar comportamentos que lhe exijam isso.

Todas as participantes deste estudo (tanto da família A quanto da família B) se casaram com o primeiro namorado e construíram conjugalidades baseadas em preceitos católicos. Apesar de também seguir a religião, vive em união estável e apresenta uma trajetória diferente das outras participantes - a filha nasceu durante o namoro e somente aos dois anos de idade da criança é que o casal foi morar junto. A partir desse fato, pode-se considerar que os filhos, para esta família, foram motivos frequentes tanto para a construção quanto para a manutenção do casamento, mesmo diante de situações difíceis, o que corrobora os achados do estudo de Alves-Silva et al. (2017).

“Depois que os filhos vêm, por mais dificuldades que tenham, você sempre pensa neles. Então os filhos é uma das coisas que te seguram em todas as dificuldades. É quando você pensa, por exemplo, ‘Meu casamento não tá muito bom. Eu podia acabar com isso’, e aí você já pensa nos filhos. Então eu pelo menos penso assim, em primeiro lugar eu coloco meus filhos. O que é bom pra elas? E a gente acaba renunciando muito a gente mesmo pra poder ajudar os filhos...”. B2, 63 anos.

Conforme ilustrado na fala de B2, a resolução de conflitos conjugais muitas vezes passou pelo caminho do silenciamento, indicado especialmente na fala das primeiras gerações. Esse silenciamento não passou apenas pela necessidade de evitar brigas e conflitos, mas também reafirmou um lugar de submissão reservado ao feminino, que vivencia um relacionamento em que apenas o desejo do homem é valorizado. Partindo-se desse lugar de submissão em uma relação assimétrica, o silenciamento precisa ser compreendido como uma condição que circunscreveu a construção do ser mulher e esposa (especialmente para as participantes A1 e B1), destacando-se como um importante mecanismo de transmissão transgeracional neste estudo. A importância desses padrões familiares na construção das identidades e no exercício dos papéis das mulheres dessa família foi evidenciada, entretanto as dinâmicas sociais precisam ser consideradas como fatores influentes para a modificação de determinados aspectos das heranças familiares, especialmente para a segunda e a terceira geração.

“Aí eu comecei a entender mais o que a minha mãe sempre queria da gente, ‘Nossa, minha mãe falava isso’, porque ser mãe não é fácil. Queria corrigir, aí eu comecei a entender a minha mãe.” B3, 36 anos.

As práticas educativas parentais - que são as estratégias adotadas pelos pais para socializar e educar os filhos - influenciam de maneira importante o desenvolvimento socioemocional dos filhos (Terres-Trindade, Souza, & Predebon, 2012), de modo que eles próprios podem adotar as práticas dos pais para educar as gerações seguintes. Apesar dessa intergeracionalidade das práticas educativas, observa-se que a transmissão não necessariamente acontece intacta, o que ressalta a influência de outros fatores que não somente a reprodução de padrões educativos recebidos em família, mesmo que esses padrões participem da construção de modelos sobre o que fazer ou não nas relações seguintes (Marin et al., 2013). Para essas autoras, a maneira como a pessoa internaliza as vivências da educação intrafamiliar é o fator mais influente na continuidade

ou evitação das práticas educativas, fato que pode ser observado entre as participantes da família B, que indicaram ter reproduzido na educação dos filhos apenas o que acreditaram ter sido bom pra elas próprias, apesar de entenderem a dificuldade de se distanciarem por completo dos modelos parentais.

Outro motivo citado pelas entrevistadas para a construção e manutenção do casamento foi a companhia que o grupo familiar oferece e como forma de evitar a solidão. Esse fator indicado especialmente por B1 como um motivo para construir um casamento também pode estar ancorado em aspectos históricos e sociais, no qual a relação conjugal é identificada como uma vivência que afasta a solidão, considerando que, na falta dos pais e dos irmãos, a família que ela construísse seria seu ciclo social, de modo a diminuir a probabilidade de desamparo e isolamento.

“Se eu não casasse e os meninos tudo casasse, e o papai e a mamãe morresse, pra onde eu ia, pra onde que eu vou?’. Isso tudo a gente pensa, a gente pensava... Ai casei com 26 anos, quase 27. Ainda criei oito filhos (risos)” B1, 90 anos.

Esse dado também foi encontrado nos estudos de Alves-Silva et al. (2017), Féres-Carneiro e Diniz-Neto (2010) e Jablonski (2005), investigados em contextos retrospectivos ou prospectivos, e que ressaltaram a conjugalidade como uma imposição social para as gerações mais antigas, como um destino comum que permite pouca flexibilidade para negociações, diferentemente da visão do casamento como opção para as gerações contemporâneas, que podem conciliá-lo a outros projetos, como uma carreira profissional, por exemplo (Borges & Magalhães, 2013).

“Antigamente, a minha avó nunca trabalhou pra fora. Era o meu vô que comandava e ela só em casa, cuidando dos filhos. A minha mãe já foi diferente. Quando a gente era criança, ela já foi trabalhar fora. E eu já trabalho 13h por dia (risos).” B3, 36 anos.

A emancipação feminina foi um fator amplamente citado nas entrevistas, considerado como um importante elemento transformador das construções conjugais ao longo dos anos. A busca por sucesso profissional pode ser reconhecida como um projeto de realização pessoal e independência financeira, o que se mostra relevante para os casamentos contemporâneos que nem sempre são duradouros (Jablonski, 2010) e não são tão marcados por uma exigência de indissolubilidade como os de antigamente. A transformação histórica do casamento enfatiza na contemporaneidade as diversas formas de se relacionar (Carvalho & Paiva, 2010), movidas principalmente por questões afetivas e sexuais, o que ressignifica o cotidiano e a relação dos casais e famílias. A prática sexual desvinculada de reprodução, a emancipação feminina, a valorização da individualidade, a possibilidade de divórcio, a valorização das relações afetivo-sexuais e pessoais, as modificações do trabalho, a negociação de novos papéis e o surgimento de configurações conjugais diversas são algumas dessas evidentes transformações (Coelho, 2012) que também foram encontradas nas entrevistas das mulheres da família B.

A proposta deste estudo empírico foi investigar o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares, o que foi despertado com a coleta de dados das duas famílias apresentadas anteriormente. A partir das seis entrevistas individuais e da construção dos genogramas das famílias A e B (Apêndice D), foram elaboradas as seguintes categorias temáticas, construídas *a posteriori* em função dos procedimentos analíticos adotados: (a) Influência familiar na construção do vínculo conjugal; (b) A construção do feminino e dos papéis sociais – mãe, filha, esposa e profissional; (c) O casamento como um atualizador de heranças familiares.

Influência familiar na construção do vínculo conjugal

Conforme pode ser observado nos casos A e B, a família constrói uma identidade a partir de vivências cotidianas que articulam um modo próprio daquele grupo de interpretar as experiências, mas que não necessariamente impede que cada membro tenha sua história particular (Barbosa, Neme, & Melchiori, 2011). Partindo-se dessa consideração, fez-se necessária a criação de uma categoria que analisasse a influência da família na construção da conjugalidade, já que essa temática perpassou todas as entrevistas. A inter-relação entre as histórias pessoais e as histórias das famílias destaca a preexistência de um legado familiar que é transmitido transgeracionalmente (Falcke & Wagner, 2014) e que influenciou, no caso deste estudo, a compreensão da vivência familiar e conjugal.

Por terem sido construídos em conjunto pelas três gerações, os genogramas também permitiram uma articulação entre as vivências das participantes, de modo a complementarem as histórias entre si e poderem visualizar o passo a passo da montagem do instrumento. Ambas as famílias demonstraram satisfação em visualizar suas experiências em um formato gráfico e solicitaram acesso aos genogramas para guardarem de recordação. Esse fator pode ser considerado como um elemento que ressalta a valorização da família e das experiências que foram compartilhadas ao longo dos anos, como os casamentos e os nascimentos, o que também foi amplamente retratado nas entrevistas das seis participantes. Destacar a inter-relação das diferentes gerações valoriza o reconhecimento das identidades geracionais, tanto no momento de coleta de dados individual quanto no momento conjunto de construção do genograma, já que é necessário um olhar atento às maneiras distintas que homens e mulheres de diferentes gerações investiram e investem em projetos individuais e familiares, além da diferença de percepção, sensação e ação dos gêneros em cada geração (Borges & Magalhães, 2011).

Conforme pode ser observado nos genogramas familiares, todas as participantes estão entre os filhos mais velhos em suas famílias de origem. A1 é a 3ª filha de nove irmãos e a 2ª mulher. A2 é a 3ª filha de cinco irmãos e a 1ª mulher. A3 é primogênita de três irmãos. B1 é a 5ª filha de 11 irmãos e a 2ª mulher. B2 é a primogênita de oito irmãos e B3 é a primogênita de três irmãs. Conforme Bowen (1989), a posição de nascimento dos filhos pode interferir na maneira como as pessoas constroem características de sua personalidade e seu repertório de comportamentos. Especialmente as participantes A3, B2 e B3 trouxeram falas a respeito da vivência como primogênicas e da necessidade que sentiam de cuidar dos irmãos muitas vezes como se tivessem responsabilidade parental sobre eles. Apesar das diferenças geracionais encontradas nos resultados deste estudo, as respostas das participantes sobre a temática da família e do casamento permaneceram muito próximas, mesmo quando comparadas entre famílias ou entre gerações. Em muitos momentos, percebeu-se que a ideia de família e de casamento apresentava-se construída conjuntamente e entrelaçadas, com ideias bem semelhantes sobre quais valores são essenciais para constituir e manter esses vínculos, o que ressalta a interligação dessas duas instituições no pensamento e na vivência, além da evidência de uma bagagem que é transmitida entre as gerações e compartilhada de diversas maneiras, sejam elas verbalizadas ou não. Respeito, amor e paciência estiveram entre esses valores amplamente citados ao longo das seis entrevistas. A família apresenta-se como o principal agente de socialização (Coelho, 2012), de modo que os modelos familiares e sociais de relacionamento funcionam como bagagens transmitidas entre as gerações. Dessa forma, os padrões relacionais partem de modelos já conhecidos, sejam eles repetidos, transformados ou evitados (Zordan, Falcke, & Wagner, 2014).

A malha transgeracional de transmissão exerce interferência relevante na escolha e na manutenção das relações conjugais contemporâneas (Silva, Rocha, Bobato, Becker, & Lorenzetti, 2015). Os pais assumem um importante papel na vida dos filhos, sendo os primeiros a estabelecer

relações de afeto (Menezes & Lopes, 2007). A conjugalidade dos pais é uma referência nesse sentido, pois oferece modelos de como ser casal, mesmo que para serem seguidos ou evitados pelos filhos, oferecendo mensagens, explícitas ou não, que são transmitidas transgeracionalmente no processo de escolha do cônjuge (Scorsolini-Comin et al., 2015; Zordan, Falcke, & Wagner, 2014). A identificação com a trajetória conjugal dos pais e com a história familiar foi ressaltada entre as participantes deste estudo e foi encontrada tanto em relação ao pertencimento quanto à diferenciação com a família, de modo que o compartilhamento de experiências cotidianas, a aprendizagem de comportamentos por observação, a comunicação verbal ou informal de valores e expectativas, as tradições familiares e os padrões de interação e comunicação entre os membros da família foram evidenciados como mecanismos que participaram da transmissão transgeracional de significados e padrões conjugais na família.

A etapa de união das famílias através do casamento não resulta somente em juntar duas pessoas, mas sim transformar dois sistemas diferentes de maneira a comprometê-los com o novo casal formado e modificar sua organização. Essa união conjugal exige um redimensionamento do sistema familiar e uma ampliação dos papéis exercidos. Além disso, é possível que as experiências com as próprias famílias de origem influenciem a escolha do parceiro e o equilíbrio da conjugalidade (McGoldrick, 2011).

“Responsável, né? Família, era carinhoso com a mãe, com a irmã. (...) Então isso que me chamou atenção nele.” A2, 52 anos.

“Você vê que ele é muito carinhoso com os pais. Isso foi uma coisa que eu sempre observei. Porque geralmente um bom filho é um bom marido, né? (...) é uma pessoa muito honesta, muito trabalhadora, né?” A3, 28 anos.

“O papai falava só assim (...) Que a gente não sabe qual é o que tem estrela de ouro na testa, mas precisava de escolher também um cadinho, né? Não podia ser com um rapaz

perdido. Porque (...) se ele for bonito e não trabalhar, o que adianta casar? Casar pra sofrer? Não!” B1, 90 anos.

A escolha conjugal apresenta-se como um processo dinâmico e influenciado por aspectos históricos e sociais (Pereira & Silva, 2013). Os dados das entrevistas trouxeram muitas semelhanças entre as mulheres de ambas as famílias sobre a escolha do parceiro, o que ressaltou a permanência da família de origem como um grupo influente nesse processo. Apesar de diferenças também terem sido observadas na fala das participantes do presente estudo, essas mudanças apareceram mais no sentido de incorporar valores novos do que abandonar os antigos, o que também foi encontrado no estudo de Pereira e Silva (2013) sobre a escolha conjugal feminina. As entrevistadas tiveram dificuldade de verbalizar sobre uma influência direta dos pais na escolha conjugal, apesar da compreensão de haver um compartilhamento em família sobre características reforçadas pelo grupo e socialmente para a eleição de um “bom cônjuge”. Ressalta-se, assim, que a transmissão entre gerações ultrapassa as fronteiras familiares e também é perpassada pelos valores culturais da sociedade em que a família está inserida (Lisboa, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2007).

A presente categoria ressaltou a influência da família na construção do vínculo conjugal pelas participantes e no processo de escolha conjugal, ambos permeados por mensagens transmitidas transgeracionalmente pelas gerações antecedentes. Os legados familiares apresentaram-se como pontos comuns de partida, a partir dos quais as entrevistadas buscaram caminhar com o intuito de manter o que consideraram como influência positiva em sua experiência familiar e transformar ou evitar o que consideraram negativo.

A construção do feminino e dos papéis sociais – mãe, filha, esposa e profissional

As questões de gênero apresentam fundamental importância para analisar o presente estudo, pois são aspectos das identidades de homens e mulheres que qualificam seus comportamentos ao apresentarem estereótipos que regulam as relações sociais e participam da construção da vida familiar (Macedo, 2009). Compreender os aspectos geracionais também se mostrou importante neste estudo, já que pertencer à mesma geração significa proporcionar um processo histórico e social comum que predispõe as pessoas a uma série específica de experiências potenciais e a um modo característico de pensamento e de ação historicamente relevante (Mannheim, 1982). A construção dos papéis de mãe, filha, esposa e profissional apareceu atravessada por essas questões de gênero e de geração ao longo de todas as entrevistas, justificando a criação dessa categoria temática. As vivências de cada geração são marcadas por heranças familiares, mas também por influências sociais, econômicas e culturais, que contribuem para a formação da identidade (Bucher-Maluschke, 2008) e se faz presente ao longo da vida.

As participantes do presente estudo ressaltaram em suas falas as importantes transformações que aconteceram em suas vidas quando ampliaram seus papéis de filhas para esposas e mães. A bagagem transgeracional foi observada no exercício da maternidade, o que ressaltou a ideia de que a família de origem influencia consideravelmente a maneira como os pais vão realizar a educação intrafamiliar, e que esse processo pode incluir a repetição ou o distanciamento dos modelos parentais aprendidos (Fleck, Falcke, & Hackner, 2014; Wagner, Predebon, & Falcke, 2014).

“Então eu acho que os meus pais foram (...) modelos como educadores. (...) a gente procura reciclar umas coisas que a gente acha que não tá muito certo, né? Às vezes tem algumas coisas que você fala que não precisa ser tão radical.” B2, 63 anos.

“Depois, mais velha (...) Você começa a entender! Coisas que você não entendia, (...) aí a gente vira mãe, né? Você começa entender aquele sentimento, né? Aí você começa a dar razão, e a falar ‘Coitada, fez isso por causa disso’”. A1, 74 anos.

Observa-se nas falas das participantes a coexistência tanto de uma identificação parental sobre os modelos educativos quanto uma contestação dos padrões de criação em busca de transformar aspectos da educação dos pais que foi considerada negativa. Vivenciar um novo papel, seja ele conjugal ou parental, amplia os subsistemas de interação das pessoas, o que foi visto neste estudo para ambas as experiências, de modo a ressaltar que por mais que possamos lutar contra nossa herança familiar, em geral ela nos alcança (Nichols & Schwartz, 2007). Discutindo possíveis mecanismos que participam da construção de padrões familiares, Fasang e Raab (2014) concluíram que os padrões intergeracionais de formação familiar são constituídos na interseção da mudança macroestrutural e do funcionamento psicológico interno da família. Esse dado pode ser percebido nas transformações transgeracionais evidenciadas nas falas das participantes, especialmente sobre o exercício dos papéis sociais esperados para mulheres como mães e esposas. As entrevistadas ressaltaram a importância dos padrões familiares na construção de suas identidades e no exercício de seus papéis, mas também indicaram como as dinâmicas sociais influenciaram para que modificassem determinados aspectos das heranças familiares, especialmente a segunda e a terceira geração das famílias A e B. Vale ressaltar que a 1ª geração se casou nas décadas de 1950 e 1960, a 2ª geração se casou na década de 1980, enquanto a 3ª geração se casou após os anos 2000.

“Nós fomos preparadas pra ser donas de casa. (...) Era muita roupa pra lavar (risos). (...) Na mão! Eu, minhas irmãs. (...) éramos jogadas no serviço mesmo!” A1, 74 anos.

“(...) eu lavava roupa na fazenda uma época, eu lavava com um menino no braço e dois atrás (risos).” B1, 90 anos.

Esses trechos ilustram a proximidade das experiências narradas pelas participantes A1 e B1 quanto à socialização, ao papel de gênero atribuído ao feminino e ao que aprenderam como sendo dever da mulher. Ambas relataram que precisaram trabalhar muito dentro de casa, seja nas tarefas domésticas ou em atividades manuais que rendiam certo dinheiro, mas com a clara distinção de quem era a responsabilidade pelas tarefas e, mais tarde, pelos filhos.

“E eu fiquei dentro de casa, porque eu tive um filho atrás do outro também, né? E ele foi muito (...) de pescaria, e eu não podia falar nada, não reagia. Porque eu achava que ele trabalhava muito, (...) mas ele era muito livre, era egoísta.” A1, 74 anos.

Percebe-se como a fala de A1 identifica e diferencia quais eram os comportamentos esperados para homens e mulheres na época em que os filhos nasceram. O trabalho no espaço público cabia ao homem, a quem era dada certa liberdade devido ao cumprimento de sua “parcela de responsabilidade” na família, no caso, o sustento financeiro da casa. Em contrapartida, cuidar dos filhos e das tarefas domésticas era um compromisso da mulher. As entrevistas destacaram que os papéis sociais para homens e mulheres apareceram mais definidos e cristalizados nas primeiras gerações, de modo que a renúncia foi atribuída ao feminino, tal como se pertencesse às mulheres a função de abdicar de possíveis projetos pessoais em razão de organizar e manter a homeostase familiar, operando, desse modo, uma distinção fortemente associada ao gênero. As próprias participantes reconheceram a complexa tarefa dos homens de sustentarem uma casa composta por vários filhos, porém, ao olharem para a própria realidade do papel feminino, elas tiveram dificuldade em valorizar com igual importância a tarefa de cuidar de uma família e transformá-la em um lar, e acabaram ajudando a manter a desvalorização dos movimentos operados dentro do ambiente doméstico, já que, sistemicamente, um relacionamento é definido pela participação das duas partes envolvidas (Fleck et al., 2014), no caso, esposo e esposa em seus processos relacionais.

Ao se situar nesse lugar de desvalorização, a mulher não emerge como uma parceira, como alguém com quem se divide responsabilidades, mas sim como alguém que, no máximo, “ajuda” o homem, que mantém financeiramente a casa. Essa percepção apareceu nos relatos das participantes A1 e B1 sobre suas próprias experiências e sobre as vivências de suas mães. Elas realizaram serviços manuais como arremate e costura, lavagem de roupa e plantio de café a fim de contribuir com a renda familiar, porém esses trabalhos precisavam ser associados ao cuidado da casa e dos filhos e eram apenas complementares. Sendo assim, a dependência do marido para sustentar os filhos acabou atrelando a vivência da parentalidade como justificativa para a manutenção do casamento de algumas participantes, assim como identificado no estudo de Grizólio, Scorsolini-Comin e Santos (2015).

O exercício da maternidade foi indicado como uma fonte de conflitos entre o casal (Mosmann & Falcke, 2011), especialmente na educação durante as fases da infância e adolescência, ressaltando a relevância da interface entre os subsistemas conjugal e parental ao longo de várias etapas do ciclo vital das famílias A e B. A maioria das entrevistadas se casou em uma época em que as separações eram menos comuns, fato que, aliado aos valores do catolicismo e ao contexto interiorano da coleta dos dados, naturalizou a manutenção do casamento ao longo dos anos, apesar das dificuldades vividas. A naturalização de expectativas para o gênero feminino atravessou as gerações e influenciou a maneira como as mães educaram seus filhos e filhas sobre questões relacionais, profissionais e também sexuais.

“Agora, os meus meninos também foram (...) criados um pouquinho parecidos com a minha criação, porque meu marido... Eu falava pra ele ‘você tá pior do que meu pai’. (...) os meninos não tinham tanta liberdade também. (...) E a adolescência das meninas, eu sofri muito, porque eu vivi, eu revivi a minha. Então eu sofri com elas. E eu, muitas vezes, eu intrometia. (...) Falei ‘eu não quero que elas vivam do jeito que eu vivi’.” A2, 52 anos.

A fala de A2 ressalta a repetição de determinadas vivências familiares entre sua geração e a de seus filhos, especialmente as filhas. Essa diferenciação de cuidados e preocupações quanto aos filhos homens e mulheres apareceu em diversos momentos das entrevistas, de modo a evidenciar a transmissão transgeracional do compartilhamento de experiências cotidianas sobre o que é reforçado para os papéis masculino e feminino, além da comunicação verbal ou informal de valores e a reprodução de padrões relacionais entre as gerações familiares. É possível dizer que a vivência como mãe, filha e esposa para as mulheres deste estudo pode ter sofrido influência da educação recebida sobre o exercício dos papéis sociais e de gênero e que foram transmitidos pelas famílias de origem, considerando a força da cultura da época de nascimento e casamento de cada participante (Coutinho & Menandro, 2010; Fleck et al., 2014).

“Eu sempre conversava com os meninos (...) sobre drogas, que eu tinha muito medo, mas eu não interferia no namoro deles não (...) então eu não tinha que preocupar, só com as meninas. (...) Os pais antigamente tinham muito medo de as filhas aparecerem grávidas, nossa, como eles tinham medo! Isso era uma vergonha, né?” A1, 74 anos.

A partir do relato das participantes, a sexualidade é apresentada como uma experiência que deveria ser partilhada somente por pessoas casadas (Bozon, 2003), ressaltando a gravidez fora do casamento como uma ocorrência desaprovada socialmente. O fato de todas as participantes terem se casado com o primeiro namorado ressalta a sexualidade como uma vivência fortemente influenciada por expectativas de gênero e também por aspectos religiosos compartilhados pelo grupo familiar, que acabam validando somente a experiência sexual que acontece dentro dos casamentos. A vivência da sexualidade entre os cônjuges apareceu como um aspecto conjugal que ficou prejudicado com a chegada dos filhos, conforme foi ilustrado em algumas das entrevistas, devido à necessidade de reorganização dos subsistemas conjugal e parental e à influência da cristalização dos papéis sociais.

“Minha vida sexual foi depois de os filhos maiores que eu vivi plenamente a minha vida! Aí eu liguei, não tinha mais medo de ficar grávida! (...) Essa parte de sexo! Então era sinônimo de gravidez (...) Então aquilo me atrapalhava!” A1, 74 anos.

“(...) eu acho que a maioria das mães dedica muito mais aos filhos do que ao marido, né? Eu duvido que uma mãe coloca o marido em primeiro lugar! (...) Com o passar do tempo a gente vai vendo que poderia ter dividido melhor... (...) E aí o relacionamento já vai ficando mais complicado, parece que vai ficando mais distanciado. E eles acabam reclamando que a gente não tá tendo nem tempo... E realmente. Eu falo que a gente que é dona de casa a gente tem que cuidar da casa, tem que cuidar dos filhos, porque você acaba ficando tão cansada e você não quer fazer mais nada (risos).” B2, 63 anos.

A vivência sexual para as primeiras gerações apareceu associada à procriação e, como mais um filho estaria ligado a mais despesas, a ideia do sexo acabava sendo desconfortável para as mulheres. Diferentemente das gerações mais tradicionais, a sexualidade desempenha um papel importante na conjugalidade contemporânea, sendo indispensável para a qualidade do relacionamento (Bozon, 2003). Se antes era uma vivência socialmente aceita somente com o casamento, hoje o exercício da sexualidade pode se constituir como um projeto individual, não necessariamente ligado à conjugalidade (Borges, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014). Além da transformação da vivência sexual, com o passar das gerações evidenciou-se também uma transformação do papel da mulher, que abriu espaço para o investimento em seu lado profissional (Coutinho & Menandro, 2010; Fiorin, Oliveira, & Dias, 2014; Heckler & Mosmann, 2014), fato que apareceu neste estudo, especialmente entre as participantes mais novas. A terceira geração indicou ter sido incentivada a se desenvolver profissionalmente, além de ter buscado vivenciar relacionamentos conjugais mais simétricos.

“A gente não pensa um atrás do outro (...), é sempre ao lado. Então a gente quer crescer junto.” A3, 28 anos.

“(...) pra ver quem faz o almoço hoje, até isso divide. (...) Quem chega primeiro já começa, né, tudo distribuído.” A3, 28 anos

A3 e B3 indicaram responsabilidades mais divididas entre homens e mulheres, especialmente sobre tarefas domésticas e financeiras, apesar de esses papéis mais cristalizados ainda refletirem na organização conjugal e familiar das participantes (Araújo & Scalon, 2005; Jablonski, 2010; Perlin & Diniz, 2005; Villas-Boas, Oliveira, & Las Heras, 2014). As diferenças geracionais e de gênero apareceram também sobre as expectativas que os pais tinham para seus filhos, fossem elas verbalizadas ou não. Os papéis e funções esperados para homens e mulheres são construídos antes mesmo do nascimento da criança, quando a família já manifesta suas expectativas para ela, de modo a refletir valores que são incorporados por esse filho que, por lealdade à família e para pertencer ao grupo assume determinadas características como próprias (Fleck et al., 2014). Entre essas expectativas apareceu o casamento dos filhos, especialmente nos relatos das duas primeiras gerações, apesar da mudança/ampliação das expectativas para os papéis sociais com o passar do tempo. O incentivo à independência e ao exercício do papel profissional só ficou evidente para a terceira geração e seus filhos, já que para a primeira geração as possibilidades para as mulheres se limitavam ao casamento e à maternidade, o que acabou sendo transmitido à segunda geração, mesmo que transformado.

“Morava na fazenda, o pai falava que não precisava de aprender a ler, que aprendia a ler pra escrever pra rapaz (...) Eles eram esquisito. (...) O papai não deixou nós aprender (a ler e a escrever), mas pros menino... O quarto ano, que nós morava na roça, eles tiraram.” B1, 90 anos.

“Ele queria que eu casasse direitinho e tudo mais, né? (...) Mas em relação à profissão, essas coisas, eles não atinavam muito não. (...) eu falo pras minhas meninas, cuida da profissão antes de ter filho porque sacrifica muito, tanto a gente quanto a criança que não tem culpa...” A2, 52 anos.

“Lá naquela dificuldade da fazenda eles (os pais) mandaram a gente pra escola, pra gente estudar (...) (Para as filhas eu tive) Expectativa de mãe, né? Que estudassem, que tivessem um bom casamento (...) (com) uma pessoa de Deus (...)” B2, 63 anos.

“Eu acho que a expectativa de virar uma pessoa de bem, né, não mexer com droga. Encontrar um companheiro, uma pessoa boa (...) Encontrar um emprego, se estabilizar.” A3, 28 anos.

“Quando eu tive a (filha) eu tinha 17 anos. (...) Aí depois de dez anos que eu voltei a estudar. Por incentivo dos meus pais.” B3, 36 anos.

Esses diversos recortes evidenciam a transformação progressiva da bagagem familiar a partir de influências socioculturais de cada época, além de articular os pensamentos das diversas gerações. A fase do ciclo de vida que vivencia e o ponto em que a pessoa está localizada em sua estrutura familiar podem influenciar seu funcionamento próprio, seus padrões de relação e a família que poderá constituir na geração seguinte (McGoldrick et al., 2012). A construção do genograma das duas famílias se mostrou útil nesse sentido, pois, a partir desse instrumento, foi possível evidenciar padrões de casamento, configurações familiares mais comuns, quantidade de filhos por núcleo, posição de nascimento e gênero de cada membro das famílias entrevistadas. Tais informações muitas vezes não são alcançadas apenas com a entrevista, já que, por mais que haja um ponto de partida com o roteiro, a participante pode discorrer com liberdade sobre suas experiências, o que não garante a indicação de padrões relacionais que o genograma pode disponibilizar, como ocorreu no presente estudo.

Como foi possível discutir nesta categoria temática, as transformações contemporâneas no domínio da conjugalidade abriram espaço para novas possibilidades de ser família e para questionamentos de características tradicionais da conjugalidade, como sua indissolubilidade, idade ao se casar, necessidade ou não de filhos e ainda de coabitação (Scorsolini-Comin & Santos, 2016). Os relatos das participantes ressaltaram que, mesmo que as pessoas consigam se diferenciar de suas famílias de origem em alguns aspectos da vida e questionar as heranças transgeracionais recebidas, não é possível fazer escolhas que descartem por completo essas bagagens. Desse modo, pode-se entender a necessidade de equilíbrio entre pertencimento ao grupo familiar e diferenciação para as pessoas (Santos & Cerveny, 2013), o que ficou evidente nos relatos das seis participantes deste estudo a partir da discussão da construção do papel feminino e das expectativas relacionadas ao ser mulher.

O casamento como um atualizador de heranças familiares

Embora as pessoas busquem funcionar de forma diferente de suas famílias de origem, isso pode ser uma tarefa difícil devido à tendência dos filhos em repetir os modos de funcionamento dos pais (Wagner & Falcke, 2001), que assumem importante papel por serem referências de como ser um casal para as gerações seguintes. Muitas semelhanças foram encontradas a respeito da construção da conjugalidade das participantes ao longo das gerações, sendo algumas dessas repetições evidenciadas por elas mesmas durante as entrevistas: *“no decorrer da nossa entrevista cê vai sentir que a história se repete, né? Comigo, com as minhas meninas.”* A2, 52 anos. A fala da A2 ilustra a ideia dessa categoria temática, de que a história familiar acaba se repetindo entre as gerações e pode ser atualizada com o casamento.

“Sempre quis casar, sempre quis ter filho. E isso veio dos meus pais. Minha mãe ela sempre falou, sempre acreditou muito e preservou o casamento. Isso veio da minha avó,

minha avó casou muito nova, eu acho que ela tinha 17. Minha mãe também casou nova, com 22. E eu casei com 23, nova também.” A3, 28 anos.

“Porque os meus dois filhos casaram muito cedo e eu não impedi isso. (...) e eu pensei ‘Ah! Vou deixar casar, porque pelo menos tiro da rua!’”. A1, 74 anos.

Diversos motivos foram citados pelas participantes como fatores de influência para se casarem, entre eles a preservação da instituição conjugal, como pode ser visto no trecho anterior. As primeiras gerações indicaram o casamento como uma tarefa necessária na construção da vida, dando a sensação de que as opções se resumiam a trabalhar e constituir família, sem haver muito espaço para planejamentos individuais. A segunda geração também indicou uma influência considerável desses papéis sociais e expectativas para o casamento, porém com algumas transformações sobre as possibilidades individuais. Em contrapartida, a terceira geração parece não ter sofrido essa mesma pressão, considerando os relatos de incentivo à independência e estudo trazidos por A3 e B3.

“Isso foi uma coisa que meus pais sempre me falaram. ‘Oh, pra você começar uma vida, procura começar com menos dificuldades, né? Já tem que ter uma estabilidade (...) Porque ninguém vive de amor, né?’” A3, 28 anos.

Os motivos que levam uma pessoa a se casar e o que vai buscar de características no cônjuge são aspectos afetados pelos padrões familiares. Entender o padrão de repetição no funcionamento familiar permite a compreensão de como a família se adapta à situação que vivencia e pode permitir a atualização dessas experiências (McGoldrick et al., 2012). Conforme ressaltado nas categorias anteriores, a família apresenta-se como um meio privilegiado de transmissão de conteúdos entre as gerações, sendo que esse processo pode ocorrer de diversas maneiras, entre elas a partir da identificação com a história familiar que propicia o compartilhamento de experiências relacionadas ao dia a dia do grupo, da aprendizagem de

comportamentos ao observar a realização de outras pessoas, da comunicação verbal ou informal de valores e expectativas familiares ou mesmo o silenciamento de conteúdos psíquicos relevantes, dos padrões relacionais desenvolvidos e mantidos entre os membros da família, assim como o exercício das tradições familiares. Esses modos de transmissão foram evidenciados em diversos estudos, não só relacionados à conjugalidade, mas de experiências familiares em geral (Gabriel & Dias, 2011; Gutierrez et al., 2014; Pratt, Norris, Hebblethwaite, & Arnold, 2008; Raudino, Fergusson, Woodward, & Horwood, 2013; Rossano, 2012; Scorsolini-Comin & Santos, 2012; Sipsma, Biello, Cole-Lewis, & Kershaw, 2010).

A influência dos padrões emocionais da família apareceu também na forma como as participantes buscaram resolver seus conflitos conjugais. Elas ressaltaram que, em muitos momentos de dificuldade no casamento, a responsabilidade com a família que construíram era um importante fator para “*respirar mais um pouco*” (B3, 36 anos), cumprir o que consideravam como seu dever como mães e esposas e manter o relacionamento ao longo dos anos. Esse dado também foi encontrado no estudo de Alves-Silva et al. (2017) que investigou os motivos para manter um casamento de longa duração. Considerando o aspecto de duração dos relacionamentos conjugais, a literatura científica não apresenta um número exato de anos para considerar um casamento como duradouro, porém Bachand e Caron (2001) sugerem ser aquela relação que dura por considerável período de tempo, sem, no entanto, especificá-lo. Considerando que no contexto brasileiro a média de duração dos casamentos é de 15 anos (IBGE, 2016), pode-se dizer que os casamentos de cinco das seis participantes do presente estudo são considerados de longa duração e, como tal, já passaram por diversas fases do ciclo vital familiar. A exceção é a participante A3, que está casada há cinco anos.

“Até hoje não teve uma separação, é tudo casado, graças a Deus... Eu falo (...) Não vai procurar coisa errada não! Deixa. Se tiver coisa errada aparece!”. A1, 74 anos.

“Casamento a gente tem que pensar! ‘Oh, tá casando (...) pra levar uma vida de casado, não vai levar uma vida de brigaiada, não!’ , isso aí eu acho que é errado!” B1, 90 anos.

“Porque os meus filhos nunca presenciaram uma briga, nunca viram! Tanto que quando eu vejo discussão entre eles, eu falo ‘Não sei onde vocês aprenderam, porque não foi comigo!’” A1, 74 anos.

“Ah, eu acho elas tão sem paciência (risos). Às vezes eu falo (...), mas eu procuro não intrrometer muito, porque... casamento de filho você só entra quando precisa mesmo.” B2, 63 anos.

As brigas foram citadas por elas como fatores negativos dos relacionamentos das gerações mais novas, o que incluiu o casamento de suas filhas. As primeiras gerações indicaram considerar como um ponto positivo do seu casamento o fato de não haver brigas, assim como acontecia no casamento de seus pais, já que “não tinha briga porque a mãe não era de briga”, ressaltando o comportamento submisso das mulheres diante dos maridos, independentemente da gravidade dos problemas vivenciados em família. As participantes mais novas indicaram que uma bagagem transgeracional que fizeram esforço para transformar foi essa submissão e não imposição de si como alguém de valor e vontade própria. Elas indicaram entender o silenciamento como uma característica negativa, pois o compreendem como uma evitação/negação das pendências e não como uma maneira de resolver os conflitos. É possível considerar que essa decisão por silenciar e evitar conflitos tenha sido mais uma condição imposta pela cristalização de papéis, aos quais elas acabaram submetidas, do que uma escolha que trazia felicidade (Borges & Magalhães, 2011). Essa ideia apareceu sutil ou claramente verbalizada na fala de três participantes, como será ilustrado a seguir.

“(...) eu optei por ficar quieta e criar os filhos e deu certo, a gente tá junto até hoje. Passou. Mas, talvez se eu fosse uma pessoa que tivesse estudo, tivesse uma profissão, talvez eu não tivesse suportado.” A1, 74 anos.

A oportunidade de vivenciar outras possibilidades na construção da vida além de casar e ter filhos parece ampliar as condições de resolver os conflitos conjugais e familiares. A escolaridade e a profissionalização emergem como possibilidades negadas às mulheres das primeiras gerações, de modo que a conjugalidade e a parentalidade centralizaram seus desejos ou reafirmaram lugares que lhes eram destinados socialmente. O acesso ao estudo e ao mercado de trabalho, à época, era considerado exclusividade masculina, de modo que era complexa a tarefa de uma mulher transitar nesses espaços essencialmente ocupados por homens. O próprio relacionamento conjugal pode transformar as bagagens trazidas das famílias de origem, como pode ser observado nas falas a seguir.

“Não (vejo isso no casamento da minha filha), graças a Deus. (...) ela fala o que ela tem vontade. (...) Mas ele não tem essa pressão em cima dela que eu tive. (...) ela fala e eu penso ‘gente, se fosse eu falando isso, ia dar tanta confusão’, (...) Então isso ela já libertou (risos), assim como eu libertei de algumas coisas que minha mãe, né? Eu acho que vai fluindo, mas muita coisa repete, viu?” A2, 52 anos.

“Eu acho que o começo, igual eu falei da minha avó e do meu avô, que a mulher tinha que ser submissa ao homem. (...) hoje em dia não. Hoje em dia, se eu tenho razão, é eu que falo (...), então eu não sou tão submissa igual era no começo.” B3, 36 anos.

Como também evidenciado no estudo de Alves-Silva et al. (2017), ressalta-se a coexistência de padrões conjugais tradicionais e contemporâneos e certa cristalização dos papéis de gênero, apesar das transformações evidentes. A manutenção desses papéis sociais e de gênero é transmitida entre as gerações da família e participa da sua constituição como grupo, reforçando

o papel do casamento como um atualizador das heranças familiares. As transformações observadas em ambos os casos não chegaram a mudar radicalmente as histórias de vida das gerações mais recentes, mas possibilitaram a assunção de posições menos submissas às mulheres, o maior acesso à escolarização e a profissionalização, com constantes reflexões em termos dos lugares sociais que as mulheres podem ocupar na contemporaneidade. Essas mudanças, como pode ser observado nas falas das participantes, não são creditadas somente às famílias, mas também a movimentos macrossociais nos quais esses grupos estão incluídos e que promovem o exercício de novos comportamentos. Tendo em vista essas considerações, a discussão do casamento como uma experiência que atualiza as heranças familiares mostrou-se essencial a partir dos conteúdos que foram coletados nas entrevistas e nos genogramas, já que foram observados movimentos de manutenção, transformação e evitação de conteúdos transgeracionais a partir do exercício da conjugalidade.

Considerações Finais

Partindo-se do pressuposto que o nível de diferenciação da família de origem e os padrões familiares de relacionamento transmitidos entre as gerações interferem na maneira como as pessoas significam e vivenciam a conjugalidade, considera-se que destacar a história transgeracional das famílias, as transformações influenciadas pelo cotidiano dos casais, das gerações e das demandas individuais pode facilitar a compreensão da influência familiar na atribuição de significados à conjugalidade, o que se mostra importante pelo reflexo direto que os grupos familiares exercem na organização da sociedade. Os conceitos de transgeracionalidade, geração, papéis de gênero e ciclo de vida participaram da articulação deste estudo e garantiram condições de analisar os dados coletados de maneira a valorizar as experiências de cada participante. Este estudo destacou a importância de sensibilizar o olhar para as questões

transgeracionais e de gênero a fim de entender a transmissão de conteúdos como uma maneira que a família tem de manter sua construção e seu legado.

Os achados deste estudo qualitativo sugeriram o casamento como uma experiência transmitida transgeracionalmente, em consonância com a literatura tanto no campo da abordagem sistêmica quanto psicanalítica. Foram observadas continuidades e rupturas entre as gerações entrevistadas sobre as práticas conjugais e familiares, como um espaço maior às individualidades e uma despadronização das trajetórias de vida, de modo que os pais foram considerados importantes referências sobre conjugalidade e família, mesmo que esses modelos tenham sido repetidos, transformados ou evitados. Esses resultados enfatizam a influência da herança familiar sobre os padrões relacionais transmitidos transgeracionalmente. Entre os mecanismos encontrados para a transmissão dos significados do casamento entre as participantes do estudo estão a aprendizagem, o exercício e o reforço de comportamentos ligados aos papéis de gênero, especialmente para as mulheres, o compartilhamento de muitas dessas experiências no cotidiano familiar, o reforço e concentração delas nas tradições familiares, além da comunicação verbal direta ou informal do que seria valorizado na família e socialmente por meio de padrões relacionais ligados a lealdades, valores, crenças, segredos e rituais compartilhados pela família.

A análise de diferentes gerações mostrou-se importante nesse contexto de pesquisa por possibilitar a discussão dos processos de desenvolvimento, recriação e transformação operados em família, sem intenção de posicionamentos favoráveis ou desfavoráveis sobre uma geração ou outra. É importante ressaltar a influência considerável de fatores históricos e sociais que participam da construção dos papéis de gênero e da coexistência de valores tradicionais e modernos na contemporaneidade sobre os modos de ser família e de vivenciar a conjugalidade. Como limitação deste estudo, observa-se que, devido à sua proposta metodológica, a visão da construção conjugal e familiar privilegiou somente um membro da díade conjugal de cada

geração e que fosse do mesmo sexo, o que limitou o conhecimento da experiência ao olhar das mulheres entrevistadas e ao cruzamento de suas experiências com outras mulheres de sua família. Sendo assim, sugere-se a realização de estudos que contemplem a transmissão transgeracional incluindo ambos os pais de cada participante, já que a influência das heranças familiares vem dos dois. Outro fator limitante foi o acesso somente a famílias de mulheres, o que direcionou uma perspectiva de gênero para a análise dos dados. O universo masculino e suas experiências na construção da conjugalidade e da parentalidade apareceram somente como referências das mulheres, e não a partir da narrativa do próprio homem, o que destaca a possibilidade de desenvolvimento de estudos que contemplem o olhar do gênero masculino.

Acredita-se que a pretensão de contribuir com o campo da Psicologia da Família foi alcançada com este estudo a partir dos achados apresentados sobre níveis individuais, geracionais, conjugais e familiares das relações, o que pode beneficiar tanto a pesquisa quanto a prática clínica. Sugere-se a continuidade de desenvolvimento de estudos que busquem compreender esse processo de transmissão transgeracional de padrões familiares no contexto contemporâneo, especialmente àqueles ligados a eventos que possibilitam a constituição de novos grupos, como pode ser entendido o casamento, já que as transformações são constantes em decorrência das reorganizações e ressignificações pelas quais as famílias passam.

Referências

- Adami-Lauand, C. B., & Ribeiro, R. P. P. (2011). A herança transgeracional nos transtornos alimentares: algumas reflexões. *Psicologia USP*, 22(4), 927-942.
- Almeida, M. E., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Transmissão geracional da profissão na família: repetição e diferenciação. *Psico*, 45(4), 454-462.

- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. *Temas em Psicologia, 25*(2), 487-501.
- Andolfi, M. (1989). *Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Araújo, C., & Scalon, C. (2005). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas.
- Bachand, L. L., & Caron, S. L. (2001). Ties that bind: a qualitative study of happy long-term marriages. *Contemporary Family Therapy, 23*(1), 105-121.
- Ballard, M. B., Fazio-Griffith, L., & Marino, R. (2016). Transgenerational family therapy: a case study of a couple in crisis. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, 24*(2), 109-113.
- Barbosa, C. G., Neme, C. M. B., & Melchiori, L. E. (2011). A família e o indivíduo no curso vital: compreensão trigeracional sobre a morte e o morrer. *Revista Mal-Estar e Subjetividade, XI*(3), 967-1011.
- Barros, M. M. L. (2013). Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas. *Cadernos Adenauer, XIV*(3), 125-143.
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2011). Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. *Estudos de Psicologia, 16*(2), 171-177.
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2013). Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. *Estudos de Psicologia, 30*(2), 177-185.
- Borges, C. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 66*(3), 89-103.
- Bowen, M. (1989). *La terapia familiar en la practica clinica. Vol. I – Fundamentos teóricos*. Bilbao: Editorial Desclee de Brouwer.

- Bozon, M. (2003). Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu*, 20, 131-156.
- Braga, L. L., Mello, M. F., & Fiks, J. P. (2012). Transgenerational transmission of trauma and resilience: a qualitative study with Brazilian offspring of Holocaust survivors. *BMC Psychiatry*, 12(134), 1-11.
- Brasileiro, R. F., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero e a transição para a parentalidade. *Psico*, 33(2), 289-310.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Do transgeracional na perspectiva Sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da Psicanálise. In M. A. Penso, L. F. Costa (Orgs.), *A Transmissão Geracional em Diferentes Contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 76-98). São Paulo: Summus.
- Bueno, R. K., Souza, S. A., Monteiro, M. A., & Teixeira, R. H. M. (2013). Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. *Psico*, 44(1), 16-25.
- Campos, D. C. (2012). Saudade da família no futuro ou o futuro sem família? In M. N. Baptista, M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenções* (pp. 74-86). Porto Alegre: Artmed.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). *A mudança do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, F. C. G., & Paiva, M. L. S. C. (2010). O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia*, 59(131), 223-235.
- Coelho, S. V. (2012). Parte III – Abordagens psicossociais da família. In J. G. Aun, M. J. E. Vasconcellos, S. V. Coelho (Orgs.), *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais:*

- volume I – Fundamentos teóricos e epistemológicos* (3a ed.) (pp. 175-263). Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa.
- Colossi, P. M., Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico*, 46(4), 493-502.
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22(2), 83-106.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Fasang, A. E., & Raab, M. (2014). Beyond transmission: intergenerational patterns of family formation among middle-class american families. *Demography*, 51, 1703-1728.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paideia*, 20(46), 269-278.
- Fiorin, P. C., Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 25-35.
- Fleck, A. C., Falcke, D., & Hackner, I. T. (2014). Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 107-121). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261.

- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.
- Grizólio, T. C.; Scorsolini-Comin, F.; & Santos, M. A. (2015). The perception of parenting couples engaged in long-term marriages. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 657-667.
- Gutierrez, I. A., Goodwin, L. J., Kirkinis, K., & Mattis, J. S. (2014). Religious socialization in african american families: the relative influence of parents, grandparents, and siblings. *Journal of Family Psychology*, 28(6), 779-789.
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2014). Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. *Barbarói*, 41(1), 119-147.
- Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. (2016). *Estatística do Registro Civil 2016*. Rio de Janeiro, Autor. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2016_v43_informativo.pdf. Acesso em: 11/06/2018.
- Jablonski, B. (2005). Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: Novas tendências? In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade* (pp. 93-110). Rio de Janeiro, RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Lisboa, A. V., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2007). Transmissão intergeracional da cultura: Um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, 12, 51-59.
- Mannheim, K. (1982). O problema sociológico das gerações. In M. M. Foracchi (Org.), *Karl Mannheim: Sociologia*, (pp 67-95). São Paulo: Ática.

- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. O., Silva, I. M., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 123-132.
- Martins, E. M. A. (2005). *Família e o processo de individuação na perspectiva de Murray Bowen*. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador.
- McGoldrick, M. (2011). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.), *A mudança do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.), (pp. 184-205). Porto Alegre: Artmed.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2012). *Genogramas: avaliação e intervenção familiar* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Mosmann, C.P., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: conceitos e métodos* (7a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Paes, F. F., & Rudge, A. M. (2011). "Está no sangue": transmissão e psicanálise. *Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, 6(12).
- Pereira, I. S. A., & Silva, J. C. (2013). Escolha conjugal feminina: uma análise intergeracional segundo uma perspectiva crítica em Psicologia. *Psicologia em Estudo*, 18(3), 407-417.
- Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, 17(2), 15-29.
- Pratt, M. W., Norris, J. E., Hebblethwaite, S., & Arnold, M. L. (2008). Intergenerational transmission of values: family generativity and adolescents' narratives of parent and grandparent value teaching. *Journal of Personality*, 76(2), 171-198.

- Quissini, C. & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando Famílias*, 18(2), 34-47.
- Raudino, A., Fergusson, D. M., Woodward, L. J., & Horwood, L. J. (2013). The intergenerational transmission of conduct problems. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 48, 465-476.
- Rossano, M. J. (2012). The essential role of ritual in the transmission and reinforcement of social norms. *Psychological Bulletin*, 138(3), 529-549.
- Santos, B. F. M. C., & Cervený, C. M. O. (2013). Repetição de nome próprio: vínculos familiares e culturais. *Vínculo – Revista do NESME*, 10(1), 1-37.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Família interdita: Transgeracionalidade e subjetivação em três obras ficcionais. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 255-266.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Construir, organizar, transformar: Considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, 28(1), 141-160.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. (2015). Relações entre conjugalidade dos pais, conjugalidade dos filhos e bem-estar subjetivo. *Psico-USF*, 20(3), 481-492.
- Silva, E. C., Rocha, R., Bobato, S. T., Becker, A. P. S., & Lorenzetti, N. (2015). Heranças psíquicas geracionais e a conjugalidade contemporânea: uma revisão sistemática. *Pensando Famílias*, 19(1), 19-31.
- Silva, I. M., Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia*, 27(3), 383-391.
- Sipsma, H., Biello, K. B., Cole-Lewis, H., & Kershaw, T. (2010). Like father, like son: the intergenerational cycle of adolescent fatherhood. *American Journal of Public Health*, 100, 517-524.

- Terres-Trindade, M., Souza, F. P., & Predebon, J. C. (2012). Intergeracionalidade e educação: a perpetuação de práticas educativas maternas. *Pensando Famílias, 16*(2), 29-45.
- Tondowski, C. S., Feijó, M. R., Silva, E. A., Gebara, C. F. P., Sanchez, Z. M., & Noto, A. R. (2014). Padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: um estudo baseado em genogramas. *Psicologia Reflexão e Crítica, 27*(4), 806-814.
- Villas-Boas, S., Oliveira, C. S., & Las Heras, S. (2014). Tarefas domésticas e gênero: Representações de estudantes do ensino superior. *Revista ex aequo, (30)*, 113-129.
- Wagner, A. & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade. *Psicologia Clínica, 13*(2), 11-24.
- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2014). Transgeracionalidade e educação: Como se perpetua a família? In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Wang, M., Xing, X., & Zhao, J. (2014). Intergenerational transmission of corporal punishment in china: the moderating role of marital satisfaction and gender. *Journal of Abnormal Child Psychology, 42*, 1263-1274.
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações – transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paideia, 16*(35), 407-414.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 21*(2), 302-310.
- Yin, R. K. (2015). Estudo de caso: planejamento e métodos (5a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2012). Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 3*(1), 57-74.

Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista, 15*(2), 56-76.

Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2014). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-culturais do casamento. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

O desenvolvimento dos dois estudos propostos por esta Dissertação de Mestrado para alcançar o objetivo de investigar o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares mostrou-se pertinente, considerando-se a importância de reconhecer a família como uma instituição que vivencia constantes transformações e que necessita que esses movimentos sejam acompanhados. Apesar de os dois estudos terem destacado a existência de continuidades e rupturas na transgeracionalidade de padrões, a família ainda permanece como um meio privilegiado de transmissão, de modo que a preexistência de uma história familiar que pode ser transmitida como um legado é evidenciada, assim como a compreensão de que o desenvolvimento individual e o familiar apresentam-se entrelaçados.

As tradições familiares, os padrões interacionais e de comunicação, o compartilhamento de experiências cotidianas entre as pessoas da família, a comunicação verbal ou informal de valores e expectativas familiares, o silenciamento de conteúdos psíquicos e a aprendizagem de comportamentos a partir da observação destacaram-se como mecanismos que participam da transmissão transgeracional de padrões conjugais e familiares ressaltados tanto na revisão integrativa da literatura científica quanto nas entrevistas e nos genogramas das duas famílias entrevistadas.

Os dados empíricos coletados foram analisados com base na perspectiva sistêmica, o que possibilita uma análise que se orienta a partir de um pensamento que considera a família como um sistema aberto e dinâmico em constantes interações com o meio, que se transforma para garantir o crescimento psicossocial de seus membros e para se adaptar às circunstâncias e aos estágios de transição presentes em seu desenvolvimento (Andolfi, 1989). A perspectiva sistêmica conseguiu fundamentar essas discussões transgeracionais, considerando sua visão dinâmica e de

circularidade sobre os processos de constantes interações entre as pessoas e o meio, o que favoreceu o entendimento das construções familiares e sociais, que também são dinâmicas.

Diversas leituras seriam possíveis para esses mesmos dados, caso tivessem sido analisados por outros pensamentos teóricos, a exemplo da psicanálise, que também se detém na interpretação dos processos inter e transgeracionais (Scorsolini-Comin & Santos, 2016). A partir disso, sugere-se o desenvolvimento de estudos que partam de outras linhas para investigar as dinâmicas familiares transgeracionais, o que pode contribuir consideravelmente com o campo da Psicologia da Família. As produções científicas voltadas à transgeracionalidade precisam considerar a relevância de desenvolver estudos que ofereçam contribuições de aspectos individuais, familiares, geracionais e sociais que possam ser articulados aos conceitos de transgeracionalidade, geração, papéis de gênero e ciclo de vida que, no caso desta Dissertação, contribuíram consideravelmente na análise dos conteúdos evidenciados.

A transmissão transgeracional de lealdades, valores, crenças, mitos, segredos, rituais e legados permite que a história familiar se mantenha ao longo do tempo, perpassando gerações e construindo padrões de comportamento (Falcke & Wagner, 2014). Os resultados evidenciados vão ao encontro dessas ideias, de modo a fortalecer a presente Dissertação e a fornecer suporte a discussões relacionadas aos processos emocionais das famílias, especialmente aqueles voltados aos fenômenos transgeracionais.

Entre as dificuldades observadas no desenvolvimento desses estudos, destaca-se o difícil acesso a famílias com três gerações de pessoas casadas e do mesmo sexo. Tal fator pode estar relacionado às estratégias metodológicas adotadas, mas também ao fato de que a conjugalidade vem se modificando ao longo das gerações, promovendo novas formas de ser família e configurações que nos colocam diante de diversas possibilidades de apreensão da conjugalidade. Desse modo, também julgamos que a abordagem qualitativa, por meio de estudos de caso,

mostrou-se mais adequada à compreensão dessas famílias e acesso às histórias desses casais. Outros delineamentos podem e devem ser evidenciados, permitindo novas conclusões em estudos vindouros, ressaltando-se que as histórias aqui narradas não pretendem ser generalizadas ou encerradas neste estudo. A análise da transmissão entre gerações com pessoas casadas e de sexos diferentes pode trazer novos apontamentos, assim como a investigação de gerações que ainda não se casaram, acerca das expectativas ou não acerca desse fenômeno e da transmissão de conteúdos.

Espera-se que as discussões aqui empreendidas possam disparar novos estudos científicos e também contribuir para intervenções clínicas com as famílias em diferentes espaços de cuidado, potencializando que os conteúdos transmitidos entre as gerações possam ser identificados e elaborados, tendo em conta o amadurecimento emocional e o estabelecimento de relacionamentos interpessoais mais saudáveis e promotores de desenvolvimento e bem-estar. Sendo assim, o convite é para que a conjugalidade possa continuar sendo vista como um fenômeno importante na construção de identidades individuais e coletivas, o que envolve a permanente abertura para a consideração acerca do dinamismo desses sistemas e para as próprias ressignificações acerca das noções de família, casamento e conjugalidade ao longo do tempo. São essas transformações que também dão sentido à ideia de geração e à necessidade de compreendê-las de modo mais detalhado, como empreendido na presente Dissertação.

REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

- Abdala, A. T. C. P., Neves, A. S., & Paravidini, J. L. L. (2013). O fenômeno da transmissão psíquica e o incesto: possíveis articulações. *Psicologia em Revista, 19*(1), 43-58.
- Abdala, A. T. C. P., Próchno, C. C. S. C., & Silva, L. C. A. (2017). A transmissão psíquica do fantasma patológico enquanto objeto transgeracional: uma análise do filme “Volver”. *Ágora, 20*(1), 207-222.
- Adami-Lauand, C. B., & Ribeiro, R. P. P. (2011). A herança transgeracional nos transtornos alimentares: algumas reflexões. *Psicologia USP, 22*(4), 927-942.
- Almeida, A. T. C., & Netto Júnior, J. L. S. (2015). Medidas de transmissão intergeracional da obesidade no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva, 20*(5), 1401-1414.
- Almeida, M. E. S. (2010). Uma proposta sobre a transgeracionalidade: o absoluto. *Ágora, 13*(1), 93-108.
- Almeida, M. E., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Transmissão geracional da profissão na família: repetição e diferenciação. *Psico, 45*(4), 454-462.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos, 9*(1), 32-50.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. *Temas em Psicologia, 25*(2), 487-501.
- Andolfi, M. (1989). *Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Annus, A. M., Smith, G. T., Fischer, S., Hendricks, M., & Williams, S. F. (2007). Associations among family-of-origin food-related experiences, expectancies, and disordered eating. *International Journal of Eating Disorders, 40*, 179-186.

- Araújo, C., & Scalon, C. (2005). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas.
- Arroyo, A., Segrin, C., & Andersen, K. K. (2017). Intergenerational transmission of disordered eating: Direct and indirect maternal communication among grandmothers, mothers, and daughters. *Body Image, 20*, 107-115.
- Bachand, L. L., & Caron, S. L. (2001). Ties that bind: a qualitative study of happy long-term marriages. *Contemporary Family Therapy, 23*(1), 105-121.
- Ballard, M. B., Fazio-Griffith, L., & Marino, R. (2016). Transgenerational family therapy: a case study of a couple in crisis. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, 24*(2), 109-113.
- Barbosa, C. G., Neme, C. M. B., & Melchiori, L. E. (2011). A família e o indivíduo no curso vital: compreensão trigeracional sobre a morte e o morrer. *Revista Mal-Estar e Subjetividade, XI*(3), 967-1011.
- Barros, M. M. L. (2013). Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas. *Cadernos Adenauer, XIV*(3), 125-143.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói, (32)*, 205-226.
- Bérgamo, L. P. D., & Bazon, M. R. (2010). Experiências infantis e risco de abuso físico: mecanismos envolvidos na repetição da violência. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(4), 710-719.
- Bernd, Z., & Soares, T. R. (2016). Modos de transmissão intergeracional em romances da literatura brasileira atual. *Alea, 18*(3), 405-421.
- Bertin, I. P., & Passos, M. C. (2013). A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. *Interações, 8*(15), 65-79.

- Black, D. S., Sussman, S., & Unger, J. B. (2010). A further look at the intergenerational transmission of violence: witnessing interparental violence in emerging adulthood. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(6), 1022-1042.
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2011). Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. *Estudos de Psicologia, 16*(2), 171-177.
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2013). Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. *Estudos de Psicologia, 30*(2), 177-185.
- Borges, C. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 66*(3), 89-103.
- Bortolini, M., & Piccinini, C. A. (2015). Transmissão intergeracional do apego seguro: evidências a partir de dois casos. *Psicologia em Estudo, 20*(2), 247-259.
- Botti, N. C. L., Machado, J. S. A., Tameirão, F. V., Costa, B. T., & Benjamin, M. L. N. (2014). Funcionamento transgeracional de famílias de usuários de crack. *Psicologia Argumento, 32*(76), 45-55.
- Botton, A., Cúnico, S. D., Barcinski, M., & Strey, M. N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando Famílias, 19*(2), 43-56.
- Bowen, M. (1989). *La terapia familiar en la practica clinica. Vol. I – Fundamentos teóricos*. Bilbao: Editorial Desclee de Brouwer.
- Bozon, M. (2003). Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu, 20*, 131-156.
- Braga, L. L., Mello, M. F., & Fiks, J. P. (2012). Transgenerational transmission of trauma and resilience: a qualitative study with Brazilian offspring of Holocaust survivors. *BMC Psychiatry, 12*(134), 1-11.

- Brasileiro, R. F., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero e a transição para a parentalidade. *Psico*, 33(2), 289-310.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Bridgett, D. J., Kanya, M. J., Rutherford, H. J. V., & Mayes, L. C. (2017). Maternal executive functioning as a mechanism in the intergenerational transmission of parenting: preliminary evidence. *Journal of Family Psychology*, 31(1), 19–29.
- Brook, J. S., Rubenstone, E., Zhang, C., Finch, S. J., & Brook, D. W. (2013). The intergenerational transmission of smoking in adulthood: a 25-year study of maternal and offspring maladaptive attributes. *Addictive Behaviors*, 38(7), 2361-2366.
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Do transgeracional na perspectiva Sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da Psicanálise. In M. A. Penso, L. F. Costa (Orgs.), *A Transmissão Geracional em Diferentes Contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 76-98). São Paulo: Summus.
- Bueno, R. K., Souza, S. A., Monteiro, M. A., & Teixeira, R. H. M. (2013). Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. *Psico*, 44(1), 16-25.
- Cabral, S., & Levandowski, D. (2012). Representações de mães adolescentes: aspectos intergeracionais na relação mãe-criança. *Fractal*, 24(3), 543-562.
- Campos, D. C. (2012). Saudade da família no futuro ou o futuro sem família? In M. N. Baptista, M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenções* (pp. 74-86). Porto Alegre: Artmed.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2011). *A mudança do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.

- Carvalho, F. C. G., & Paiva, M. L. S. C. (2010). O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia*, 59(131), 223-235.
- Cervený, C. M. O. (1994). *A família como modelo desconstruindo a patologia*. Campinas: Editorial Psy II.
- Coelho, M. I. S. M., & Morais, N. A. (2014). Contribuições da Teoria Sistêmica acerca da Alienação Parental. *Contextos Clínicos*, 7(2), 168-181.
- Coelho, S. V. (2007). A transmissão de padrões familiares: o ciclo de vida e recursos instrumentais. In J. G. Aun, M. J. E. Vasconcellos, S. V. Coelho (Orgs.), *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais: volume II – O processo de atendimento sistêmico, tomo II* (pp. 294-367). Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa.
- Coelho, S. V. (2012). Parte III – Abordagens psicossociais da família. In J. G. Aun, M. J. E. Vasconcellos, S. V. Coelho (Orgs.), *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais: volume I – Fundamentos teóricos e epistemológicos* (3a ed.) (pp. 175-263). Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa.
- Colossi, P. M., Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem. *Psico*, 46(4), 493-502.
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22(2), 83-106.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Cui, M., Fincham, F. D., & Pasley, B. K. (2008). Young Adult Romantic Relationships: The Role of Parents’ Marital Problems and Relationship Efficacy. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34(9), 1226-1235.

- Cunha, V. S., & Wendling, M. I. (2011). Aspectos transgeracionais da gravidez na adolescência na perspectiva de mães e filhas residentes em Parobé e Taquara (RS). *Contextos Clínicos*, 4(1), 28-41.
- Daure, I., & Reveyrand-Coulon, O. (2009). Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. *Psicologia Clínica*, 21(2), 415-429.
- Dennison, R. P., Koerner, S. S., & Segrin, C. (2014). A dyadic examination of family-of-origin influence on newlyweds' marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 28(3), 429-435.
- Dinero, R. E., Conger, R. D., Shaver, P. R., Widaman, K. F., & Larsen-Rife, D. (2008). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Journal of Family Psychology*, 22(4), 622-632.
- Diniz, P. K. C., & Salomão, N. M. R. (2010). Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paideia*, 20(46), 145-154.
- Ehrensaft, M. K., & Cohen, P. (2012). Contribution of family violence to the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Prevention Science*, 13, 370-383.
- Ehrensaft, M. K., Knous-Westfall, H. M., & Cohen, P. (2011). Direct and indirect transmission of relationship functioning across generations. *Journal of Family Psychology*, 25(6), 942-952.
- Eley, T. C., McAdams, T. A., Rijdsdijk, F., V., Lichtenstein, P., Narusyte, J., Reiss, D., Spotts, E. L., Ganiban, J. M., & Neiderhiser, J. M. (2015). The intergenerational transmission of anxiety: a children-of-twins study. *American Journal of Psychiatry*, 172(7), 630-637.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Fasang, A. E., & Raab, M. (2014). Beyond transmission: intergenerational patterns of family formation among middle-class american families. *Demography*, 51, 1703-1728.

- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paideia*, 20(46), 269-278.
- Féres-Carneiro, T. F., Lisboa, A. V., & Magalhães, A. S. (2011). Transmissão psíquica geracional familiar no adoecimento somático. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(2), 1-121.
- Fiorin, P. C., Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 25-35.
- Fivush, R., Bohanek, J. G., & Zaman, W. (2010). Personal and intergenerational narratives in relation to adolescents' well-being. In T. Habermas (Ed.), *The development of autobiographical reasoning in adolescence and beyond*. New Directions for Child and Adolescent Development, 131, 45-57.
- Fleck, A. C., Falcke, D., & Hackner, I. T. (2014). Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 107-121). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Franco, R. S., & Sei, M. B. (2016). Identidade e relações familiares: transmissão psíquica em “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum. *Pensando Famílias*, 20(2), 177-191.
- Fuks, M. (2011). Efeitos diretos, indiretos e tardios: trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. *Lua Nova*, 83, 145-178.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261.
- Garcia, N. M., Yunes, M. A. M., Chaves, P. F., & Santos, L. O. (2007). Educando meninos e meninas: transmissão geracional da pesca artesanal no ambiente familiar. *Psicologia da Educação*, 25, 93-112.

- Gomes, I. C. & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP*, 20(1), 93-108.
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.
- Gover, A. R., Kaukinen, C., & Fox, K. A. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1667-1693.
- Grizólio, T. C.; Scorsolini-Comin, F.; & Santos, M. A. (2015). The perception of parenting couples engaged in long-term marriages. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 657-667.
- Gutierrez, I. A., Goodwin, L. J., Kirkinis, K., & Mattis, J. S. (2014). Religious socialization in african american families: the relative influence of parents, grandparents, and siblings. *Journal of Family Psychology*, 28(6), 779-789.
- Hardy, N. R., Soloski, K. L., Ratcliffe, G. C., Anderson, J. R., & Willoughby, B. J. (2015). Associations between family of origin climate, relationship self-regulation, and marital outcomes. *Journal of Marital and Family Therapy*, 41(4), 508-521.
- Hare, A. L., Miga, E. M., & Allen, J. P. (2009). Intergenerational transmission of aggression in romantic relationships: the moderating role of attachment security. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 808-818.
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2014). Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. *Barbarói*, 41(1), 119-147.
- Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. (2016). *Estatística do Registro Civil 2016*. Rio de Janeiro, Autor. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2016_v43_informativo.pdf.

Acesso em: 11/06/2018.

- Islam, T. M., Tareque, M. I., Tiedt, A. D., & Hoque, N. (2014). The intergenerational transmission of intimate partner violence in Bangladesh. *Global Health Action*, 7, 1-11.
- Jablonski, B. (2005). Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: Novas tendências? In T. Féres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: Efeitos da contemporaneidade* (pp. 93-110). Rio de Janeiro, RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Jarnecke, A. M., & South, S. C. (2013). Attachment orientations as mediators in the intergenerational transmission of marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 27(4), 550-559.
- Jeon, S., & Neppl, T. K. (2016). Intergenerational continuity in economic hardship, parental positivity, and positive parenting: the association with child behavior. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 22-32.
- Kim, H. K., Pears, K. C., Capaldi, D. M., & Owen, L. D. (2009). Emotion dysregulation in the intergenerational transmission of romantic relationship conflict. *Journal of Family Psychology*, 23(4), 585-595.
- Lisboa, A. V., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2007). Transmissão intergeracional da cultura: Um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, 12, 51-59.
- Mandal, M., & Hindin, M. J. (2015). Keeping it in the family: intergenerational transmission of violence in Cebu, Philippines. *Maternal and Child Health Journal*, 19, 598-605.
- Mannheim, K. (1982). O problema sociológico das gerações. In M. M. Foracchi (Org.), *Karl Mannheim: Sociologia*, (pp 67-95). São Paulo: Ática.

- Marasca, A. R., Razera, J. Pereira, H. J. R., & Falcke, D. (2017). Marital physical violence suffered and committed by men: repeating family patterns? *Psico-USF*, 22(1), 99-108.
- Marcon, S. S., Navarro, F. M., Hayakawa, L. Y., Scardoelli, M. G. C., & Waidman, M. A. P. (2008). Relações familiares ante os valores e costumes em diferentes etnias. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 9(2), 9-19.
- Marin, A. H., Martins, G. D. F., Freitas, A. P. C. O., Silva, I. M., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(2), 123-132.
- Martins, E. M. A. (2005). *Família e o processo de individuação na perspectiva de Murray Bowen*. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador.
- McCloskey, L. A. (2013). The intergenerational transfer of mother–daughter risk for gender-based abuse. *Psychodynamic Psychiatry*, 41(2), 303–328.
- McGoldrick, M. (2011). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs.), *A mudança do ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.), (pp. 184-205). Porto Alegre: Artmed.
- McGoldrick, M., Gerson, R., & Petry, S. (2012). *Genogramas: avaliação e intervenção familiar* (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Melchior, M., Chastang, J. F., Mackinnon, D., Galéra, C., & Fombonne, E. (2010). The intergenerational transmission of tobacco smoking - The role of parents' long-term smoking trajectories. *Drug and Alcohol Dependence*, 107, 257-260.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na Enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.

- Merz, E. M., & Jak, S. (2013). The long reach of childhood. Childhood experiences influence close relationships and loneliness across life. *Advances in Life Course Research, 18*, 212-222.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & the PRISMA Group. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *Annals of Internal Medicine, 151*(4), 264-269.
- Morrongiello, B. A., Corbett, M., & Bellissimo, A. (2008). "Do as I say, not as I do": family influences on children's safety and risk behaviors. *Health Psychology, 27*(4), 498-503.
- Mosmann, C.P., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP, 12*(2), 5-16.
- Mustonen, U., Huurre, T., Kiviruusu, O., Haukkala, A., & Aro, H. (2011). Long-term impact of parental divorce on intimate relationship quality in adulthood and the mediating role of psychosocial resources. *Journal of Family Psychology, 25*(4), 615-619.
- Neppl, T. K., Conger, R. D., Scaramella, L. V., & Ontai, L. L. (2009). Intergenerational continuity in parenting behavior: mediating pathways and child effects. *Developmental Psychology, 45*(5), 1241-1256.
- Neppl, T. K., Lohman, B. J., Senia, J. M., Kavanaugh, S. A., & Cui, M. (2017). Intergenerational Continuity of Psychological Violence: Intimate Partner Relationships and Harsh Parenting. *Psychology of Violence*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000129>
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: conceitos e métodos* (7a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Paes, F. F., & Rudge, A. M. (2011). "Está no sangue": transmissão e psicanálise. *Revista Eletrônica do Núcleo Sephora, 6*(12).

- Pereira, I. S. A., & Silva, J. C. (2013). Escolha conjugal feminina: uma análise intergeracional segundo uma perspectiva crítica em Psicologia. *Psicologia em Estudo, 18*(3), 407-417.
- Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica, 17*(2), 15-29.
- Poppel, F. V., Monden, C., Mandemakers, K. (2008). Marriage timing over the generations. *Human Nature, 19*, 7-22.
- Pratt, M. W., Norris, J. E., Hebblethwaite, S., & Arnold, M. L. (2008). Intergenerational transmission of values: family generativity and adolescents' narratives of parent and grandparent value teaching. *Journal of Personality, 76*(2), 171-198.
- Quissini, C. & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando Famílias, 18*(2), 34-47.
- Raby, K. L., Lawler, J. M., Shlafer, R. J., Hesemeyer, P. S., Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (2015). The interpersonal antecedents of supportive parenting: a prospective, longitudinal study from infancy to adulthood. *Developmental Psychology, 51*(1), 115-123.
- Raudino, A., Fergusson, D. M., Woodward, L. J., & Horwood, L. J. (2013). The intergenerational transmission of conduct problems. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 48*, 465-476.
- Rossano, M. J. (2012). The essential role of ritual in the transmission and reinforcement of social norms. *Psychological Bulletin, 138*(3), 529-549.
- Santos, B. F. M. C., & Cervený, C. M. O. (2013). Repetição de nome próprio: vínculos familiares e culturais. *Vínculo – Revista do NESME, 10*(1), 1-37.
- Santos, C. M. C., Pimenta, C. A. M., & Nobre, M. R. C. (2007). A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 15*(3), 508-511.

- Santos, V. O., & Ghazzi, M. S. (2012). A transmissão psíquica geracional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(3), 632-647.
- Schmidt, B., Bolze, S. D. A., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2015). Relacionamento conjugal e características sociodemográficas de casais heteroafetivos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(3), 871-890.
- Scorsolini-Comin, F. & Alves-Silva, J. D. (2016). Casamentos de longa duração: apontamentos a partir da Psicologia Positiva. In B. L. Seibel, M. Poletto, & S. H. Koller (Orgs.), *Psicologia Positiva: Teoria, Pesquisa e Intervenção* (pp. 267-288). Curitiba: Juruá.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Família interdita: Transgeracionalidade e subjetivação em três obras ficcionais. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 17(2), 255-266.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). A transmissão psíquica na poética familiar de Almodóvar – *Volver* (2006) e *Tudo sobre minha mãe* (1999). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(3), 287-295.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2014). De que substância é feito o amor? A construção da conjugalidade em Guimarães Rosa. *Revista Subjetividades*, 14(1), 17-28.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Construir, organizar, transformar: Considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, 28(1), 141-160.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. (2015). Relações entre conjugalidade dos pais, conjugalidade dos filhos e bem-estar subjetivo. *Psico-USF*, 20(3), 481-492.
- Senia, J. M., Neppel, T. K., Gudmunson, C. G., Donnellan, M. B., & Lorenz, F. O. (2016). The intergenerational continuity of socioeconomic status: effects of parenting, personality, and age at first romantic partnership. *Journal of Family Psychology*, 30(6), 647-656.

- Silva, E. C., Rocha, R., Bobato, S. T., Becker, A. P. S., & Lorenzetti, N. (2015). Heranças psíquicas geracionais e a conjugalidade contemporânea: uma revisão sistemática. *Pensando Famílias, 19*(1), 19-31.
- Silva, I. M., Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia, 27*(3), 383-391.
- Simons, L. G., Simons, R. L., Landor, A. M., Bryant, C. M., & Beach, S. R. H. (2014). Factors linking childhood experiences to adult romantic relationships among african americans. *Journal of Family Psychology, 28*(3), 368-379.
- Sipsma, H., Biello, K. B., Cole-Lewis, H., & Kershaw, T. (2010). Like father, like son: the intergenerational cycle of adolescent fatherhood. *American Journal of Public Health, 100*, 517-524.
- Surjadi, F. F., Lorenz, F. O., Conger, R. D., & Wickrama, K. A. S. (2013). Harsh, inconsistent parental discipline and romantic relationships: mediating processes of behavioral problems and ambivalence. *Journal of Family Psychology, 27*(5), 762-772.
- Tassara, V., Norton, R. C., & Marques, W. E. U. (2010). Importância do contexto sociofamiliar na abordagem de crianças obesas. *Revista Paulista de Pediatria, 28*(3), 309-314.
- Terres-Trindade, M., Souza, F. P., & Predebon, J. C. (2012). Intergeracionalidade e educação: a perpetuação de práticas educativas maternas. *Pensando Famílias, 16*(2), 29-45.
- Tondowski, C. S., Feijó, M. R., Silva, E. A., Gebara, C. F. P., Sanchez, Z. M., & Noto, A. R. (2014). Padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: um estudo baseado em genogramas. *Psicologia Reflexão e Crítica, 27*(4), 806-814.

- Valdanha, E. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Anorexia nervosa e transmissão psíquica transgeracional. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, *16*(1), 71-88.
- Valdanha-Ornelas, E. D., & Santos, M. A. (2016). Family psychic transmission and anorexia nervosa. *Psico-USF*, *21*(3), 635-649.
- Valdanha-Ornelas, E. D., & Santos, M. A. (2017). Transtorno alimentar e transmissão psíquica transgeracional em um adolescente do sexo masculino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *37*(1), 176-191.
- Van Doorn, M. D., Branje, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2007). Longitudinal transmission of conflict resolution styles from marital relationships to adolescent–parent relationships. *Journal of Family Psychology*, *21*(3), 426–434.
- Vézina, J., Hébert, M., Poulin, F., Lavoie, F., Vitaro, F., & Tremblay, R. E. (2015). History of family violence, childhood behavior problems, and adolescent high-risk behaviors as predictors of girls' repeated patterns of dating victimization in two developmental periods. *Violence Against Women*, *21*(4), 435-459.
- Villas-Boas, S., Oliveira, C. S., & Las Heras, S. (2014). Tarefas domésticas e gênero: Representações de estudantes do ensino superior. *Revista ex aequo*, (30), 113-129.
- Vung, N. D., & Krantz, G. (2009). Childhood experiences of interparental violence as a risk factor for intimate partner violence: a population based study from northern Vietnam. *Journal of Epidemiology and Community Health*, *63*, 708-714.
- Wagner, A. & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade. *Psicologia Clínica*, *13*(2), 11-24.

- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2014). Transgeracionalidade e educação: Como se perpetua a família? In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 93-105). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Wang, M., Xing, X., & Zhao, J. (2014). Intergenerational transmission of corporal punishment in china: the moderating role of marital satisfaction and gender. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42, 1263-1274.
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações – transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paideia*, 16(35), 407-414.
- Weden, M. M., & Miles, J. N. V. (2012). Intergenerational relationships between the smoking patterns of a population-representative sample of US mothers and the smoking trajectories of their children. *American Journal of Public Health*, 102(4), 723-731.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.
- Whitton, S. W., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2008). Effects of parental divorce on marital commitment and confidence. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 789-793.
- Whitton, S. W., Waldinger, R. J., Schulz, M. S., Allen, J. P., Crowell, J. A., & Hauser, S. T. (2008). Prospective associations from family-of-origin interactions to adult marital interactions and relationship adjustment. *Journal of Family Psychology*, 22, 274-286.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (5a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2012). Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 57-74.

- Zerach, G., Levin, Y., Aloni, R., & Solomon, Z. (2017). Intergenerational transmission of captivity trauma and posttraumatic stress symptoms: a twenty three-year longitudinal triadic study. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 9(S1), 114–121.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2014). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-culturais do casamento. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Apêndices

APÊNDICE A

ESTRATÉGIA DE BUSCA DOS ARTIGOS NAS BASES DE DADOS

Critérios de inclusão: artigos publicados em periódicos indexados; redigidos nos idiomas português, inglês ou espanhol; e publicados no período de janeiro de 2007 a outubro de 2017.

Descritores escolhidos: família, casamento, relações entre gerações, relações familiares, relações conjugais, família de origem, transmissão familiar, transgeracionalidade, transmissão psíquica entre gerações, genograma, padrões transgeracionais, herança transgeracional e repetição intergeracional.

Bases de dados: MEDLINE, LILACS, SciELO, PsycINFO e PePSIC.

Combinações realizadas:

- 1) família OR family AND casamento OR marriage
- 2) família OR family AND transgeracionalidade OR transgenerationality
 - 2.1) família OR family AND transmissão psíquica entre gerações OR psychic transmission between generations
 - 2.2) família OR family AND relações entre gerações OR intergenerational relations
 - 2.3) família OR family AND relações conjugais OR marital relations
 - 2.4) família OR family AND transmissão familiar OR family transmission
 - 2.5) família OR family AND genograma OR genogram
 - 2.6) família OR family AND padrões transgeracionais OR transgenerational patterns
 - 2.7) família OR family AND herança transgeracional OR transgenerational heritage
 - 2.8) família OR family AND repetição intergeracional OR intergenerational repetition
- 3) casamento OR marriage AND transgeracionalidade OR transgenerationality

-
- 3.1) casamento OR marriage AND transmissão psíquica entre gerações OR psychic transmission between generations
 - 3.2) casamento OR marriage AND relações entre gerações OR intergenerational relations
 - 3.3) casamento OR marriage AND relações familiares OR family relations
 - 3.4) casamento OR marriage AND transmissão familiar OR family transmission
 - 3.5) casamento OR marriage AND genograma OR genogram
 - 3.6) casamento OR marriage AND padrões transgeracionais OR transgenerational patterns
 - 3.7) casamento OR marriage AND herança transgeracional OR transgenerational heritage
 - 3.8) casamento OR marriage AND repetição intergeracional OR intergenerational repetition
 - 4.0) família de origem OR family of origin AND casamento OR marriage
 - 4.1) família de origem OR family of origin AND transgeracionalidade OR transgenerationality
 - 4.2) família de origem OR family of origin AND transmissão psíquica entre gerações OR psychic transmission between generations
 - 4.3) família de origem OR family of origin AND relações entre gerações OR intergenerational relations
 - 4.4) família de origem OR family of origin AND relações familiares OR family relations
 - 4.5) família de origem OR family of origin AND relações conjugais OR marital relations
 - 4.6) família de origem OR family of origin AND transmissão familiar OR family transmission
 - 4.7) família de origem OR family of origin AND genograma OR genogram
 - 4.8) família de origem OR family of origin AND padrões transgeracionais OR transgenerational patterns
 - 4.9) família de origem OR family of origin AND herança transgeracional OR transgenerational heritage

- 4.10) família de origem OR family of origin AND repetição intergeracional OR intergenerational repetition
- 5.0) relações familiares OR family relations AND transgeracionalidade OR transgenerationality
- 5.1) relações familiares OR family relations AND transmissão psíquica entre gerações OR psychic transmission between generations
- 5.2) relações familiares OR family relations AND relações entre gerações OR intergenerational relations
- 5.3) relações familiares OR family relations AND relações conjugais OR marital relations
- 5.4) relações familiares OR family relations AND transmissão familiar OR family transmission
- 5.5) relações familiares OR family relations AND genograma OR genogram
- 5.6) relações familiares OR family relations AND padrões transgeracionais OR transgenerational patterns
- 5.7) relações familiares OR family relations AND herança transgeracional OR transgenerational heritage
- 5.8) relações familiares OR family relations AND repetição intergeracional OR intergenerational repetition
- 6.0) relações conjugais OR marital relations AND transgeracionalidade OR transgenerationality
- 6.1) relações conjugais OR marital relations AND transmissão psíquica entre gerações OR psychic transmission between generations
- 6.2) relações conjugais OR marital relations AND relações entre gerações OR intergenerational relations
- 6.3) relações conjugais OR marital relations AND transmissão familiar OR family transmission
- 6.4) relações conjugais OR marital relations AND genograma OR genogram

6.5) relações conjugais OR marital relations AND padrões transgeracionais OR transgenerational patterns

6.6) relações conjugais OR marital relations AND herança transgeracional OR transgenerational heritage

6.7) relações conjugais OR marital relations AND repetição intergeracional OR intergenerational repetition

7.0) transgeracionalidade OR transgenerationality

8.0) transmissão psíquica entre gerações OR psychic transmission between generations

APÊNDICE B**Roteiro de entrevista semiestruturada****Identificação do participante**

Nome:		Idade:
Casamento civil () Casamento civil e religioso () União estável ()		
Tempo de casamento:	Nº filhos:	
Nomes e idades dos filhos:		
Religião:	Escolaridade:	Profissão:

Família de origem

- Onde e quando você nasceu?
- Quem morava com você? Algum outro parente morava na casa?
- Quantos irmãos você tem? (conhecer a estrutura da família de origem)
- Como era o convívio familiar?
- Como era seu relacionamento com seus pais? E com seus irmãos?
- Como você descreveria a maneira como seus pais o criaram?
- Quais eram as expectativas de seus pais em relação a você?
- As expectativas da sua família o influenciaram? Se sim, de que maneira?
- Quem você considera que marcou a sua infância? E adolescência? (Conhecer a história).
- Como era o convívio com a família extensa (avós, tios, primos)?
- Quais eram os costumes, tradições e valores da sua família?
- Qual era a visão da sua família sobre família e casamento?
- Casar-se e constituir família fazia parte dos seus planos?

- De que maneira a visão da sua família o influenciou?

Família nuclear e o próprio casamento

- O que é família pra você?
- Que valores você considera ter herdado de sua família de origem? O que não considera ter herdado?
- O que é casamento pra você?
- Qual era a expectativa da sua família para o seu casamento? E as suas?
- Há quanto tempo você conhece seu cônjuge? Como se conheceram?
- O que o atraiu em seu cônjuge?
- Qual era a visão do seu cônjuge sobre família e casamento?
- Quanto tempo você namoraram antes de se casar/morar juntos?
- Quando surgiu a decisão de se casarem? O que motivou essa decisão?
- Sua família influenciou a sua escolha conjugal? Se sim, de que forma?
- Houve noivado? Como foi?
- Sua família apoiou/apoia seu casamento?
- Como foi a cerimônia de casamento? Como foi a participação de sua família?
- Em que os valores na sua família de origem eram semelhantes ou diferentes dos valores na família de origem de seu cônjuge? Como isso pode ter afetado seu relacionamento?
- Como foi construir o relacionamento conjugal com seu cônjuge?
- Como foi o início do casamento para você? Quais eram as suas expectativas?
- O que você considera como pontos positivos do seu casamento? Você vê essas características no casamento de seus filhos e netos?

- O que você considera como pontos negativos do seu casamento? Você vê essas características no casamento de seus filhos e netos?
- Ser pai/mãe era um plano/desejo seu? Quais eram as expectativas?
- Como era seu casamento antes da chegada dos filhos?
- Como ficou o relacionamento conjugal após a chegada dos filhos? E o relacionamento com a família de origem?
- Como a convivência conjugal e familiar foi se transformando com o crescimento dos filhos?
- Quais semelhanças e diferenças você percebe entre a educação que você recebeu de seus pais e a que transmitiu aos seus filhos?

Casamento dos filhos (*roteiro para a 1ª e 2ª gerações*)

- Como foi a experiência do nascimento dos filhos?
- Quais expectativas você tinha para seus filhos? Elas foram correspondidas?
- Quais valores você acredita ter passado para seus filhos sobre família e casamento?
- Como foi para você lidar com as escolhas amorosas dos filhos?
- Quais semelhanças e diferenças você observa entre seu casamento e o de seus filhos?
- Como foi a experiência do casamento dos filhos?
- Como é sua relação com os filhos hoje?

Casamento dos netos (*roteiro para a 1ª geração*)

- Como foi a experiência do nascimento dos netos?
- Quais expectativas você tinha para seus netos? Elas foram correspondidas?

- Quais valores você acredita ter passado para seus netos sobre família e casamento?
- Como foi para você lidar com as escolhas amorosas dos netos?
- Quais semelhanças e diferenças você observa entre seu casamento e o de seus netos?
- Como foi a experiência do casamento dos netos?
- Como é a sua relação com os netos?

Perguntas complementares

- Como é a sua família hoje?
- Como é o seu casamento hoje?
- Como é a sua rotina? Sua família participa dela?
- O que você pensa sobre os casamentos de hoje?
- Você teria feito algo diferente em sua vida? Se sim, o que?
- Gostaria de dizer mais alguma coisa que não tenha sido abordada durante a entrevista?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS DE PESQUISA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - Uberaba-MG Comitê de Ética em Pesquisa-CEP

Título do Projeto: Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado a participar do estudo *Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações*. Os avanços na área da família e da conjugalidade ocorrem por meio de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é investigar o modo como os significados atribuídos ao casamento são transmitidos entre três gerações familiares.

Caso esteja de acordo, você participará em um primeiro momento de uma entrevista individual, com duração aproximada de uma hora, cujas perguntas são relacionadas à sua experiência familiar e conjugal, além da influência da família na atribuição de significados ao casamento. Em um segundo momento, você participará da construção de um genograma familiar em conjunto com os membros da sua família que também aceitaram participar deste estudo. Tudo o que você disser será utilizado somente para este estudo e mantido sob absoluto sigilo, uma vez que utilizaremos um nome fictício para não identificá-lo(a), garantindo o seu anonimato. Dessa forma, considerando as condições de realização da pesquisa, o local será um ambiente reservado que permita uma melhor realização da coleta de dados, contanto que se resguarde a privacidade e o conforto material e psicológico dos participantes.

A entrevista será audiogravada, se você assim o permitir, para evitar que nada do que for dito seja perdido, fazendo com que nenhum detalhe importante passe despercebido pelo pesquisador. Os dados deste estudo farão parte do meu trabalho de conclusão da Pós-Graduação *Stricto Sensu* e poderão ser divulgados em artigos e congressos científicos, sendo que a sua identidade será sempre preservada. Dados mais específicos que porventura possam identificá-lo(a) serão omitidos.

Mesmo não correndo riscos em participar desta pesquisa, alguns conteúdos abordados podem trazer algum tipo de desconforto psicológico. Caso aconteça de você passar por algum desconforto, poderá conversar com o(a) pesquisador(a)-responsável, que é psicólogo(a) e psicoterapeuta. Se necessário, será oferecida a possibilidade de você receber atendimento psicológico a cargo desse(a) profissional ou de outro(a) por ele indicado, vinculado ao Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CEPPA-UFTM).

Você poderá obter todas as informações que quiser; você poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo e somente será identificado por um número, por uma letra ou outro código.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto:

Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi o objetivo do estudo e a qual procedimento serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada. Sei que o meu nome não será divulgado e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo.

Uberaba,//.....

Assinatura do participante

Documento de identidade

Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato dos pesquisadores:

Júnia Denise Alves Silva. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGP-UFTM). Telefone: (34) 99120-6056.

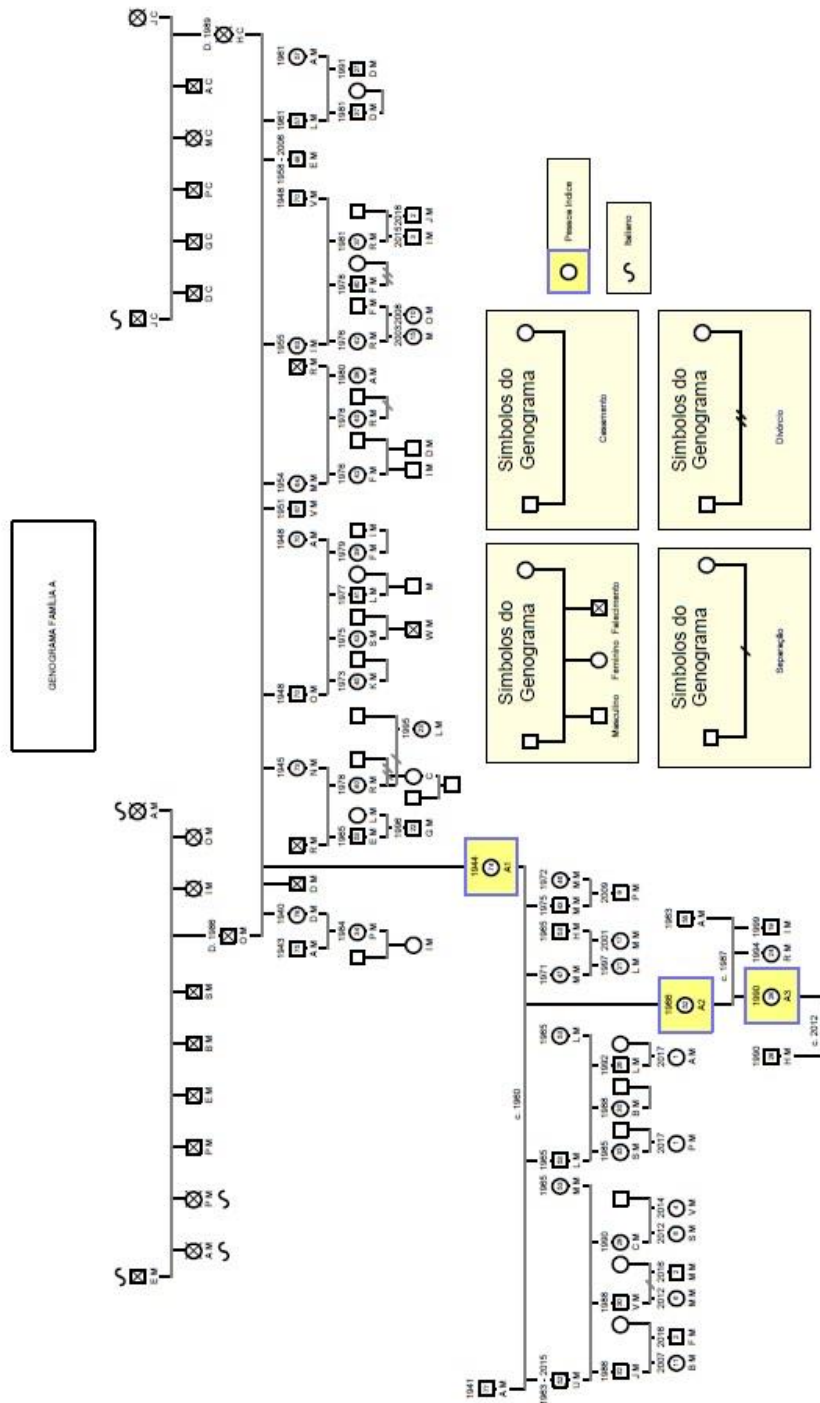
Fabio Scorsolini-Comin. Pesquisador Responsável, Psicólogo e professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGP-UFTM). Telefone: (16) 99151-3850.

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo telefone 3700-6854.

APÊNDICE D

Genogramas das famílias entrevistadas

Genograma Família A



ANEXO A

Parecer de aprovação do projeto de pesquisa



Continuação do Parecer: 2.295.591

Considerações Finais a critério do CEP:

A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFTM dá-se em decorrência do atendimento à Resolução CNS 466/12 e norma operacional 001/2013, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Conforme prevê a legislação, são responsabilidades, indelegáveis e indeclináveis, do pesquisador responsável, dentre outras: comunicar o início da pesquisa ao CEP; elaborar e apresentar os relatórios parciais (semestralmente) e final. Para isso deverá ser utilizada a opção 'notificação' disponível na Plataforma Brasil.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_914474.pdf	19/09/2017 23:36:16		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	19/09/2017 23:35:40	Fabio Scorsolini Comin	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProtocoloCEPJuniaDeniseAlvesSilva.doc	19/09/2017 23:35:26	Fabio Scorsolini Comin	Aceito
Outros	AutorizacaoJuniaCEPPA.pdf	05/07/2017 11:38:01	Fabio Scorsolini Comin	Aceito
Folha de Rosto	Folhatransgeracionalidade.pdf	28/06/2017 22:00:20	Fabio Scorsolini Comin	Aceito
Outros	Roteirodeentrevistasemiestruturada.pdf	01/06/2017 17:58:22	Fabio Scorsolini Comin	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERABA, 25 de Setembro de 2017

p/ Alessandra

Prof.ª Alessandra Cavalari de Albuquerque e Souza
Coordenadora do CEP de UFTM

Assinado por:

Marly Aparecida Spadotto Balarin
(Coordenador)

Endereço: Rua Madre Maria José, 122
Bairro: Nossa Sra. Abadia CEP: 38.025-100
UF: MG Município: UBERABA
Telefone: (34)3700-6776 E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br